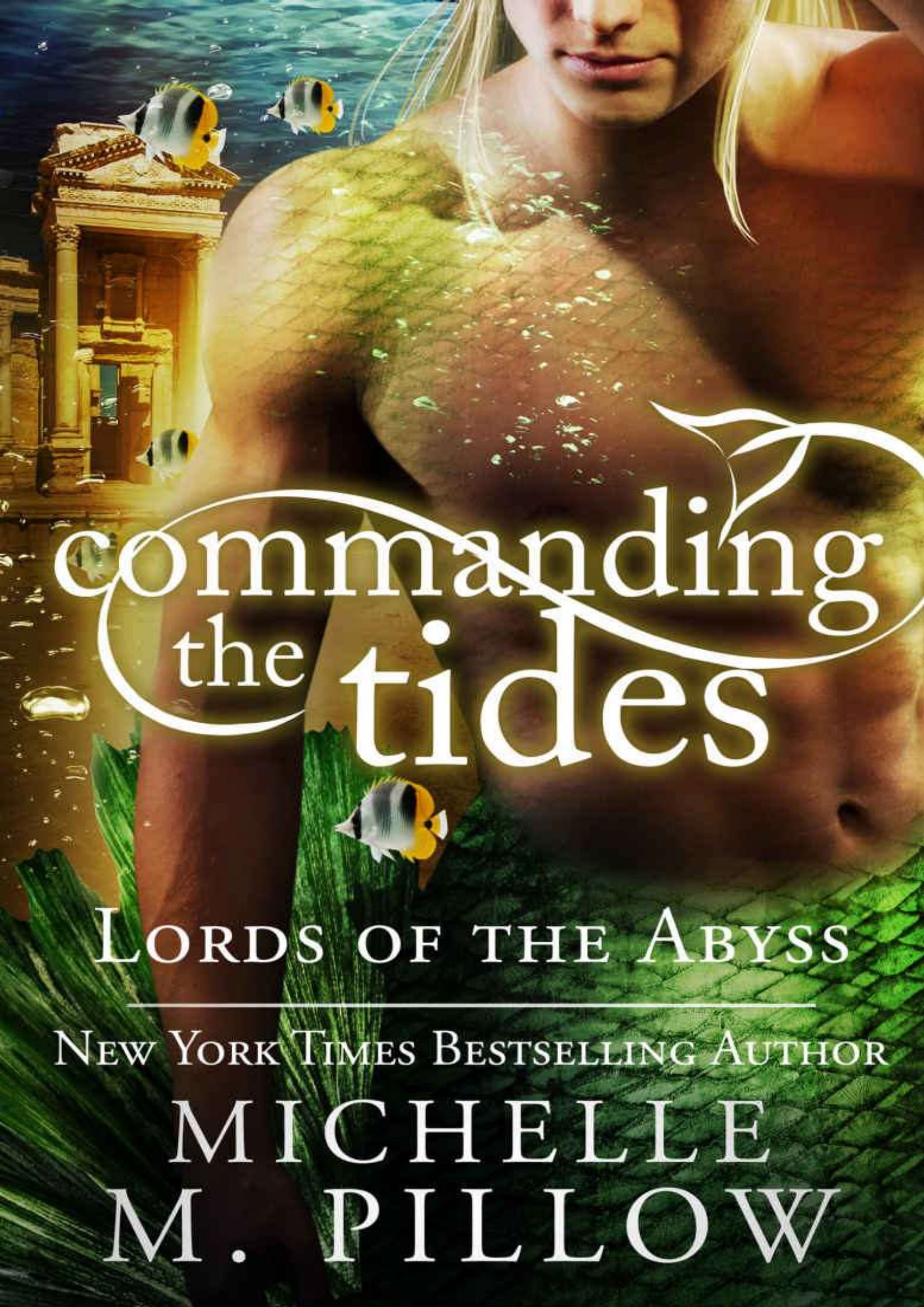




commanding the tides

LORDS OF THE ABYSS

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

MICHELLE
M. PILLOW





A tradução desta obra foi efetuada pelo Grupo Rhealeza Traduções {GRT}, de forma a levar ao leitor, acesso parcial à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária. O grupo RHEALEZA tem como objetivo a tradução e disponibilização parcial de livros sem previsão de publicação no Brasil, sem portanto, qualquer obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais de autores e editoras, o grupo, sem aviso prévio e quando julgar necessário, poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado dos membros do grupo e que jamais deverá ser compartilhado em quaisquer rede social (Facebook, grupos, blogs, sites) ou ainda, quaisquer outros de domínio público, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao disponibilizar a obra, também responderá pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo Rhealeza de qualquer parceria, coautoria, ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal Brasileiro e Lei nº 9610/1998.

Rhealeza TRADUÇÕES

Presents



Staff

Tradução: Kytzia Farah

Revisão: Métis Nórsia

Revisão Final: Selene

Leitura: hera

Formatação: CibeLe

Grupo Rhealeza traduções

04/2017

COMMANDING THE TIDES

Série Lords of the Abyss #2

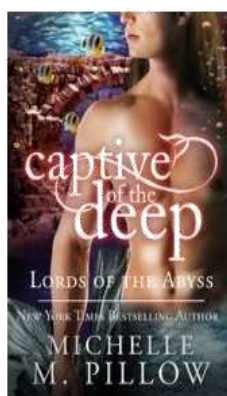
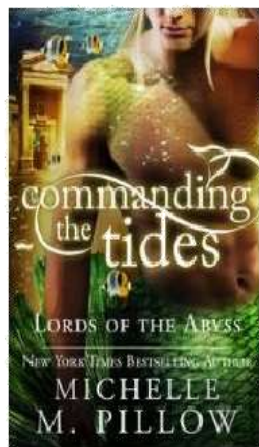
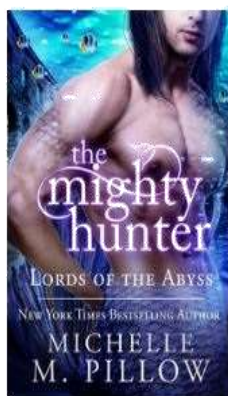
Michelle M. Pillow

SINOPSE

Cassandra Nevin chegou ao oceano para viver seus dias em um barco com um grupo de cientistas que nem sequer sabia que ela era uma doente terminal ou que ela não era nem mesmo uma cientista. Quando algo das profundezas do abismo ataca seu barco, deixando-a se afogar, ela sabe que é sua hora. Mas então o inimaginável acontece, ela vive.

Iason, o Caçador não entende por que a mulher que ele está tentando salvar da morte parece insistir em salvar a todos menos ela. Sua obrigação é tentar resgatar quem ele puder; Ele leva a mulher para o Oceano Profundo, para sua casa sob as ondas. Mas parece que uma sepultura aquosa não era a única coisa que ameaçava a vida de sua nova carga. Tentar salvá-la da doença dela significaria uma possível desgraça, e sendo banido a nunca nadar no oceano novamente. Mas o que mais ele pode fazer? Desde o primeiro momento em que a viu, ela dominou o seu coração.

Série Lords of the Abyss



*Próximos ainda não publicados pela autora.

-Making Waves

-The Merman King

The Mighty Hunter Commanding the Tides Captive of the Deep Surrender to the Sea

Capítulo Um



Iason, o Caçador, nadava através das águas turvas do oceano escuro. O som das vítimas de afogamento ecoou em sua cabeça. Não importava quantas vezes ele ouvisse tal desespero, nunca se tornava mais fácil. Desejava poder salvá-los, mas tudo o que podia fazer era empurrar os humanos para a superfície e desejar-lhes sorte. Além disso, quando ele e seus companheiros caçadores chegaram ao barco humano, o casco já afundava nas profundezas do oceano. Tinha sido tarde demais para muitos dos mortais e não havia terra por quilômetros.

Embora, honestamente, talvez salvá-los fosse mais cruel do que deixá-los se afogar. Eles estavam no meio do oceano, não havia nenhum sinal de resgate. Provavelmente seus corpos se enfraqueceriam e eles morreriam uma morte longa e horrível. Se conseguissem flutuar em uma jangada, o sol quente e a falta de água potável os matariam. Mas, o que mais ele poderia fazer? Não era uma pequena chance, melhor que nenhuma?

Vendo um flash de barbatanas negras prateadas na água, Iason franziu o cenho. Essa não era a criatura que eles caçavam. Ele observou cuidadosamente, vendo o flash sutil novamente.

—*Acho que vejo Brutus ou Demon.* —Disse Iason a seus colegas caçadores, usando sua ligação mental. Todos os Merr podiam se comunicar por telepatia na água.

Caderyn, à sua direita, olhou para ele com surpresa.

—*Onde?*

Iason apontou para o chão do oceano.

Iason fazia parte de uma equipe de três caçadores Merr, ele próprio, Caderyn e Solon, conhecidos simplesmente como os Caçadores. Havia doze caçadores Merr no total, divididos em quatro equipes de três. Três irmãos, Rigel, Demon e Brutus eram outra equipe, os Guerreiros. Rigel, o mais jovem e menor dos três, liderava a equipe. Havia também os Cavaleiros liderados por Caim, e os Soldados liderados por Hrafn. Tanto os Cavaleiros e Soldados estavam tirando uma folga muito necessária de caça, enquanto as outras duas equipes assumiam suas funções.

Solon era o líder dos caçadores, porque escolheu carregar o frasco em volta de seu pescoço. Ele estava cheio com um líquido que paralisaria a scylla¹ para que eles pudessem pegá-la. O líquido era a única maneira de parar uma scylla. Infelizmente, se derramado, poderia paralisar o Merr também. Levá-lo era um trabalho que precisava de muita concentração. Solon tinha que ter a palavra final quando se tratava de capturar a criatura porque era ele que precisava entrar em posição.

Os três Caçadores haviam trabalhado juntos há anos e nenhum deles tinha caudas negras. Caderyn era roxo. Iason era verde. Solon era um dourado esverdeado.

Iason fez um gesto com a mão. Na distância, viram Brutus emergir para empurrar um humano afogado para a superfície. O homem mortal ainda estava vivo e agarrava uma parte flutuante dos restos do navio. Brutus nadou rapidamente sob suas pernas, fazendo uma corrente que levaria o sobrevivente para longe do naufrágio.

—*Rigel deve estar perto.* —Disse Caderyn. Seu cabelo castanho escuro estava em torno de sua cabeça, flutuando brevemente diante de seus olhos lilases. O roxo prateado de sua cauda chicoteou uma vez, empurrando-o para cima, mais alto. Como todos os Merr, a cauda e as barbatanas de Caderyn combinavam com a cor de seus olhos.

—*O que eles estão fazendo aqui? Foram enviados para nos ajudar?*

—*Eles seguem uma scylla, como nós.* —Solon se juntou a eles, deslizando os braços para trás e para frente, pairando na água. Seus olhos castanhos brilhavam um pouco enquanto ele olhava ao redor, tentando rastrear suas presas. O frasco em volta do pescoço flutuava facilmente com seus movimentos.

¹ Na mitologia grega, conforme Homero e Ovídio, era uma bela ninfa que se transformou em um monstro marinho.

—Rígel diz que tem evitado. Eu disse a ele que temos o mesmo problema.

—Isso significa que há dois velhos na água esta noite.

Iason franziu o cenho.

As scylla eram criaturas perigosas. Eles eram espíritos da água, estúpidos, imprudentes, sempre procurando. Duas scylla juntas seriam fortes o suficiente para empurrar qualquer um deles para fora da água. Uma das únicas coisas que poderia matar o Merr era o ar da superfície. Isso queimaria a pele, mas se respirado, o destruiria.

—*Sím.* —Respondeu Solon.

Caderyn nadou em direção a Brutus, sua longa cauda acenando na água para empurrá-lo para frente. Iason podia ouvi-lo gritar. Brutus virou-se surpreso. Logo, todos os seis Merr estavam reunidos.

Brutus e seu irmão gêmeo, Demon, eram dois dos maiores da raça Merr. Eles eram idênticos em todos os aspectos, desde seus longos cabelos pretos até seus olhos escuros. Até mesmo suas barbatanas eram da mesma cor prateada enegrecida. Tornava-os quase invisíveis nas águas profundas, mesmo às suas próprias espécies, às vezes. Seu irmão mais novo, Rígel, era uma versão mais leve dos gêmeos. Seu cabelo era escuro, mas não preto, e seus olhos eram cinza. Quando a luz do sol brilhava através das ondas apenas para a direita, suas barbatanas prateadas pareciam metal de navio flutuando na água.

—Você esteve longe de Ataran por muito tempo. —Disse Iason ao outro time.

—Nós vamos ajudá-lo a pegar o seu e depois ir para o nosso. Você precisa chegar em casa antes que enlouqueça.

Os Guerreiros balançaram a cabeça. Todos sabiam que só poderiam ficar longe do solo Ataran por duas semanas antes de enlouquecer. Uma vez que a loucura se instalasse, eles nunca encontrariam o caminho de volta sozinhos. Mesmo passando uma semana estava no limite.

—Ele é grande. —Disse Brutus.

—Deslizou por nós duas vezes já. —Acrescentou Demon.

—Derrubou este navio, embora agora veja que ele teve ajuda. Estávamos nos perguntando por que ele afundou tão rápido, sendo tão grande.

Uma fria onda de corrente, mais fria do que de costume, se arrastou sobre eles. Viraram-se para o homem que Brutus ajudara a salvar. As pernas do ser humano chutavam violentamente, e viram a sombra de uma scylla debaixo dele.

—Por todos os deuses! —Solon jurou.

—É enorme.

Os seis homens entraram em ação. Rigel arrancou o frasco do pescoço, pronto para abri-lo. A criatura começou a derivar, nada mais do que um ponto escuro na água. Era uma sombra quase sem forma e sem rosto. Passou por Brutus e Demon. Os dois irmãos se prepararam. Iason e Solon se aglomeraram em seus lados, enquanto Caderyn nadava embaixo. Rigel abriu o frasco. A criatura se agachou, derrubando o ser humano, jogando-o alto sobre a superfície. Iason ouviu o homem gritar, mas ignorou-o.

Brutus e Demon agarraram a scylla, lutando contra ela enquanto a arrastavam para o fundo do oceano. A criatura logo se tornou subjugada e os caçadores foram capazes de arrastá-la mais facilmente.

Rigel acenou para Iason.

—Vá. Encontre o segundo. Vou empurrar este mortal para cima e seguirei minha equipe.

Iason olhou para Caderyn. Seu amigo fechou os olhos, sentindo a água. De repente, ele apontou para a distância.

—Por ali.

—O que é esse barulho? —Solon perguntou.

—Outro barco? —Iason franziu o cenho. Ele estendeu as mãos, sentindo as pequenas vibrações da água.

—Não, outro. —Grunhiu Caderyn frustrado.

—O que eles estão fazendo aqui tão longe no mar? Por que esta noite? Isso deveria ter sido uma caçada em mar aberto.

—VAMOS, vamos ensacá-la e arrastá-la antes que ela pegue este navio e o destrua também. Estou pronto para ir para casa.

Iason acenou com a mão e apontou para onde ele detectou o navio. Os companheiros concordaram. Nadando o mais rápido que podiam, indo para longe.

Cassandra Nevin viu sua vida diante de seus olhos, enquanto a água gelada a rodeava. Ela tinha um mau pressentimento sobre esta viagem, mas então ela tinha um mau pressentimento sobre tudo desde que o médico lhe disse que ela estava morrendo de câncer. Câncer nos ossos. Não havia muito a ser feito, não tão tarde como eles tinham descoberto. Ela recusou o tratamento, se recusou a prolongar sua vida apenas para viver em uma cama murchando. Ela já havia sobrevivido ao seu prognóstico inicial talvez por pura vontade, talvez por uma sorte idiota. Esperar que a morte viesse para ela tinha se tornado seu próprio pequeno jogo triste, e ela honestamente sabia que, quando isso acontecesse, ela não ficaria surpresa. Seus pais não entenderam, ou talvez eles entendessem, mas eles não concordaram com sua escolha.

Ninguém no navio sabia, a não ser Ned Devenpeck. Ele era o chefe da expedição científica em que estava. Cassandra tinha certeza de que ele se sentia mal por ela, e era por isso que ele a deixava tagarelar com apenas algumas aulas de ciências universitárias sob seu cinto. Ela não queria caridade, mas neste caso ela tinha aceitado e levado de bom grado.

Ela sabia que os outros cientistas estavam irritados com ela, porque ela não sabia o que estava fazendo. Cassandra não se importava. Por que ela deveria? A vida era muito curta para se preocupar com qualquer coisa. É por isso que ela deixou a escola antes de se formar com um diploma. Todo mundo que ela conhecia chorava quando a via, inclusive seus pais. Ela preferia os cientistas irritados a constante piedade, preferia gritos e ser odiada a ser tratada como um cão em sua última etapa da vida.

Quando o barco afundou, atingido de baixo por alguma criatura que os cientistas não podiam nomear, ela teve medo, medo de morrer sozinha no mar,

medo daquele último suspiro na água gelada, assustada com o desconhecido debaixo dela na escuridão.

—Aliens? —Alguém tinha sugerido quando o barco estava quase derrubado em sua lateral.

—Nova espécie de peixe do Fundo do Mar subindo para a superfície para se alimentar? —Outro cientista tinha proposto.

Todos tinham grandes mentes, mentes racionais, mas a verdade era que eles não sabiam, mais do que ela, o que atacou o navio. Os cientistas tentaram pegar a criatura em uma rede. Eles tiveram algum sucesso, mas a criatura tinha se libertado antes que pudessem puxá-lo para cima.

Cassandra tinha conseguido um pequeno vislumbre de seu atacante na água. Se ela tivesse que adivinhar, diria que a criatura parecia um Tritão². Mas quem acreditaria numa história tão selvagem da mulher que não sabia o procedimento exato para extrair amostras de superfície básicas? Então, ela tinha mantido a observação para si mesma. Era bem possível que os medicamentos de dor estivessem começando a afetar sua mente de qualquer maneira. Desde que era noite, e ela já tinha tomado sua dose, para que ela pudesse dormir durante a noite.

Então, sim, ela teve medo de morrer no instante em que a água tomou seu corpo. Mas agora, quando ela parou de lutar e deixou que o oceano negro a tivesse, uma estranha aceitação a dominou. Ela estava morrendo. Havia forma mais pitoresca do que no mar? Seu corpo vagando para sempre no oceano, parte de sua viagem, no tempo, em cada porto? Era poético, de uma maneira lindamente triste.

A água negra a rodeava, enegrecida pelo céu noturno. Ela observou os holofotes do barco, por cima da cabeça enquanto era puxada para baixo e via os esboços fracos dos cientistas lutando pela vida. Cassandra sentiu-se mal por eles e teve que desviar o olhar. O frio doía, mas era melhor sentir isso do que não sentir nada. Logo o amortecimento chegaria e não doeria mais. O frio não era nada em comparação com a dor profunda em seus ossos, a agonia constante, a letargia de pílulas para dor.

Um clarão veio a sua frente, uma luz cintilante verde diferente de qualquer coisa que ela esperaria no escuro do Abismo. Mãos estavam estendidas para ela,

² Representação masculina de uma Sereia.

mãos humanas. No começo, ela esperou que elas a tocassem, mas então elas tocaram e ela lutou enquanto elas agarravam seus braços. Elas eram reais, muito reais para ser uma alucinação.

—Não! Estou pronta. Deixe-me ir! —Gritou a mente dela. Ela lutou contra as mãos, lutando contra elas.

—Me deixe ir! Salve outra pessoa. Eu não quero murchar. Quero ser levada pela corrente.

—Deixe-me ajudá-la. —Ordenou uma voz em sua cabeça. Era uma voz masculina, uma voz que ela não conhecia.

—Pare de lutar, mulher. Não vou te machucar.

Cassandra abriu a boca, pronta para levar a água em seus pulmões, pronta para que terminasse. Deixá-lo salvar alguém, alguém com uma chance. Em vez da salmoura salgada, os lábios quentes pressionavam os dela. Em seu choque, ela parou de lutar. Ninguém a beijou desde que foi diagnosticada. Seu namorado a tinha deixado. Oh, ele tentou ficar por perto, mas ele tinha ficado muito assustado com tudo isso e logo encontrou uma pequena desculpa que ele precisava para cair fora.

Ela envolveu seus braços em torno do pescoço do homem, deslizando a língua por seus lábios. Ele tinha um sabor doce, como o vinho de frutas. Seu corpo estava querendo contato, um que não fosse luvas estéreis e exames clínicos. Tanto tempo tinha sido desde que alguém apenas a segurou.

Seu socorrista sorriu ao beijá-la. Por que ele não ficaria surpreso? Ela estava morrendo em seus braços, tendo egoisticamente um último momento para si mesma.

O homem tentou nadar com seu corpo. Cassandra não se importava. Ela deixou que ele a puxasse. Seus pulmões estavam queimando e logo seria tarde demais para ela. Era bom ser mantida, mesmo quando a escuridão ameaçava. Ela se agarrou ao calor. A morte estava perto e ela a recebeu, agradecida por não estar sozinha quando finalmente veio para ela.

Seus pulmões estavam em chamas com a necessidade de ar. Uma mão empurrou seu cabelo. A boca contra a dela se alargou, seus lábios se deslizaram

sobre os dela. Então, a escuridão a consumiu, e ela sorriu. Nunca mais sentiria outra coisa. A dor tinha acabado.

—*Malditos humanos!* —Xingou Iason. Se eles não tivessem interferido, não tivessem tentado capturar Caderyn em uma rede, os caçadores teriam parado a scylla a tempo. A scylla era o verdadeiro inimigo dos seres humanos aqui na água, não os Merr. Mas, por causa da interferência dos mortais, havia agora dois navios perdidos no mar esta noite.

—*Deixe-me ajudá-la.* —Disse ele irritado consigo mesmo enquanto tentava salvar a vida de uma mulher. Eles tinham capturado suas presas, mas não antes de derrubar o segundo navio, enviando os passageiros a bordo para a sua morte. Ele tentou fechar a boca da mulher afogada para ajudá-la a respirar sob as ondas.

—*Pare de lutar, mulher. Não vou te machucar.*

Iason quase soltou a mulher em seus braços enquanto ela dava uma joelhada no intestino, ou pelo menos ele disse a si mesmo para deixá-la ir. Se ele estivesse em forma humana, ela o teria chutado nas bolas. Com uma cauda, não machucou. Quem era ele para salvar alguém que não queria ser salva?

Iason agarrou-a com mais força. Ele estava prestes a deixá-la inconsciente com uma cabeçada, quando ela o surpreendeu beijando-o, realmente beijando-o. E não apenas o beijo de respiração que ele estava tentando dar a ela, mas um beijo íntimo, o tipo de beijo que uma mulher dá a um homem quando ela o deseja. Ele sentiu sua língua se misturar com a água fria que os rodeava. Não houve hesitação, apenas o beijo desesperado, suplicante de uma mulher morta de fome. Tinha sido tanto tempo, tantos séculos, desde que ele tinha sido beijado por uma mulher que por um momento ele estava muito atordoado para se mover.

Não que ele beijassem homens. Ele realmente não beijou ninguém. A não ser que a ninfa de prazer contasse.

E por que exatamente ele estava pensando em tais coisas agora? No meio do oceano escuro, longe de casa?

O desejo se agitou dentro dele, quente e potente. Ele não pôde evitar sua resposta enquanto devolvia o suave abraço, puxando o corpo magro da mulher para mais perto. Mas, quando sua boca parou de se mover tão violentamente contra a dele, ele foi abalado de volta à realidade. Ela estava morrendo. A mulher tinha parado de lutar, e ele finalmente conseguiu selar seus lábios em torno dos dela.

Suas brânquias agitavam-se enquanto ele forçava a respiração pelos pulmões, filtrando a água do mar por elas para que ela pudesse respirar. Não demorou muito para que ela parasse de se mexer, desmaiando, e ele estava feliz por isso. Era difícil respirar por dois, sem a pessoa tentando vencê-lo enquanto ele fazia isso, ou tentando beijá-lo enquanto isso.

Iason sacudiu a cauda, nadando para trás enquanto arrastava o frágil ser humano para o abismo negro. Ela era magra, quase nada além de pele e ossos. As chances eram de que ela não sobrevivesse ao mergulho de qualquer maneira, mas a lei de Merr dizia que devia tentar. Uma pequena chance era melhor do que nenhuma.

—*Tenho uma.* —Disse Iason a seus companheiros caçadores, sem deixar os lábios da mulher, enquanto observava Solon arrastar a scylla à frente dele. De qualquer forma, a caça tinha sido um sucesso. Duas scylla foram capturadas esta noite e não vagariam mais pelo oceano. Mas não podia deixar de se sentir mal por aquelas vidas perdidas no mar.

—*Eu não invejo o problema.* —Solon respondeu. —*Prefiro muito mais o meu fardo a o seu, amigo.*

Iason puxou a mulher para mais perto, ajustando-a em seus braços. Ela estava tão fria quanto o oceano e o calor de seu corpo só a sustentaria por algum tempo. Ela não se moveu, não lutou, mas ele podia detectar seu coração batendo levemente contra a pele sensível de seu peito. Não esperava muito. Não houve muitos humanos que fizeram o mergulho para baixo e este teve um mau começo.

Suas leis eram claras. As mulheres eram raras em seu mundo e se alguém era condenado a uma morte por afogamento e pudessem ser salvo, eles deveriam salvá-lo. Os seres humanos eram tão frágeis que muitas vezes não sobreviviam ao mergulho no Fundo do Mar, especialmente depois do trauma de um naufrágio. Muitas vezes, os caçadores tentavam salvá-los, apenas para tê-los morrendo no

caminho. É por isso que eles só faziam isso com aqueles que já estavam destinados a perecerem no mar.

Nadando nas profundezas do Abismo, Iason deixou os destroços atrás dele. Estava escuro, mas seus olhos Merr focavam as águas negras com facilidade. Seu olhar emitiu um brilho enquanto examinava seus arredores. Sentindo as criaturas do oceano profundo como se fossem parte de si mesmo, sentiu-os se movendo, nadando, caçando. Em sua maior parte, eles ficavam longe deles, evitando os caçadores Merr completamente.

Iason se concentrou em respirar enquanto aproximava a mulher. Por que ela tinha que beijá-lo assim? Agora, não só ele tinha que lutar para respirar por dois, como ele tinha que tentar ignorar o gosto dela em sua boca enquanto respirava. Era pura tortura, mas não conseguia quebrar o selo. Fazer isso com essa profundidade significaria sua morte. A pressão do Abismo a mataria, tão certo quanto à água em seus pulmões.

Iason sentiu cada curva delgada de seu corpo no dele. Seus seios eram macios, fazendo uma onda quente de desejo inundar suas veias. Tinha sido muito tempo, longos séculos para ser exato, já que qualquer um dos caçadores tinha acasalado com nada diferente do que uma ninfa de prazer. Nenhum deles tinha esposas para ir para casa.

Quanto mais se afastava do naufrágio, mais vida oceânica nadava em torno dele, tornando-se mais feroz na aparência. Eles não pareciam nada com seu povo. Deslizando para baixo, ele nadava, esquivando automaticamente de uma lula bebê. Ela era duas vezes mais longa do que ele era. As criaturas do fundo do mar não o incomodavam, e Iason, por sua vez, as ignorava.

Ele nadou mais rápido, deixando a água passar por eles enquanto ele se dirigia direto para o Abismo. Tentando fazer com que ela tirasse o calor de seu corpo, sentiu-a tremer. Não demoraria muito para que ela estivesse morta.

Iason entrou na caverna que conduzia a Ataran. Ele tinha feito isso e de alguma forma, a mulher não tinha morrido no caminho. Ela ainda podia, mas por enquanto, ela estava viva. Seu coração batia fracamente contra ele, mas batia.

Foi com uma sensação surreal de prazer quando ele chegou à superfície. Puxando seus lábios dos dela, ele ofegou para respirar. O ar era doce com o cheiro de flores do mar. A mulher tossiu, mas respirou o ar da caverna.

—Ela vive? —Solon perguntou, sua cauda já transformada de volta em pernas. Eles estavam nas Cavernas de Cristal, no coração sagrado de sua cidade. Em suas formas humanas eles não usavam telepatia. Eles poderiam, se eles quisessem abrir-se a isso, eles simplesmente não faziam. Muitas vozes tocando na cabeça tendiam a torná-los nervosos. Geralmente, apenas os cônjuges se comunicavam com a mente em terra. Para os casados uma conexão privada vem facilmente.

—*Sím.* —Iason falou com sua mente, incapaz de usar palavras até que ele estivesse transformado de volta. Ele empurrou a mulher para cima da estreita faixa rochosa ao longo da superfície da caverna. Era superficial o suficiente para que a água não cobrisse seu rosto. —*Ela vive.*

—Eu vou levar a scylla para as células de exploração. —Disse Solon, levantando seu fardo mal visível do chão. —Então vou descansar. Boa sorte com isso.

Iason assentiu, rindo para si mesmo. Ele virou a barbatana, empurrando para cima da água para sentar-se perto da mulher. Torcendo-se, ele trouxe sua cauda do oceano e tirou a água com os dedos. Eles a secaram rapidamente, e ele viu quando a carne substituiu sua cauda. Quando pôde novamente ficar como um homem, ele levantou a mulher da borda e puxou-a para a terra seca.

Deixando-a no chão, respirou pesadamente pela provação da caça e do resgate. Ele se ajoelhou ao lado dela, aproveitando a oportunidade para estudar seu rosto. Antes, ele não tinha conseguido um bom olhar para ela na água escura enquanto ele tentava subjugar-la tempo suficiente para fechar a boca dele na dela. Ela era uma coisa minúscula, com cabelo vermelho escuro que se abria sobre seus pálidos traços. Ele detectou uma aspensão de sardas em seu nariz. Elas eram adoráveis.

Agora que estava segura, sentiu a suave pressão de seus lábios como se ainda estivessem beijando-o. O beijo de respiração era mais íntimo do que outros beijos

praticados quando fazia do amor, porque transferia o dom da vida, mas a sensação de sua língua invadindo as profundezas de sua boca era de longe o mais excitante.

Suas roupas eram estranhas. Usava um material fino e elástico sobre as pernas. Mesmo molhado era suave ao toque. Uma faixa preta grossa alinhava os lados do quadril ao tornozelo. *um uniforme de soldado humano?* Ele tinha visto, vasculhando em livro que tinham desenhos de marcas listradas nas pernas. A mulher mal parecia ter o corpo de um lutador treinado. Ela era muito delicada para isso.

Sobre sua forma esbelta, ela usava um top preto apertado. Isso mostrava cada detalhe de sua figura. Iason olhou para os picos duros de seus mamilos e negligentemente estendeu a mão para tocar um. Quanto tempo fazia desde que ele tocou a carne de uma mulher, sentiu sua maciez se moldar contra o seu corpo mais duro? Ele tentou, mas não conseguia se lembrar da textura exata de carne macia pressionada em sua forma humana nua. Ele imaginou que seria muito parecido com a ninfa prazer. Seu dedo roçou seu peito, e ele empurrou sua mão para trás, percebendo o que ele estava fazendo. Engolindo, ele recuperou o controle sobre seus pensamentos subitamente repulsivos. Sobre o top preto apertado, ela usava uma jaqueta macia que combinava com as calças. Ele puxou os lados, deixando cair sobre seus seios para esconder os tentadores mamilos de vista.

Ouvindo um esguicho atrás dele, soube que Caderyn tinha conseguido voltar. Quando ele se virou, seu companheiro caçador já estava fora da água e tirando as gotas de sua cauda. Transformou-se em pernas. Iason observou surpreso enquanto Caderyn levantava uma mulher de cabelos escuros da água. Duas mulheres foram salvas esta noite? Caderyn trouxe sua mulher para deitar ao lado de Iason.

Iason ficou em pé e os dois caçadores olharam para as mulheres mortais. A de cabelo escuro era tão pálida quanto à dele, mas seus traços estavam mais preenchidos. Ele se perguntou por que ele ficaria tão atraído por uma e não pela outra. Talvez fosse porque ele salvara sua vida. Ou talvez tivesse sido o desespero de seu beijo quando ele a salvou.

Iason engoliu em seco. Seu sangue se agitava de desejo. Já era ruim o suficiente que, depois da caça, ele sempre precisasse buscar a liberação sexual, pois as paixões eram profundas dentro de sua espécie, mas ter essa necessidade despertada por uma mulher de carne e osso? Foi uma tortura. O prazer da liberação

alivia os Merr de tensões e centraliza seus pensamentos. Se eles se recusassem a se curar da "aflição", poderiam ficar doentes.

—Você sabe o que isso significa. —Disse Caderyn, ainda olhando para a mulher inconsciente com cabelos negros.

—Sim. —Iason respondeu, estudando a cabeça vermelha, imaginando o que ele deveria fazer com ela agora que ele a tinha aqui. Ele tentou lembrar o que os humanos precisavam, mas tinha passado muito tempo.

—Você acha que vai manter esta aqui?

—Vamos ver seu temperamento quando ela acordar. —Disse Iason, lembrando-se de como ela lutou com ele na água. A cor flamejante de seu cabelo também não pressagiava bem. Dizia-se que as ruivas eram mais difíceis de controlar e tinham uma memória fraca, esquecida por muito tempo, sondando sua mente Ihe disse que era verdade.

Iason sabia que ele tinha feito o que podia e não se sentia mal por levar a mulher ao mundo dele. Os deuses decidiriam se essas mulheres viveriam ou não. Tudo o que os caçadores podiam fazer era tentar salvá-las. Ela fez o mergulho para baixo, o que foi um começo. Mas por que ela não estava acordando? Será que eles as salvaram para apenas perdê-las?

—Sim. —concordou Caderyn.

Os dois homens suspiraram.

Iason olhou para seu amigo e coçou a parte de trás de sua cabeça.

—Você se lembra do que fazer com elas assim que as salvamos? Faz muitos anos que não temos uma até agora.

—Devemos levá-las para Althea. —Caderyn se inclinou, suspirando como se tivesse tomado uma grande decisão. Não se importando em encontrar roupas, ele levantou a mulher de cabelos escuros do chão, embalando-a diante de seu peito. Iason acenou com a cabeça e fez o mesmo.

—A curandeira saberá o que fazer com elas.

Eles estavam no palácio do Atlas, capital de Ataran. As paredes da caverna estavam cobertas de pedras preciosas brilhantes, e esta era a razão pela qual

chamavam de as Cavernas de Cristal. As pedras coloridas refletiam tochas, iluminando vibrantemente o caminho. Iason levou a mulher para a entrada da caverna. Dois guardas olharam para eles e depois para as mulheres, maravilhados.

Ambos os guardas usavam o tradicional chiton iônico do povo Merr. A camisa branca e curta era um pedaço retangular de material dobrado ao meio e costurado ao lado. Fixado ao longo das mangas e caía apenas sobre os joelhos, os deixando robustos. Um cinto de tira única prendia o material sobre a cintura. O manto chalmys cobria um ombro em uma ampla varredura de verde. Eles eram presos no ombro com um broche de ouro circular, gravado com o antigo símbolo Merr do sol. Como a maioria dos Merr, usavam sandálias de couro amarradas nos pés.

—Eu vi que vocês pegaram a scylla, meus senhores. —Vitus, um protetor de aparência mais escura disse, acenando com a cabeça em aprovação. —Bom trabalho.

—Essas mulheres estão vivas? —Perguntou Brennus, um louro alto que esperava ser um dia um caçador. Seu interesse nelas era evidente pelo brilho em seus olhos. A única maneira que aconteceria seria se o rei Lucius nomeasse mais equipes ou se um dos membros da equipe morresse. A única maneira de serem mortos é se eles não retornassem a Ataran a tempo e se perderem para sempre no mar, ou se fossem arrastados para o mundo superficial e forçados a respirar o ar mortal.

—Sim. —Concordou Caderyn.

Iason ajustou a frágil mulher em seus braços, desejando saber como chamá-la. Seus lábios se entreabriram em respiração, e foi difícil não roçar sua boca na dela. Ele ignorou os guardas, incapaz de falar enquanto olhava para sua boca, lembrando-se de seu beijo.

O que a levou a beijá-lo naquele momento? A mulher estava morrendo. Ela deveria ter tentado alcançar a superfície, não beijá-lo. A mulher tremeu em seus braços, e ele abraçou seu corpo molhado mais perto.

Quando Iason não falou, Caderyn respondeu aos guardas: —Estamos levando-as para Althea. Informe ao rei Lucius. Também, chame os catadores. Dois navios caíram. Solon lhe dará instruções.

—Sim. —Concordou Brennus, embora ele não tivesse ido imediatamente, enquanto ajudava Vitus a empurrar uma grande pedra redonda na abertura da

caverna para bloqueá-los. Os homens deram um último olhar de saudade às mulheres.

Os arquitetos da cidade tinham vidrado os tijolos da parede com uma mistura feita a partir das pedras preciosas, o que lhes deu um tom quase azul brilhante. A luz era refletida de fora durante o dia, mas à noite tochas eram acesas em todos os salões do palácio.

A pedra azul vitrificada do palácio foi acentuada com azulejos decorativos amarelos e brancos. As telhas formavam padrões lindamente intrincados. Os corredores eram limpos e organizados. Grandes arcos passavam por cima enquanto saíam da sala da caverna para o corredor principal do palácio. Caderyn acenou para as poucas pessoas por quem ele passava, recebendo vários olhares curiosos em troca. Iason tentou fazer o mesmo, mas ele estava hipnotizado pela boca da ruiva. Seus lábios estavam tão cheios, tão arqueados.

Por que ela o beijou?

Por que assim?

Althea, a Curandeira, vivia dentro das paredes do palácio, de modo que não demorou muito para chegar a sua casa. Sem bater, Caderyn empurrou a porta e entrou, chamando. —Lady Althea. Precisamos de sua ajuda.

A casa era como muitas no palácio, uma grande área de estar quadrada, um escritório, quartos de dormir e banheiros adjacentes. Todos no palácio tomavam suas refeições juntos no salão, assim lá não havia uma necessidade para uma cozinha ou um lugar para jantar. Na área de estar havia pinturas nas paredes e móveis mínimos. Os sofás baixos parecidos com bancos não tinham encostos. Seus assentos cobertos de lã eram intrincadamente tecidos e muito bonitos. Os artesãos devem ter levado muitos anos para aperfeiçoarem suas habilidades. O piso era limpo e varrido.

Althea saiu do escritório, dando uma olhada nos homens, com seus cabelos úmidos e corpos nus, antes de olhar brevemente sobre as mortais inconscientes. Ela assentiu para que a seguissem. Em seu escritório, do outro lado da sala, havia duas camas baixas. Uma mesinha de pedra estava no canto e rolos laminados foram colocados ao longo da parede em cubículos em forma de diamante. Os homens deitaram as mulheres nas camas e levantaram-se.

A curandeira era uma mulher delgada, envolta no melhor material de linho. Um óleo foi esfregado no tecido, fazendo o vestido brilhar. O material verde claro era liso, tecido com um verde mais escuro ao longo das bordas no teste padrão de algas marinhas. Dois pinos mantinham a roupa nos ombros, deixando os braços nus. Seus cabelos castanhos estavam puxados para trás de seu rosto, presos em uma bobina intrincada ao redor da coroa.

—Ajude-me a tirar a roupa. —Ordenou Althea. —Os mortais não podem ficar molhados.

Iason concordou prontamente, quase desesperado em seu alto estado de excitação para ver mais da mulher, do que seus lábios bonitos. Seu corpo estava quente por ela, por tocá-la e segurá-la. Ele tirou a jaqueta de seus ombros e puxou as calças de seus quadris antes de rasgar a parte superior apertada, jogando o material fino para longe. Pelo canto do olho, viu Caderyn cortar a roupa de sua mulher mais delicadamente com tesouras. Iason não se importava se ele parecia um bruto. Althea disse-lhe para tirar sua roupa, e ele estava tirando suas roupas da maneira mais rápida que ele sabia.

Inclinando-se para trás, ele admirou sua obra. Seu intestino se apertou e um cenho franziu sua testa. Comparado ao tom da mulher de Caderyn, a sua era muito pálida. Talvez essa mulher fosse uma escrava. Seus ossos se erguiam perto de seus quadris. Ela era tão magra, praticamente morta de fome até não haver carne em seus ossos. Iason não foi repellido. Ao contrário, ele se sentia ainda mais protetor com ela.

Seus seios eram pequenos, os mamilos rosados eram pontos em sua carne pálida. Ele queria tocá-los, tocá-la. Uma palha de cabelo encaracolado vermelho enfeitava o ápice de suas coxas. Chamando-o. Ele queria acariciá-la, cheirar sua carne. Seu coração saltou em seu peito. A maneira como ela estava deitada fez com que suas coxas caíssem abertas. Fazia tanto tempo desde que ele cheirou a fragrância única da região inferior de uma mulher. Seu pênis se agitou, ficando dolorosamente excitado, mais do que já tinha.

Iason começou a alcançá-la, ansioso para curá-la sozinho, mas se forçou a se segurar. Não estaria certo ele curá-la. Os homens apenas curavam suas esposas. Caso contrário, a curandeira era chamada.

Em Ataran nunca se conheceu doença física. As únicas lesões que a maioria dos Merr sofria eram acidentais ou no campo de treinos, embora eles não

batalhassem mais, exceto nos jogos. Ou, para os poucos escolhidos para serem caçadores, eles poderiam ser feridos na caça. Somente os caçadores se aventuraram tão perto da superfície mortal e perigosa.

—Uma dor que eu posso cuidar, meus senhores, a outra... —Althea riu.

Iason olhou para Althea. Ela estava sorrindo enquanto acenava para a perna de seu amigo. Sangue escorria da ferida que Caderyn tinha sofrido enquanto foi capturado na rede do humano. Mas não era disso que Althea os provocava. Ambos ficaram completamente eretos ao olharem para as mulheres.

—Aqui, ponham isto. —Althea jogou-lhes duas roupas simples que guardava para tal ocasião. Iason colocou o material ao redor de seu corpo, amarrando-o no ombro. —Cuide de sua própria ferida Caderyn e vocês dois devem cuidar da outra aflição. Voltem em uma hora e eu lhes direi o que descobri.

Ambos os homens assentiram, deixando as mortais com a curandeira. Iason olhou para Caderyn, pronto para falar, mas o homem estava na porta olhando para as mulheres. Iason limpou a garganta para chamar a atenção de seu amigo. Caderyn lhe deu um sorriso tímido e o seguiu para fora da casa da curandeira.

Capítulo Dois

—Duas. —Refletiu Iason a Caderyn, andando pelo corredor em direção à ala dos caçadores no palácio. —Quais são as hipóteses? Você acha que elas vão viver desta vez?

—Os humanos ou a scylla? —Perguntou Caderyn suavemente, esticando os braços sobre a cabeça. Os salões estavam tranquilos e livres para falarem sem serem ouvidos.

—Ambos, eu suponho. —Disse Iason. —Seria uma vergonha perder qualquer um deles.

—Você sabe tão bem quanto eu que as chances são pequenas. —Disse Caderyn. —Estou surpreso ter chegado até aqui.

Iason riu suavemente. —As mulheres ou a scylla?

—As mulheres. —Disse Caderyn sorrindo. Com um pouco, embora com razão, ele acrescentou: —Eu sabia que teríamos a scylla. Nós somos Caçadores. Sempre guardamos a nossa presa.

—Sim. —Iason assentiu. Eles tinham o direito de se orgulharem. Todos os caçadores trabalhavam muito e duro, e também corriam muitos riscos, riscos que outros Merr não podiam ou não queriam tomar. Eles chegaram na ala dos caçadores do palácio. As portas alinhavam os lados formando uma fileira abaixo de uma parede. Iason estendeu a mão para a primeira porta. —Vejo você daqui à uma hora.

—Sim. —respondeu Caderyn. Nenhum dos dois falou por um momento, mas ambos sabiam o que o outro estava pensando. Estavam preocupados que as mulheres não pudessem sobreviver. —Vejo você em uma hora.

Iason fechou a porta silenciosamente atrás dele. Com um puxão, ele rasgou a capa com cansaço, deixando-a cair no chão enquanto caminhava. Seu corpo estava dolorido. A scylla o tinha batido no casco do barco. Esticando, ele olhou para baixo em seu corpo. Suas costas não estavam tão doloridas quanto à aflição entre as

pernas. Seu pênis estava tão duro que ele provavelmente poderia quebrar pedras com ele.

Iason foi para seu quarto primeiro. Agarrando uma chave do alto de um guarda-roupa estreito, destrancou-o. Os armários eram padrão para os caçadores com os melhores instrumentos de prazer que os inventores Merr poderiam inventar. Dentro dele estava tudo o que ele precisava para se deleitar.

A peça central de sua coleção era a ninfa do prazer. Projetada para parecer uma mulher de verdade, seu corpo era macio e quase realista. Se ele a ligasse, ela moveria seu corpo contra o dele. Ela piscava. Ela respirava. Ela suspirava. A única coisa que ela não fazia era pensar ou falar. Sua cabeça era careca, seus olhos fechados. Eles permaneceriam assim até que ele colocasse os discos pendurados no interior da porta do guarda-roupa, para programar seus desejos.

Iason tocou distraidamente o peito da ninfa. Seu pau latejava. O Merr chamava seus desejos sexuais de aflição, porque foram convencidos de que era uma punição adicional dos deuses que seriam assim dirigidos sexualmente e não ter nada em que libertar-se. É por isso que essas mulheres foram consideradas uma bênção e uma grande responsabilidade. Pois, através delas, esperava que alguém em seu mundo encontrasse não apenas um amante, mas um companheiro para passar essa eternidade. Amigos eram importantes, mas casais era algo que ao que parece invejavam. Iason levaria suas maiores brigas apenas por um pedaço da sua felicidade.

A ninfa de prazer era um triste substituto para uma mulher de verdade, mas o que mais o Merr poderia fazer? Ele pensou na carne da ruiva sob suas mãos quando ele a tinha despojado. Com a imagem tão fresca em sua mente, ele achou a ninfa.

Mulheres Merr, das quais havia muito poucas, eram da mesma maneira. Elas recebiam instrumentos de prazer para lidar com suas aflições. Tomar um amante entre a população era desencorajador. A eternidade era um tempo muito longo para guardar rancor por relacionamentos que terminavam mal. Alguns Merr ainda carregavam o impacto de tais relacionamentos, como o rei Lucius e sua amante exilada, Maia.

Maia queria ser rainha. Quando Lucius recusou, ela ficou tão furiosa que vários acreditavam que ela realmente enlouqueceu, levando várias mulheres com ela para a floresta. Elas se chamavam olímpicas e se opunham a tudo o que o Merr representava. Era um bando de mulheres amargas e irritadas, que o resto do Merr

tentava evitar. Geralmente não era difícil. Elas tendiam a ficarem sozinhas, escondidas além da cidade na floresta. Entretanto, foi dito que mantinham prisioneiros capturados para seu prazer. Houve momentos em que a solidão chegou a ser demais e ele pensou em dar uma volta nos bosques das Olímpicas para que pudessem levá-lo prisioneiro.

Iason tirou a mão do peito da ninfa e em vez disso abriu um pote de creme de ervas brancas. Mergulhando a mão dele dentro, sentiu imediatamente o formigamento dela trabalhando em seus dedos. Ele fechou a tampa e colocou o frasco longe, com cuidado para trancar o guarda-roupa. Era raro, mas instrumentos de prazer tinham sido roubados antes. Suspeitava-se que fossem trocados pelas olímpicas, mas o Merr não tinha nenhuma prova sólida de quem o roubava.

Deitado de costas, Iason fechou os olhos. Lembrou-se da boca da ruiva na sua, beijando-o com tanta ansiedade e desespero, o sabor salgado da água do oceano e ao mesmo tempo fresco com seu próprio gosto. Esfregando seu pênis, ele esfregou o creme branco grosso sobre seu comprimento duro, certificando-se de que ele também revestia suas bolas e a carne sensível escondida embaixo. Sentia-se bem, quase quente, enquanto formigava em sua pele. Ele esfregou-o em seus mamilos, deixando-o formigarem também.

Acariciando-se, ele apreciou o deslizar de sua mão em seu corpo. Ele apertou a ponta, apertou o eixo, e bombeou seu punho sobre seu pênis da raiz a ponta. Dobrando os joelhos, seu corpo realmente se entregou. Ele empurrou seus quadris para fora da cama, empurrando com os calcanhares. Suas bolas doíam de atenção e ele as colocou em sua mão.

Seu beijo, sua boca suave, sua língua...

Era fácil imaginar a ruiva acima dele, levando-o para dentro. Ele se recusou a pensar no seu corpo muito magro enquanto se concentrava na lembrança de seus lábios curvados. Ele se perguntou se sua vagina seria apertada sobre ele. Oh, sim, apenas tão apertada e molhada, tão molhada, o creme de seu corpo escorrendo por todas as coxas e estômago.

Iason tentou se segurar, lutando por sua libertação enquanto ele gostava de sua fantasia. Ele se virou, deslizando um travesseiro macio debaixo do peito. Empurrando, ele manteve o punho formando um círculo enquanto ele bombeava seus quadris contra ele. Seu traseiro ficou tenso com cada empurrão.

—Argh. —Ele resmungou suavemente, incapaz de segurar o som. Ele mordeu o lábio, estava tão perto de derramar sua semente.

Iason imaginou as coxas entrelaçadas da mulher, seus cabelos vermelhos. Queria tanto que sua mão fosse a dela que lhe doía o peito. Ela tinha que viver. Ele tinha que possuir o seu corpo, a tradição que se dane. Ele a faria o escolher.

Ele bombeou mais rápido, grunhindo mais alto enquanto sua fantasia se intensificava. A mulher ruiva era dele, toda dele. Não lhe daria a escolha de outro companheiro. Se algum dos Merr lhe pedisse o direito de persegui-la, ele se recusaria. Ela era dele, toda dele. Se ele a tivesse, a levaria para sua casa e a trancaria até que ela escolhesse estar com ele, então que assim seja. Isso é exatamente o que ele faria.

—Minha. —Ele gemeu, bombeando mais rápido. —Minha.

Iason faria o que fosse necessário. Ele a seduziria, a tentaria, a cortejaria, qualquer coisa que não fosse força real, pois ele nunca poderia fazer mal a ela. Qualquer que fosse a lei que ele tivesse que romper, a mulher seria sua amante. Esse beijo tinha selado seu destino. Ela seria sua, e ele passaria o resto de sua vida fazendo-a feliz.

De repente, seu corpo inteiro enrijeceu. Suas bolas se contraíram quando ele arqueou as costas, gozando pesadamente sobre os lençóis da cama. O lançamento foi tão bom, muito melhor do que ele se lembrou de ter em um longo tempo. Ele desabou contra o travesseiro, ainda segurando-se.

Estava decidido então. A mulher pertencia a ele. Iason suspirou, alto. A tensão escorria de seu corpo. Depois, virando a cabeça para olhar a porta, franziu o cenho. Ele nem sabia o nome dela.

—Minha. —Ele sussurrou.

Depois de tomar banho na água fresca, Iason se encontrou com Caderyn no corredor. Uma hora tinha passado mais rápido do que imaginava. Ele havia se perdido na fantasia da mulher. O estômago de Iason estava tenso com a

preocupação sobre ela, mas pelo menos a tensão de sua excitação tinha desaparecido. Ele não sabia exatamente por que, mas ele tinha a sensação de que ele deveria protegê-la, ajudá-la. Só que, com os pensamentos possessivos passando pelo seu cérebro, era muito provável que ela precisasse de proteção de suas árduas atenções.

Um olhar para o rosto de Caderyn e ele sabia que o homem estava muito preocupado. Eles caminharam silenciosamente de volta para a curandeira, seus passos medidos, quase calculados, assim quando chegassem ao seu destino descobririam o destino das mulheres.

Iason nunca tinha sido uma pessoa impulsiva e era sempre equilibrado. Ele poderia ser exigente, claro, mas nunca injusto. Então, por que apenas um pequeno deslize de uma mulher causou às suas emoções tal discórdia? Por que o simples pensamento de que ela não o escolhesse o deixava tão zangado que queria socar a parede mais próxima?

Ele respirou fundo. Talvez a mulher fosse uma bruxa do mar. Talvez seu beijo significasse torturá-lo assim. Mesmo agora ela poderia estar envenenando seu sangue.

Não importa que eles nunca tivessem realmente cruzado com uma bruxa do mar viva por quase um século.

Não importava. Primeiro ela tinha que viver.

Ela não está morta. Eu sentiria isso se ela estivesse, ele disse a si mesmo enquanto paravam fora da casa da curandeira. Embora ele não estivesse certo de que era verdade.

Iason entrou na casa de Althea. Sua voz estava um pouco rouca. Pensar na ruiva fez seu pau se agitar a meio mastro.

Uma pequena sensação de alívio caiu sobre Iason ao ver a mulher de cabelos escuros de pé na sala de estar da curandeira. Ele procurou ao redor pela ruiva, mas não a viu.

Não! Sua mente gritou. Não está morta. Ela não pode estar morta.

Os olhos azuis da mulher mortal o olharam brevemente, antes de se virar para olhar para Caderyn. Iason ouviu seu amigo ofegar atrás dele, e custou toda sua força de vontade para não rir. Pensando na ruiva, sua diversão desapareceu.

Iason chamou a atenção da mulher de Caderyn curvando-se educadamente e disse: —Bem-vinda a Ataran, minha senhora. Eu sou Iason, o Caçador.

—Hum, Bridget Dutton. —Bridget disse, sua voz rouca. Ela usava uma longa túnica branca e parecia ter sido banhada, por Althea, depois de sua cura. Parecendo quase confusa, a mulher acrescentou: —Sou cientista do CCE, Comissão de Ciência Exploratória. Estávamos fazendo leituras de superfície bioquímicas fora da costa da Flórida.

—Bem-vinda, lady Bridget. —Disse Caderyn atrás dele. —Sou Caderyn, o Caçador.

Iason novamente olhou ao redor da sala, finalmente olhando para a porta que levava ao escritório. Ele aguardou, esperando ter um vislumbre da ruiva. Sua garganta apertou. Era possível que ela estivesse morta. Ele olhou para Althea, muito assustado para voltar e ver por si mesmo. Ela não podia estar morta. Tinha sido muito tempo desde que ele sentiu algo como as sensações em seu peito, seu corpo.

—Espere. —Disse Bridget. Ela olhou ao redor novamente, obviamente confusa. Iason se sentiu mal por ela. Embora, verdade seja dita, ela parecia estar se comportando muito bem. Ela levantou um dedo e, sem mais comentários, passou por eles. Iason olhou por cima do ombro, vendo-a sair do quarto. Caderyn franziu o cenho e seguiu a mulher. Como Caderyn a salvara, ele seria o seu guardião. Ele cuidaria dela.

—A outra? —Iason perguntou quando estava sozinho com a curandeira.

—Adormecida. —Disse Althea. Iason relaxou um pouco. A mulher não estava morta. Então, enquanto a curandeira continuava, ele ficou mais tenso. —Mas ela não está bem. Até que tenhamos certeza do que está errado com ela, ela deve ser movida do palácio. Duvido que ela possa prejudicar o Merr, mas a outra mortal... —Althea fez um gesto com as mãos para o lado, impotente. —Eu não entendo a doença. Não é algo que eu vi, então não posso dizer se a doença vai se espalhar ou se podemos até curá-la. Há algo dentro dela bloqueando meus esforços, algo profundo. Devemos separá-las por vários meses, até que estejam ajustadas completamente e

até que estejamos certos de que ela viverá. Se ela não viver, nós devemos movê-la para fora no oceano profundo longe de aqui. É uma doença estranha que ela carrega.

Ouvindo Caderyn e Bridget voltarem para o quarto, Iason apenas acenou com a cabeça para Althea e se virou para observar seu amigo com a mulher. Desde que tinham encontrado as mulheres no mesmo barco, Iason não quis deixar a senhora Bridget, em seu estado delicado, falando sobre sua amiga. Ele se perguntou o quanto ela percebeu sobre o que estava acontecendo com ela. Bridget ficaria sob um feitiço eufórico dos toques de Caderyn e da curandeira. Esperançosamente, antes que a nuvem de euforia saísse de seus sentidos, ela tinha que aceitar seu novo repouso.

A euforia acontece com todos os recém-chegados. Era uma maneira de ajudá-los a se ajustar.

Iason olhou para a porta do escritório. Algo sobre as palavras de Althea o surpreendeu. franzindo o cenho, perguntou: —Outra?

Althea olhou para Bridget. Em sua voz suave, ela disse: —Rigel.

Iason assentiu lentamente. Rigel tinha trazido de volta um ser humano também. Esta caça continuava ficando estranha. Duas scylla em uma noite e agora três mulheres humanas? Era quase um sucesso. Ele compartilhou um olhar com Caderyn que acenou com a cabeça uma vez. Iason sabia que iriam conversar mais tarde.

—Tome-a, alimente-a. —Althea exortou Caderyn. —Deixe-a descansar e depois a leve para Aidan.

—Uma coisa. —Iason virou-se para Bridget. —A outra mulher. Qual é o nome dela?

—Cassandra Nevin. —Bridget respondeu, sua voz ainda rouca de sua luta com o mar.

—Vá. —Althea pediu a Caderyn. — Leve-a.

Caderyn assentiu. Fez um gesto para que Bridget o seguisse. A mulher franziu o cenho, mas obedeceu. Ela parecia muito perdida para fazer qualquer outra coisa.

Iason fez um movimento para ir para o escritório de trás. Althea ergueu a mão para detê-lo. Ela caminhou até a porta e olhou para o corredor. Satisfeita que

estava vazio e eles não seriam ouvidos, ela se virou e voltou. Muito suavemente, ela disse: —Você tem uma escolha a fazer, meu senhor.

Iason não se mexeu.

—Essa mulher, Cassandra. Há muita doença nela e não consigo extrair tudo de seu sistema. Ela tem algum tipo de dor entorpecendo em seu sangue. Acho que é uma medicina humana. Está me impedindo de encontrar a raiz da doença. Toda vez que eu tento, fico tonta e doente. Fiz tanto quanto me atrevo. Althea voltou a olhar para a porta. Suas feições normalmente compostas pareciam nervosas quando ela mexia com as mãos. Baixando os olhos, ela hesitou, e depois sussurrou: —Você é forte, mas vai esgotar sua força se estiver perto dela. É possível que sua energia seja suficiente para curar seu corpo, mas a um grande custo para você. Será doloroso, senhor, muito doloroso para você. Sua doença é profunda. Ela estava quase morta quando a encontrou. Duvido que ela estivesse andando por aquele navio. Acho que nem deveria estar viva. A morte está em seus ossos.

Iason ficou rígido, sem saber como responder. Althea olhou para ele e depois para baixo. Ela não exageraria e isso o preocupava.

—Entende o que estou lhe dizendo, milorde? A única maneira dela sobreviver é que você a cure. —Disse Althea apenas para enfatizar. —Com toda a sua energia.

Iason respirou fundo e depois de novo. Ele entendeu perfeitamente. Seus olhos voltaram-se para a porta, mantendo a mulher escondida da vista.

—Você deve fazer isso ou caso contrário ela morrerá. É a única forma que conheço. Você deve decidir.

—Ela não é minha esposa. —Disse Iason, balançando a cabeça negando. —Você fala de violar a lei. Se alguém descobrir eu nunca terei permissão para caçar novamente. Eu seria banido do oceano, da sociedade. Eu ficaria envergonhado. Minha honra, minha vida, tudo...

—Sim, é verdade. —Althea assentiu. Ela inclinou a cabeça para o lado, quase implorando. —Tentei curá-la, meu senhor. Eu não tenho forças para isso. Não com outros dois mortais sob meus cuidados. Há muita dor. Mesmo se eu não tivesse curado a senhora Bridget, eu não teria curado Lady Cassandra. Eu sou muito pequena. Você tem a força do oceano em você. Você é um caçador. Se alguém pode curá-la, é você, meu senhor, ou um de sua espécie.

Iason acenou com a cabeça.

—Não posso perguntar isso aos outros. Eu a salvei. Ela é minha responsabilidade.

Althea esfregou os braços, tremendo.

—Mesmo agora, sinto dor por isso. Se eu soubesse de uma maneira de fazê-la dormir até que estivesse terminado, eu faria.

Iason considerou suas palavras. Quebrar a lei era contra sua própria natureza.

—Se você não fizer isso, é muito mais amável que nós a deixemos morrer do que fazê-la sofrer essa agonia. Ninguém deve ter que sentir o que ela sente e uma vez que sua dor entorpeça e a desgaste será uma agonia para assistir. Se essa é a sua decisão, a coisa boa a fazer é colocá-la fora de sua miséria agora, antes que ela desperte.

—Você tem certeza que ela vai viver se eu...?

Iason fechou seus olhos respirando fundo. Uma estranha mistura de prazer e dor rolou sobre ele. Poucos momentos antes ele jurara quebrar a lei, se fosse preciso, para possuí-la, mas ele nunca pensou que chegaria a isso. Dar a uma mulher que não era uma esposa tanta energia de cura, era mais provável os amarrar para sempre. É por isso que era proibido.

—Ela vai acordar para que possamos perguntar o que ela quer? Se ela escolher, eu não terei que...

—Ela não despertará disso, não totalmente. Desejar que ela faça isso é muito cruel. É melhor que ela durma.

—Você tem certeza que isso vai funcionar? Se eu...? Então, ela vai...?

—Sim. —Althea respondeu, acenando com a cabeça. —Certamente, se a sua vontade for forte. É por isso que você deve levá-la para o campo para que ninguém veja o que você fará. Sua doença é profunda, mas não deve se espalhar para qualquer um dos outros. Só disse isso mais cedo para lhe dar a escolha. Se você decidir curá-la, você tem a minha palavra que ninguém vai saber disso por mim.

—Por que mentir por mim?

—Tenho minhas razões, meu senhor. —Disse Althea. —Primeiro e acima de tudo, eu curo. Vai fazer isso? Você a ligará a você?

—E se ela não me quiser? —Iason caminhou em direção ao escritório, seu estômago apertado. Althea não respondeu, não que ele esperasse que ela o fizesse. Não era uma pergunta que ela saberia a resposta. —Não sabemos nada um do outro.

Isso não era exatamente verdade. Ele sabia qual o gosto em sua boca, à sensação de sua forma frágil em seus braços. Ele sabia que ela precisava de ajuda e resgate mais do que um navio afundando. Seu corpo magro poderia ser explicado pela doença, mas talvez também negligência. De qualquer maneira, ele sabia que ela precisava de proteção.

Iason respirou fundo. Não era um grande risco, não se ele fosse cuidadoso. Desde que ninguém o visse imediatamente após a cura, ele não seria pego. Althea havia lhe dito para ir ao campo. Ele estaria sozinho com a mulher ali. E enquanto isso Cassandra não contaria a ninguém mais tarde o que ele tinha feito para ela ou sobre a escolha que ele tinha tomado, sua reputação e seu status como um caçador estariam seguros.

Vendo Cassandra na cama, seu peito mal se movendo, seu rosto pálido, ele engoliu nervosamente. Que tipo de pessoa era ela? Teria ela essa ideia de eternidade em sua cabeça? Será que ela o usou para fazer exigências irracionais? O faria cuidar dela? Ok, até que isso não seria muito ruim. Será que ela se ressentiria dele pelo que ele deveria fazer para salvá-la? Será que ela gostaria de se juntar a ele? Ela o desejaria como amante? Como protetor? Para seu povo os caçadores eram valorizados, mas para ela? Para uma mulher humana que não sabia nada de sua vida? Seria atraída por ele? Ou ela o baniria de sua cama em desgosto?

A lógica lhe dizia para recusar, para deixar a curandeira fazer o melhor que podia para Cassandra. Se ela morresse, era porque o destino decidiu que iria morrer. Quem era ele para questionar a vontade dos deuses?

O corpo de Iason queimava para possuí-la, mas isso era suficiente? Não importava o quanto seu beijo o excitasse, a luxúria não era suficiente para fazer o que Althea lhe pedira. Ele diria não a isso. Era melhor, mais seguro para os dois, se ele deixasse Cassandra com a vontade dos deuses.

—Meu senhor? —Althea tocou seu braço. —Você deve decidir.

Iason fechou os olhos brevemente. Sua boca se abriu, pronto para recusar, mas em vez disso se encontrou dizendo: —Sim. Eu farei.

Ele era um tolo.

Iason voltou a olhar para Cassandra. Esta decisão era insana. Ele arriscava toda sua posição, sua honra, seu trabalho, suas casas e posses, talvez até sua liberdade eterna.

—Vá, se apronte para partir. —Disse Althea. —Encontre um carrinho para colocá-la dentro. Vou explicar ao rei que você, como seu guardião, deve levá-la daqui sozinho. Eu não vou ser questionada. Com dois outros mortais aqui eles não vão querer arriscar a saúde dos outros.

Iason acenou com a cabeça uma vez.

—Vá, meu senhor. —insistiu Althea, dando-lhe um leve empurrão. —Eu vou dar-lhe tudo o que posso para que ela possa fazer a viagem, mas você deve se apressar.

Iason se virou para Cassandra, a imagem de seu corpo frágil capturado em sua mente.

Ele era um tolo.

—Tem certeza de que você deve ser o único a levá-la? Há servos que irão com prazer para sua casa e vigiá-la para você. —Solon olhou para o carrinho coberto com cobertores para Cassandra. Seus olhos cor de avelã brilhavam com preocupação, enquanto um pedaço de seu cabelo mais longo lhe açoitava o rosto. Ele franziu o cenho irritado.

—Sim. —Iason respondeu, olhando para cima de onde ele olhava para as alças de suas sandálias. O céu era azul escuro, anormalmente escuro durante o dia, mas ainda era claro. A cúpula devia ter deslocado com as correntes. Dentro dele, eles não sentiam os movimentos, mas a iluminação e a localização de seu mundo mudavam, à medida que flutuavam indefinidamente ao longo do chão do oceano.

—Eu sou seu guardião. É minha responsabilidade. Se ela não conseguir e eu não estiver lá para cuidar dela...

—Eu entendo. —Insistiu Solon. —Desta forma, sua honra não será questionada enquanto você cuida de sua responsabilidade. Não posso pedir que você fique.

Iason acenou com a cabeça, enquanto olhava ao redor do pátio interior para o palácio. Grandes arcos se erguiam acima, levando de volta para dentro, de volta para onde Althea preparou Cassandra para a viagem. Ele novamente questionou a sabedoria de suas ações, mas ele não diria as palavras a Solon. Se Solon soubesse o que ele arriscaria por uma moribunda mortal, ficaria indignado.

Ele se virou para o portão da frente, vendo um vislumbre de sua cidade sagrada, Atlas, no vale abaixo. O palácio ficava no topo de uma grande colina com um longo caminho de terra que levava até a cidade. A maioria dos Merr preferia viver fora das muralhas da cidade, no campo, mas havia algumas casas e lojas. As estradas de Atlas foram distribuídas uniformemente em uma grade quadrada, parecendo muito limpo e ordenado. Longas paredes enchiam todo o caminho ao redor da cidade. Linhas amarelas brilhantes percorriam a pedra azul esmaltada. Assim como no interior do palácio, quase parecia brilhar na luz. As imagens de criaturas do mar do Abismo foram representadas ao longo das paredes, levantando-se da superfície plana. O detalhe artístico tinha levado quase duas décadas para ser concluído.

—Iason? Iason, você está ouvindo? —Solon perguntou.

Iason piscou em confusão. Ele não estava ouvindo. —O que?

—Ambas as scylla estão vivas. Nós as temos acorrentadas. —Disse Solon.

Iason acenou com a cabeça. —Foi uma caçada peculiar, não foi? Duas scylla e três mortais. Todas vivas.

—Foi uma boa caçada. —Disse Solon, acenando com satisfação. —Nós nos orgulhamos. Sem dúvida, as outras equipes vão se arrepender de terem feito uma pausa.

—Sim. —Iason apertou a mão de Solon. Eles apertaram as mãos ligeiramente antes de se afastarem. —Me desculpe, preciso deixar você. Envie a palavra ao campo

se você precisar de mim na caça. Caso contrário, eu vou ficar até que ela esteja melhor.

—Eu não desejo que uma mulher o reivindique, mas eu compreendo porque você deve tender a ela. Tome o tempo que precisar e faça o que você precisa. —Disse Solon. O caçador assentiu uma vez antes de se virar para ir. Iason o observava, sabendo que Solon não tinha espaço em sua vida para nada além da caça.

A noite estava sobre eles, mas Althea insistiu que ele partisse imediatamente. Estava cansado do longo tempo que passara na água e suas costas doloridas protestaram contra a ideia de levar um carrinho pela floresta. Ainda assim, ele se virou e voltou para o palácio, indo para a porta de Althea. Empurrando as contas de lado, ele encontrou Althea esperando por ele. Ela parecia mais pálida do que antes de sair e coxeava quando andava. Estava claro que curar Cassandra tinha tirado muito da mulher. Sem dizer uma palavra, ela fez um gesto para o escritório.

Cassandra ainda estava descansando na cama, com os olhos fechados. Apenas seu peito se movia, erguendo-se e caindo, mesmo com respirações. Muito suavemente, ele a levantou em seus braços, embalando seu corpo leve em seu peito. Ela mal pesava mais do que um pedaço de lã. Ele estudou seu rosto por sinais de vida, mas ela não se moveu. Suas pálpebras não vibravam, e ela não gemia em protesto. Apenas o leve calor de seu corpo e a subida superficial de seu peito indicavam que ela vivia.

Levando-a do escritório, ele acenou com a cabeça para Althea, que agora estava sentada cansada no sofá, uma mão pressionada ao lado de sua cabeça.

—Cure-a em pequenas medidas ou você vai drenar-se muito rapidamente. Certifique-se de comer e alimentá-la uma vez que ela estiver forte o suficiente para sentar-se. Até lá, sua saúde alimenta a dela. —Althea fechou os olhos. —Que os deuses sorriam por você pelo que você fará, milorde.

—Obrigado, Althea. —Disse Iason. —Devo enviar alguém para você?

—Não. —Althea negou. —Eu só preciso descansar.

Iason levou Cassandra para fora do palácio. O céu escureceu e manchas de luz começaram a se mover nele. As estrelas do mar foram atraídas pelo calor da cúpula mágica de Ataran e iluminaram a noite. Ninguém poderia explicar como eles foram

abençoados com a noite e o dia, apenas que era a vontade do deus Poseidon quando ele os lançou no oceano.

Assegurando-se de que os membros de Cassandra se ajustassem confortavelmente enquanto ele a colocava no carrinho, ele a cobriu com vários cobertores. Então, de frente, ele ergueu as alças do carrinho sobre seus ombros. Ele não precisava usar as mãos. As alças moldavam-se em torno de seus ombros, engatando. Lentamente, ele caminhou para o lado da colina. Suas costas se esticaram na inclinação, mas ele não parou.

A cidade estava quieta enquanto passava. Iason tinha visto isso muitas vezes e não sentia a necessidade de olhar em volta. As casas foram construídas juntas formando uma cidade inteira, sem becos ou entradas. Eles não tinham janelas reais, exceto fendas estreitas ao longo da parede. Não muito longe do palácio estava o mercado. Havia uma grande estátua erguida no quadrado de pedra de uma sereia, sua longa cauda varrendo atrás de seu corpo nu. As estradas eram pavimentadas com pedras grandes, o que tornava o carrinho mais fácil de ser puxado.

Lojas foram construídas em um padrão circular em torno do mercado. Alguns vendiam roupas prontas; Outros vendiam produtos assados, peixes e outras carnes. Iason parou. Os donos das lojas viviam atrás de suas fachadas. Iason bateu primeiro no padeiro, procurando pão. Ele fez o mesmo com o açougueiro, obtendo carne para a viagem. Ambos olharam com curiosidade para o carrinho.

—Mortal. —Iason disse suavemente, não encontrando nenhuma razão para mentir para eles. A palavra da caçada bem-sucedida logo se espalhava e se alegrava por todos. —Ela está doente. Devo levá-la para o campo para que ela não infecte os outros mortais.

—Mais mulheres mortais, meu senhor? —Perguntaram ambos surpresos.

—Sim, três no total e duas scylla. —Iason respondeu, levando seus bens.

—Foi uma boa caçada.

—Uma boa caçada! —Exclamaram, mais alto do que era prudente naquela hora da manhã.

Então, o açougueiro prosseguiu para perguntar: —Você procura pretendentes para ela?

—Não. Não se sabe se ela vai viver para aceitar pretendentes. —Disse Iason.
—Eu não quero que ninguém tenha esperança de ser esmagado quando ela passar para a eternidade. E eu não quero que nenhum homem cheio de zelo chegue à minha porta antes que ela esteja curada. A curandeira ordenou que sua doença seja contida em primeiro lugar.

O açougueiro franziu o cenho, mas assentiu com a cabeça que ele entendeu.

Iason tentou não deixar a possessividade aparecer em seu rosto.

—Há outras duas no palácio. Talvez aceite pretendentes.

As palavras acalentaram o açougueiro e o homem olhou para o palácio, sorrindo pensativo.

A última parada de Iason foi com os alfaiates. Comprou longos casacos e vestidos simples. O alfaiate levantou os cobertores de Cassandra e franziu a testa para seu corpo fino.

—Eles ficarão muito grandes nela. —Disse o alfaiate. —Mas eles são os menores que eu tenho.

—Eu vou levá-los. Obrigado.

Iason colocou o embrulho, que o alfaiate entregou, no carrinho ao lado da perna de Cassandra.

Levantando o carrinho de volta em seus ombros, ele puxou-a pelas ruas da cidade para a floresta circundante. Sua casa estava perto da fronteira, uma caminhada de três dias de Atlas se ele tomasse seu tempo, dois se ele caminhasse ou andasse rápido, sem pausa.

As árvores cresciam acima dele. A floresta estava em silêncio, exceto pelo ocasional som de um pássaro. As criaturas aladas eram uma beleza rara, uma protegida por lei. Quando foram lançados no oceano para irritar os deuses, alguns animais haviam sobrevivido. Alguns alegaram que os animais eram imortais, enquanto outros diziam que os tinham visto mortos na floresta.

Iason olhou para o caminho enquanto forçava as pernas a se moverem. O que ele estava fazendo? Isso era insanidade. Ainda assim, apesar de sua dúvida, ele continuou se movimentando, andando até que suas pernas não aguentaram e a exaustão da longa caçada o forçou a parar para a noite.

Desgostoso, olhou para Cassandra. Havia espaço no carrinho, mas não sentia direito de rastejar sem sua permissão. Em vez disso, ele agarrou uma capa de reposição, envolveu-a em torno de seu corpo e adormeceu no chão duro.

Na manhã seguinte, Iason quebrou seu jejum comendo enquanto ele puxava Cassandra a diante. Ela não tinha se movido a noite toda, e, sentindo pena dela, ele ajustou seus membros para que eles não ficassem muito cansados por estarem na mesma posição. Ele a virou de vez em quando, movendo-a para um lado e depois para o outro no que ele confiava ser uma posição confortável. Iason não sabia se seus esforços ajudavam, mas isso o fazia se sentir produtivo. Cada vez que ele tocava sua carne, ele a deixava ter apenas um pouco de sua energia. Esperançosamente, era bastante para começa a se curar.

Eles não passaram por ninguém na floresta, mas ele não esperava, não na rota que ele viajava. Naquela segunda noite, ele novamente dormiu no chão, capaz de ver as estrelas brilhantes do mar nadando acima, emoldurada pelos galhos das árvores. Ocasionalmente, as estrelas do mar se separavam, deixando passar uma raia. Iason sabia que só as criaturas do mar os perturbavam quando passavam.

Na manhã seguinte, parecia que Cassandra tinha movido os braços em seu sono. Embora ele não pudesse ter certeza, a pequena coisa lhe deu esperança de que ela estivesse ficando melhor. Voltou a comer, puxando a carroça. Seu corpo estava mais fraco do que quando ele começou devido à combinação de ser jogado no casco do navio de Cassandra e o esforço de transportá-la através do caminho da floresta áspera. Mas ele não parou. Se ele tentaria curá-la, não queria fazê-lo na floresta onde as olímpicas poderiam encontrá-lo. Ele não podia protegê-la em um estado enfraquecido.

Iason sabia se ele iria curá-la, ele tinha que aumentar sua força. A maneira rápida de fazê-lo era fazendo sexo ou nadando em sua forma Merr. Decidindo nadar, ele tomou um caminho sinuoso por uma pequena lagoa de água salgada.

Água salgada não era muito boa para o banho, mas isso lhe permitiria esticar os músculos. Deixando Cassandra no carrinho, ele tirou suas roupas e mergulhou nas águas salgadas. Seu corpo se transformou, e quase instantaneamente se sentiu melhor. Seus pés doloridos se dissolveram em uma cauda leve. Estendeu os braços, quase sem peso, enquanto deslizava por baixo da superfície.

Iason virou-se em círculos, mergulhou para percorrer os dedos ao longo do fundo da Lagoa. Ele não precisava subir para o ar, quando suas brânquias filtravam a água para que ele pudesse respirar. Em graus menores, suas costas se sentiam melhor e seu corpo renovado com vida. Deslizando sob a superfície, não podia deixar de contemplar sua situação com Cassandra.

Ele era um tolo.

Capítulo Três

Cassandra piscou. A primeira coisa que viu foi o céu escuro. Não parecia noite, mas poderia ter sido muito bem à noite. Ela ouviu um barulho, mas não se moveu quando seu corpo foi balançado para frente e para trás. Os topos das árvores passavam por cima. Seus membros pareciam pesados, tão pesados que não conseguia levantá-los. Invocando sua força, ela inclinou a cabeça por um breve segundo. Tudo o que ela conseguiu foi um vislumbre de cabelos loiros com seu comprimento até os ombros agitando na brisa antes que ela voltasse para o túmulo da escuridão.

Depois, quando ela acordou, as árvores já não se moviam. Não havia como dizer quanto tempo havia passado. Um segundo? Uma semana? Cassandra olhou para o céu. As estrelas pareciam dançar no céu. Era uma coisa linda, mas sua visão oscilando a fez se sentir tonta. Ela fechou os olhos, puxando o braço para cima em seu peito.

Um grande bocejo despertou-a pela terceira vez. Sentia-se descansada, mais do que há meses. A dor era ruim, e ela desejou ter seus medicamentos para a dor com ela para ajudar a maçante dor profunda. A luz estava apagada, mas o céu estava estranhamente escuro. Talvez fosse sua visão. Era bem possível que estivesse desaparecendo.

O que tinha acontecido com o oceano? Onde ela estava? Sua mente não se concentrou muito tempo antes de deixar a pergunta escapar de seus pensamentos. Ela olhou para o céu, observando-o com olhos borrados, se perdendo em suas profundidades azuis.

Ouvindo uma movimentação, ela olhou ao redor quando sua mente foi atraída de volta para o presente. Ela estava em um vagão de algum tipo, cercada por cobertores macios. A situação era estranha. Mas depois do choque de ser informada de que ela estaria morta antes de completar vinte e cinco anos, nada mais a perturbava.

Um pouco de sua energia tinha retornado, e ela conseguiu levantar seu braço para o lado da madeira do vagão. Ela se ergueu com os músculos trêmulos. A primeira coisa que notou foi um pequeno lago, a luz brilhando sobre a água. Seus olhos se moveram enquanto ela descansava seu queixo em sua mão. Seu olho pegou um movimento, e ela endureceu.

Um homem deixou cair algum tipo de toalha ou roupa em seu corpo, e talvez fosse a coisa mais erótica que já vira. Ele ficou junto à praia, nu, bonito, bronzeado. A luz o acertou bem, contrastando cada cume e curva de seu corpo musculoso. Nem um pingo de gordura o prejudicava. Ele era como um deus grego, seu corpo esculpido como se fosse de mármore renascentista tão duro e perfeito. Ondas louras derramaram sobre seus ombros. Suas madeixas pareciam um pouco embaraçadas, mas acrescentava um apelo selvagem à sua aparência. Se ela estava alucinando, Cassandra nunca iria querer ser sã novamente.

Incapaz de se conter, ela olhou para seu traseiro firme. Ele cochichou enquanto caminhava em direção à água. Ela esqueceu tudo sobre sua dor enquanto ela o observava, curiosa sobre quem ele era e o que ele estava fazendo com ela. Ele balançou os braços para o lado, esticando as costas, torcendo ligeiramente a cintura. Os olhos de Cassandra se arregalaram quando ela viu seu pau flácido balançar brevemente em vista. Mesmo sem uma ereção, a coisa era maior do que qualquer outra que ela vira, não que ela tivesse visto muitos.

Algo surpreendente aconteceu quando ela o observou. Ela sentiu desejo superando a dor. Seu coração saltou em seu peito, e seu corpo não se sentia tão fraco como antes, mas ela sabia que não era forte o suficiente para perseguir seus sentimentos. Ela duvidava que pudesse se levantar por um longo período de tempo, muito menos invocar a energia para tocá-lo. Além disso, ela não estava exatamente em seu melhor nos dias atuais.

Sua respiração ficou presa em seu peito enquanto o observava mergulhar na praia. Seu corpo movia-se com tal elegância e graça. Cassandra estava quase desapontada quando ele desapareceu debaixo da superfície da água.

Ela observou por um longo tempo por ele, para subir em busca de ar, mas ele não subiu. Seu braço ficou cansado, e ela se abaixou de volta. E se ele estivesse em apuros? E se a água fosse muito funda onde ele mergulhou? Parecendo uma

desesperada perdida na floresta, ela empurrou o cobertor de lado e olhou para fora. Se ele se afogasse, seu corpo não flutuaria até o topo?

De repente, uma grande barbatana salpicou água na costa do lago. Seu coração quase parou em pânico. O homem estava em apuros. Havia algo na água com ele.

Gemendo, Cassandra se recompôs. Seus membros tremiam, e ela amaldiçoou seu corpo fraco enquanto ela de alguma forma conseguia retirar-se do carrinho. Ela caiu no chão, tão fraca e cansada, incapaz de se levantar.

Quem quer que fosse esse homem, sentiu-se compelida a salvá-lo. Ela rastejou de quatro em direção à costa. Não adiantava. Sua força de vontade só poderia levá-la até ali. Ela caiu no chão, respirando pesadamente enquanto estava deitada de bruços. Suas pernas estavam enroladas em grossas dobras de material, dificultando o movimento.

Cassandra observava, olhando para o lago. A terra dura estava contra seu corpo, mas ela não podia se levantar. Ela usou toda sua energia para manter os olhos na água.

Por favor, suba, ela pensou. Eu não posso te salvar. Eu não posso...

Cassandra ofegou de alívio quando o homem finalmente apareceu. Seu cabelo loiro estava alisado contra sua cabeça, agarrando-se à sua parte traseira forte e musculosa. As barbatanas estavam nos antebraços do homem. Então, ele mergulhou, nadando sob a superfície. Sua cintura se desvaneceu em uma longa cauda verde. A luz refletia-se em suas escamas em forma de diamante.

—Tritão. —Ela sussurrou em admiração, a palavra tão fraca que ela não tinha certeza se ela saiu ou se ela apenas pensou.

O homem voltou à tona, girando na água para olhar para ela. Era como se ele a ouvisse chamar. Cassandra não se moveu. Mesmo à distância ela podia ver o verde brilhante de seus olhos. Tinha olhos verdes, mas tinha certeza de que os dela nunca brilhavam assim, como duas esmeraldas à luz do sol.

As pálpebras de Cassandra abriram para olhar. Ela o viu nadar para ela. Seus braços musculosos bombeando sobre a água, só para então puxar seu corpo para a costa. Ele não falou, mas ela ouviu uma voz baixa em sua cabeça dizer. —*Cassandra?*

Isso foi um sonho? Sua mente finalmente enlouqueceu? Seu corpo estava em algum lugar no barco, preso a uma cama, cercado por cientistas CCE, tentando resolver seu dilema com sua lógica e treinamento? Se houvesse cientistas ao redor, certamente um deles administraria analgésico logo para que ela pudesse desfrutar dessa fantasia sem a agonia.

O tritão usou seus braços para rastejar para a costa. Seu peito liso, sem pelos, estava bronzeado como o resto dele. As barbatanas em seus antebraços eram verdes, uma sombra mais clara do que seus olhos esmeralda, e rajada com branco e bege claro como uma concha. A pele de seu antebraço crescia em torno dele. As brânquias agitaram-se antes de ficarem planas até o pescoço. Seu coração se moveu como uma borboleta em seu peito, e ela desejou poder se levantar.

Escamas verdes enchiam ao redor de seus olhos, tão claras que quase não eram visíveis. Suas pernas tinham desaparecido, assim como todos os traços de seu sexo. Em seu lugar havia uma longa cauda verde prateada. A cauda com uma barbatana na parte inferior se desenrolava tão fina quanto à seda molhada. Seus dedos flexionaram. Queria tocá-lo. Ele parecia bonito, como se ele fosse um deus vindo do oceano para resgatá-la.

Uma lembrança surgiu em sua mente, a imagem da luz verde cintilante na escuridão, dos lábios firmes e quentes dele, respirando dentro dela, beijando-a. Os braços seguravam-na apertado, tão protetor e seguro. A frieza a puxara, mas os braços a seguraram mais forte. Ela não podia estar no barco. O barco tinha afundado no oceano. Isso ela sabia que tinha sido real.

Foi este homem que a salvou da escuridão e do frio? Esta era a vida depois da morte? Esse homem a estava levando para o outro lado?

Ela o observou enquanto ele tirava a água de sua cauda. As escamas transformaram em carne, substituindo sua cauda por pernas humanas. Ele se levantou, cruzando a curta distância até ela. Ele ainda estava nu, e ela olhou para seus quadris por baixo das fendas estreitas de seus olhos. Pequenas trilhas de água escorriam sobre sua carne dura, caindo sobre seu corpo em pequenos riachos sedutores.

Se sua boca não estivesse subitamente seca, ela engoliria em apreensão de seu tamanho. *Tão grande. Muito grande?* Seu pênis saltou quando ele se moveu,

mantendo sua atenção atarefada até que ele chegou perto demais para ela ver nada além de seus pés fortes.

O homem parou diante dela, e ela sentiu a mão dele em suas costas.

—O que aconteceu? O que você está fazendo fora do carrinho?

—Eu estou morta? —Cassandra sussurrou. Ela sabia que suas palavras eram fracas, mas o tritão parecia ouvi-la bem.

—Você está doente. —O homem a enrolou em seus braços. Ele tocou seu rosto e pescoço, a umidade deixada por suas mãos estava agradavelmente a esfriando.

Cassandra gemeu, fechando os olhos.

—Cassandra?

Gostava da voz dele. Era profunda. Olhando para seu rosto, ela sorriu.

—Minha avó falou do barqueiro, que viria trazer-nos ao outro mundo quando nós morrêssemos. Você é o barqueiro que me leva para atravessar o rio das almas?

—Você está em um novo mundo, mas eu não sou o barqueiro. —Respondeu ele, alisando seu cabelo com sua palma úmida. Ela sentiu um calor onde sua pele roçou a dela, uma faísca de fogo e luz que atravessou seu corpo. Sua respiração se aprofundou, e ela gemeu suavemente.

—Quem é você? —Ela sussurrou, fechando os olhos. Seu corpo vibrou onde ele a tocou, tirando de seu calor. Cassandra poderia se concentrar um pouco mais.

—Iason, o Caçador. —Respondeu ele. —Eu estou cuidando de você. Vou tentar ajudá-la.

—*Você caça almas?*

Levou um momento para perceber que ela não tinha dito as palavras em voz alta. Quando ela abriu os olhos novamente, ele estava colocando ela de volta no carrinho. Ele a afrouxou suavemente, deitando ao lado dela. Cassandra estendeu a mão, acariciando seu pescoço, tremendo com a frieza de seus cabelos úmidos.

—Iason. —Ela sussurrou, deixando seus dedos caírem em seu peito. —Um caçador.

Iason olhou para a mulher ao lado dele. Como ela tinha saído do carrinho? Ele olhou ao redor, mas não pôde ver mais ninguém junto à lagoa. Sua mão deslizou por sua bochecha. Ele sabia que ela ainda poderia estar sofrendo da euforia de ser curada. Devia ser por isso que ela estava tranquila ao vê-lo em sua forma Merr.

A natação tinha feito muito para energizá-lo. Cassandra estremeceu, e ele pegou sua mão. Concentrando-se, ele lhe enviou seu calor e energia. Ela gemeu, seus lindos olhos verdes se fechando mais uma vez. Iason esfregou os braços, massageando-os, antes de se levantar. Ele ergueu as pernas. Sua pele era macia, e ele se viu excitado.

Iason sabia que isso aconteceria. É por isso que os maridos só curavam esposas. Quanto mais ele lhe dava de si mesmo, mais ele gostaria de reivindicar seu corpo. Quanto mais perto chegava ao ponto de clímax, mais energia podia lhe dar. O prazer que ele tiraria do sexo seria mais do que suficiente para curá-la, se feito o suficiente. O truque seria sofrer até o ponto mais distante apenas para negar a si mesmo no final. Ele a desejava tanto, mas não a aceitaria sem o seu consentimento.

Cassandra gemeu, deixando suas coxas caírem sobre ele. Iason ficou tenso, seu membro tão duro que queria explodir. Era difícil resistir a mergulhar nela. Ela se mexeu debaixo dele e seu vestido subiu sobre suas coxas enquanto ela dobrava os joelhos. Ele deixou sua mão deslizar até seu quadril nu.

—Tão suave. —Ele sussurrou. *Preciso curá-la. Preciso curá-la. Não a toque de outra maneira.*

A perna de Cassandra se elevou, provocando sua cintura nua com suaves roçadas de sua pele contra a dele. Ela puxou o decote de sua túnica, arqueando suas costas. Sua linda boca se abriu, os lábios curvados chamando-o.

Iason tentou forçar as mãos para longe. Ele acariciou suas coxas, pronto para deixá-las. Cassandra pegou sua mão sob a dela, lentamente a puxou para cima de sua coxa só para levá-la ainda mais debaixo de seu vestido. A túnica parou, revelando seu sexo nu. O creme brilhava a luz do dia. Ela o queria.

Ele sentiu suas costelas enquanto ela puxava sua mão para cima, apenas para parar em seu peito macio. O mamilo brotou contra sua palma. Cassandra gemeu. Iason recuou, retomando o controle.

—Não devemos. —Disse ele. Seu corpo protestou violentamente. Iason não podia levá-la. Assim não. Não quando estava doente, sob seu feitiço eufórico. Lembrando-se de seus pensamentos no palácio, a ideia do que ele faria com seu corpo, não importando o que pudesse acontecer, ele riu sombriamente. Não importava como seu corpo gostava de dizer a ele de forma diferente, sua mente queria que ela estivesse disposta. Ele queria que ela o desejasse, saber que ela o queria.

Quando ele a olhou de novo, Cassandra não se moveu mais. Sabendo que ele não podia continuar olhando para seu corpo exposto, ele puxou seu vestido para cobri-la. Então, enfiando-a sob as cobertas quentes, agarrou sua túnica e foi para a floresta.

Escondido atrás de uma árvore, mas ainda perto o suficiente do carrinho onde ele podia ouvi-la se ela precisasse dele, Iason movimentou sua ereção rígida. Sua palma seca não estava nem perto do que ele queria, mas serviu para aliviá-lo de sua aflição. Não demorou muito. Tudo que ele tinha que fazer era se lembrar de sua vagina molhada, nua, cercada por cachos vermelhos e ele estava derramando sua semente no chão da floresta.

Depois, ele se vestiu e voltou para o carrinho. Olhando por cima do ombro, franziu o cenho. Ela se virou para o lado e dormia profundamente. Suas bochechas estavam mais rosadas do que antes e um sorriso suave em seus lábios curvados.

Iason gemeu enquanto seu pênis se contraía, ansioso para voltar à vida. Balançando a cabeça, ele levantou a carroça sobre seus ombros e começou a caminhar em um ritmo acelerado para a floresta.

—Em que eu me meti? —perguntou a si mesmo. —Salvar sua vida definitivamente vai me matar.

Eu sou um tolo.

Cassandra acordou sentindo-se melhor do que em meses. Seu corpo retorcia com uma vida renovada, tão renovada, de fato, que não conseguia parar de pensar em sexo. Ou, mais particularmente, sexo com o caçador Iason. Ele era a coisa que fantasias femininas quentes desejavam.

Ela observou suas costas fortes enquanto puxava o carrinho. Embora ele estivesse vestido, ela ainda podia ver a maior parte de seu corpo sob a túnica graciosamente drapejada. Só caía até a coxa. Suas pernas, braços e um ombro estavam nus. Fortes músculos abaulavam do que ela podia ver dele. Em seus pés usava sandálias de tira de couro. Sua roupa apenas confirmou que ela não estava mais na Terra. Ninguém se vestia assim. Pelo menos, não fora da costa da Flórida, onde seu navio tinha naufragado.

Droga, ele é sexy!

Sua libido deve ter aumentado porque seu sexo quase pulsava com a umidade reunida entre suas pernas. Sua mão estava flexionada, querendo sentir seus músculos. A vida era muito curta para reter ou a vida após a morte, ou qualquer outro lugar.

Antes de ser diagnosticada, ela nunca tinha sido corajosa o suficiente para chegar a um homem como Iason, muito menos considerar ter relações sexuais com ele. Ela gostaria, mas ficaria com muito medo do que ele pensaria dela. Ela era bonita o suficiente? Esbelta o suficiente? Seus seios eram pequenos demais? Agora, enquanto olhava a morte na cara (talvez estivesse morta em algum tipo de estágio intermediário enquanto Iason a levava ao céu ou ao inferno), ela sabia que o desejava. E, se ele mesmo desse a menor indicação que ele a queria, ela estava determinada a ceder a ele.

Havia apenas um problema. Ela não tinha energia para nada selvagem ainda, ou até mesmo pensar nesse assunto, e ela suspeitava que realmente precisasse tomar um banho longo. Inclinando a cabeça, ela fungou. Sim, ela definitivamente precisava de um banho primeiro.

Iason levou-a para uma casa. Era enorme, com colunas românicas erguendo o telhado sobre um longo pórtico. Um cruzamento entre a arquitetura romana antiga e

uma casa senhorial inglesa. O gramado estava aparado e a casa bem conservada. Se ela tivesse que arriscar uma suposição, ela diria que foi feita de mármore.

—Onde estamos? —Ela perguntou, orando para que não fosse seu destino final. Sua voz era rouca por pouco uso, mas pelo menos era mais do que um sussurro. —Isto é um templo?

Iason se virou, parecendo surpreso ao vê-la acordada. Ela forçou um sorrisinho para ele. Um momento se passou enquanto ele a encarava.

—Minha casa.

O prazer correu por ela. *Sua casa?* Cassandra mordeu o lábio, permitindo que seus olhos tivessem outro vislumbre dele enquanto ela olhava para sua parte traseira dura. No lago, ele estava nu sob as roupas. Ela se perguntou se ele ainda estava.

Era este o céu? Ela conseguiu uma bela casa e um deus ainda mais belo como sua recompensa pela vida decente que viveu? Se assim fosse, eles realmente deveriam colocar isso na descrição da vida após a morte. Com uma foto de Iason ao lado do texto, o problema do crime seria resolvido. Todo mundo quer um. Uma pontada de dor a atingiu, e ela gemeu.

—Você pode andar? —Ele perguntou, olhando para ela quando ele vinha para o carrinho.

Cassandra queria dizer não, mas, lembrando-se que ela precisava de um banho, ela disse: —Sim. Eu acho que sim.

Ela se afastou dele quando saiu do carrinho. O chão era duro contra seus pés descalços, mas ela não se importava. Iason pegou um pacote do carrinho enquanto se dirigia para os degraus da frente. Agarrando-se a uma grande coluna enquanto ela dava os passos, ela chegou à porta da frente.

As colunas se estendiam por ambos os lados, apoiando o telhado e protegendo o pórtico. A casa era antiga, mas bem cuidada. A casa estava destrancada. Iason abriu a porta, guiando seu cotovelo enquanto ela entrava diante dele.

A porta da frente conduzia a uma entrada pequena. Além disso, havia um grande átrio com paredes e pisos de mármore. Além de alguns bancos, o átrio era

estéril. Um buraco foi formado no teto, deixando ar fresco na casa. Vendo uma piscina abaixo do buraco, ela adivinhou que deixava entrar água da chuva também.

—Para tomar banho. —Iason ofereceu, vendo sua atenção na piscina.

Cassandra puxou seus braços para perto de seu corpo, tomando suas palavras como uma dica. Desesperada por mudar de assunto, perguntou: —Você mora aqui sozinho?

—Não. —Disse ele.

O coração de Cassandra quase parou de bater. Esperou que ele dissesse que ele era casado. Poderiam os caçadores sobrenaturais de alma, tritões, casarem-se? Quanto mais ela olhava ao redor, vendo como tudo realmente parecia, ela começou a perder a fé em sua teoria de estar morta. Se ela estivesse morta, ela ainda se sentiria doente?

—Sinta-se livre para ir a qualquer lugar que você goste enquanto você estiver aqui. —Disse Iason. —Minha casa é sua casa.

Perversamente, o único lugar em que podia pensar em ir era seu quarto. Cassandra corou. O que estava acontecendo com ela? Ela era como um animal no cio, pronta para agarrar a primeira coisa que passasse por ela. Ok, bem que ajudou que a primeira coisa que passou por ela foi um deus grego.

Ele atravessou o corredor e abriu uma pequena porta.

—Para necessidades pessoais.

Cassandra olhou, vendo o que só podia ser um banheiro. Ela assentiu, e ele fechou a porta. Além do átrio, viu um jardim coberto. O cheiro doce da natureza encheu o ar, e ela sorriu suavemente. Olhando para ele, ela disse: —Sua casa é linda.

Ele acenou com a cabeça uma vez, parecia que queria dizer alguma coisa e então se conteve. Ele apontou ao seu corpo magro.

—Eu devo te alimentar quando você puder sentar sozinha.

Cassandra olhou para baixo. Estranhamente, ela não estava com fome.

—Eu gostaria de um banho, se não for um problema.

Iason acenou com a cabeça. Ele olhou para a piscina e depois para ela.

—Eu devo...?

Ok, essa oferta era demais. A ideia de banhá-la era muito tentadora. Seu cheiro não era. Cassandra sentiu-se fraca, mas mentiu: —Estou bem. Eu posso fazer isso.

—Espere aqui. Vou pegar sabonetes para você. —Iason saiu em uma porta lateral.

Cassandra aproximou-se de uma porta, seus pés se arrastando. Ela olhou para o jardim interno do outro lado. Caminhos de pedra atravessavam os arbustos e árvores, alinhados com bancos de pedra. Havia um teto fino sobre a cabeça. Deixava entrar luz suficiente para ajudar as plantas crescerem, sem deixar as flores delicadas superaquecerem. Uma brisa mais fria entrou de uma porta aberta. O ar era doce com o cheiro de frutas e flores. Eram tão belas e bem cuidadas. Ela se perguntou quem cuidava disso.

—Pronta?

Cassandra pulou de surpresa com sua voz. Ela assentiu com a cabeça. Olhando ao redor do átrio com suas muitas portas, ela perguntou: —Alguém vai entrar?

—Não. Os cuidadores foram viajar. Somos só nós dois. Estarei na cozinha preparando comida. —Iason pôs uma toalha e jarros junto à piscina. —Quando há companhia, tiramos água da piscina e a aquecemos em tubos antes de levá-la para uma banheira. Infelizmente, a piscina não está em uso e a água não é aquecida nos canos.

—Está tudo bem. —Cassandra assegurou-lhe. —Obrigada.

Estava nervoso? Por que ele não estava olhando para ela? Ela observou sua garganta funcionar.

—O frasco pequeno é para a sua boca. —Disse ele, limpando a garganta enquanto se afastava rapidamente. —Estarei na cozinha se precisar de mim.

Cassandra riu para si mesma. Ele estava agindo estranho. Olhando ao redor do átrio, ela percebeu que não era mais estranho do que sua situação.

Tirando suas roupas, ela gentilmente entrou na piscina. Ela se perguntou por que ela não estava enlouquecendo mais. Ela estava em um lugar estranho com um

tritão, embora ele fosse muito bonito. Mas, a verdade era, ela não podia se forçar a pensar em sua situação. Era como se uma nuvem estivesse sobre seus pensamentos e se ela se concentrasse demais, a nuvem só se espessaria.

Cassandra desejava que a água estivesse mais quente, mas não ia se queixar. Ele a advertiu que não iria aquecer. Ela manteve um olho afiado nas portas enquanto pegava um pote. Cheirando o conteúdo, foi agradavelmente surpreendida com lavanda em um e o outro com hortelã. Pela sua consistência, percebeu que era sabão. Cassandra lavou seus cabelos e seu corpo com ele. Sua pele começou a formigar um calor agradável.

O jarro seguinte era mais cremoso, e usou-o como um condicionador. Funcionou maravilhosamente, e ela tinha certeza de que seu cabelo nunca tinha sido tão sedoso e suave em toda a sua vida. Por último, ela escovou os dentes com o dedo, enxaguando com um copo de água que ele deixara para ela. Ela observou, vendo como a piscina parecia filtrar. Quase imediatamente o sabão de seu cabelo se dissipou da água.

Curtindo a sensação de estar suspensa em água, Cassandra deitou-se de costas ao longo da beira da piscina. Ela fechou os olhos, satisfeita pelo momento apenas para relaxar.

Iason picava o pedaço de fruta como um louco, cegamente cortando com sua faca de modo que pedaços de polpa pegajosa voavam a cada golpe da faca. Sua voz tinha que ser tão sensual? Ele sabia que ele estava balbuciando enquanto a deixava para se banhar, mas ele estava tão distraído com cenas imaginadas dela na banheira, suas mãos ensaboando seus seios, a água que a rodeava, que ele mal conseguira se concentrar.

Felizmente, ela não tinha notado.

Olhando para baixo, ele parou de cortar a fruta o tempo suficiente para franzir o cenho. Segurando as mãos ao lado, ele olhou para o seu corpo. Ele estava ereto. Mais uma vez.

Iason rosnou e picou mais forte, purificando a fruta em uma pilha de lama líquida enquanto trabalhava suas frustrações sexuais. Althea não fazia ideia do que lhe tinha pedido que fizesse, nem do quanto seria difícil para ele. Ele sabia que Cassandra não estava bem ainda, que ela poderia muito bem escorregar de volta para a inconsciência. Na verdade, Althea havia dito que era melhor se ela não despertasse por causa da quantidade de dor em que estava.

A curandeira tinha razão quando disse que Cassandra estava muito doente. Ele sentia sua dor nos ossos até mesmo agora. Como ela suportou tanta dor, ele não podia imaginar. Ele só tinha tomado uma medida disso e estava prestes a queixar-se. Cassandra não tinha dito uma maldita palavra sobre isso, e, se alguém tivesse o direito de reclamar, era aquela mulher.

Quando ela estava parada no átrio, Cassandra oscilou levemente sobre seus pés. Ele respirou fundo e pousou a faca, preocupado. *Talvez ele não devesse tê-la deixado sozinha na banheira. E se ela se afogasse? E se ela precisasse dele e ele não pudessem ouvi-la?*

Ele deveria verificar como ela está.

Por sua saúde, ele deve verificá-la.

Era a coisa certa, cavalheiresca a fazer.

Iason assentiu, sua decisão tomada. Apressando-se para o átrio para verificá-la, ele endureceu ao vê-la imóvel na água. Sua cabeça estava inclinada para trás contra a borda, mas parecia que ela iria deslizar em qualquer segundo. Ele correu para seu lado, descendo os degraus da piscina, enquanto ele dizia o nome dela. — Cassandra? Cassandra, você está bem? Acorde.

Ele estava na metade da água quando seus olhos se abriram para ele. Seus braços magros cobriam seus seios enquanto ela se levantava. Automaticamente, ele olhou para seu corpo.

Por todos os deuses!

—Eu pensei que você estivesse ferida. —Ele disse, tentando forçar seus olhos para longe dos cachos entre suas coxas. Foi difícil. Ele sabia que ele olhava, mas não podia se afastar. Estava muito... Nua. E úmida. E, oh, seu sexo estava tão pronto para ele como no carrinho.

—Estou me sentindo muito melhor. —Disse Cassandra. Seu tom sensual envolveu-o, agitando seu sangue já espesso.

Para sua surpresa, ela deixou cair os braços de seus seios, expondo-os a ele. Iason continuou a olhar. Se não fosse pela maneira nervosa que ela mordeu o lábio, ele teria pensado que ela não sabia o que ela fez.

Ela deixou que ele a olhasse, erguendo-se quando ele fez exatamente isso. Iason estava dividido entre beijar sua boca, chupar esse lábio entre os dentes, e forçar-se a deixá-la sozinha. Seus olhos mergulharam mais uma vez para seus cachos. Mesmo em seus anos mortais, tinha certeza de que nunca tinha visto os cabelos de uma mulher dessa cor. Era exótico, como as pequenas flores que floresciam nas partes mais profundas do Abismo.

Iason esperou que ela fizesse um movimento. O que ela estava fazendo? O que ela estava esperando? Ele deveria tocá-la? Esse show foi um convite? Ou ele a deixava para cuidar de sua aflição com sua própria mão como ele estava fazendo?

Ela inclinou a cabeça para o lado, os lábios entreabertos, os olhos verdes olhando para ele. Ela parecia tão inocente, tão frágil. Ele sentia a besta vindo para violá-la. Iason engoliu, mais do que pronto para desempenhar o papel.

Lambendo os lábios, ele não podia deixar de pensar, *eu sou tão tolo.*

Capítulo Quatro

Cassandra respirou fundo. Ela não sabia muito, mas sabia que queria estar com Iason. Seu corpo queimava para entrar em contato com ele. Fazia muito tempo que alguém a segurara, a tocara, fazia amor com ela. Ela precisava ser tocada, para saber que ainda podia sentir algo além da dor. O único problema era que ela nunca tinha desempenhado o papel da sedutora antes e estava um pouco assustada sobre como começar.

Iason fez um movimento para deixá-la sozinha no banho. Vendo que ele não ia tomar iniciativa, ela perguntou: —Estou morta?

Nesse momento, um leve sorriso curvou seus lábios firmes. Ele se virou para ela. Seus olhos continuavam olhando para seu corpo. Estava claro que ele não era completamente imune a ela. A ideia deu-lhe esperança.

—Não. —Respondeu ele.

Uma vez que sua mente se tornou mais clara, ela adivinhou.

—Você me puxou da água?

—Sim. —O olhar de Iason voltou a mergulhar em seus seios. Ela não se preocupou em cobri-los. Ele lambeu os lábios antes de desviar os olhos. Havia algo sexualmente libertador sobre ser tão ousada.

—Estamos em algum tipo de ilha secreta? —Por que ele parou de olhar para ela? Ela sabia que estava muito magra, mas ele não estava nem um pouco interessado em fodê-la? Olhando para baixo em sua forma musculosa, ela relaxou por alguns minutos. Ela podia ver o vulto revelador de sua ereção debaixo de sua toga curta.

Oh, sim, ele estava definitivamente interessado. Seu corpo se agitou. A estranha nuvem eufórica estava sobre seus sentidos até que ela estava concentrada em uma coisa: seduzir Iason.

—Sim. —Seu olhar piscou para o dela mais uma vez, e ele limpou sua garganta. —Ataran.

—E você é um tritão?

—Sim. —Ele ficou visivelmente tenso, sem dúvida esperando que ela gritasse.

Cassandra não estava muito alarmada com o fato. Sua avó sempre lhe dissera que coisas como as bruxas e o sobrenatural existiam. Certa vez, Cassandra estava convencida de que tinha visto um fantasma. Então por que um belo tritão a chateava? As lendas humanas tinham de vir de algum lugar e, ao contrário dos cientistas do CCE, ela realmente não tinha explicação lógica para tudo. Havia muito mais que o pensamento moderno não conseguia explicar: como o formigamento que sentia na nuca quando um fantasma estava perto, ou como uma mãe podia sentir que seu filho precisava dela do outro lado da cidade. Por que não alguns tritões sexys, vivendo em um paraíso tropical, em alguma ilha inexplorada?

Cassandra olhou para as pernas dele na água, franzindo a testa em confusão.

Ele deu de ombros e explicou: —Isso é água doce. Meu corpo muda na água salgada.

Cassandra riu baixinho com seu olhar envergonhado. Era como se ele esperasse por algum tipo de grande reação.

—Então eu só tenho uma última pergunta no momento. —Disse ela, estudando seus olhos para ver se ele mentiria para ela. Ele acenou com a cabeça uma vez para ela ir em frente. —Você fez com que nosso navio naufragasse?

—Não. Estávamos caçando a scylla. Ela destruiu seu navio. Vocês humanos pegaram meu amigo Caderyn em uma rede enquanto estávamos tentando parar a criatura. —Iason não olhou uma vez para longe. —Tentamos parar, mas já era tarde demais.

Cassandra assentiu, sentindo que não estava mentindo para ela. Ele se virou para sair. Ela alcançou seu braço, querendo tocá-lo.

—Espere.

Ele olhou para a mão dela em seu braço.

—Quero agradecer por me salvar. —Disse ela. Era meio verdade. Teria sido menos doloroso, a longo prazo, ter morrido no oceano, mas ele não sabia disso. Além disso, se ela tivesse morrido, ela não estaria em uma ilha tropical com um tritão incrivelmente bonito. Tendo visto ele nu em primeira mão, ela sabia que ele tinha a forma de um homem humano e provavelmente capaz de grandes coisas quando se tratava de sexo.

Cassandra se moveu na frente dele, subindo na escada subaquática para ficar em seu nível. Um momento de fraqueza a percorreu, mas ela o ignorou. Ela se recusava a ficar doente agora. Agora não. Ela queria sentir tudo que a vida tinha para oferecer, tudo que Iason tinha para oferecer. Sua vida era muito curta para levar as coisas devagar. Além disso, a vantagem de sua condição era que ela não tinha que se preocupar com a doença. Ela não estaria tempo suficiente para que qualquer problema fosse um problema. Quanto à gravidez, os médicos tinham mencionado que não era possível. Cassandra estava chateada, mas foi tudo para o seu melhor. Seria muito mais difícil morrer sabendo que ela deixou um bebê para trás sem uma mãe.

Cassandra fechou os olhos, decidida a não pensar em nada triste. Ela tinha sofrido bastante. Agora era a hora de desfrutar.

—Você não precisa fazer isso. —Sussurrou Iason. Apesar de suas palavras, ele não se afastou, e ele não a impediu enquanto deslizava as mãos para o material amarrado sobre um ombro. Ela empurrou o material de seu braço, mostrando seu peito.

—Deixe-me banhá-lo. —Disse ela, passando as palmas das mãos sobre seu peito liso. Banhá-lo era apenas uma desculpa para explorar seu corpo. Ele realmente não parecia sujo, e ele cheirava fresco e limpo. —Você deve estar cansado de me levar por aí.

Cassandra recuou, tentando acalmar seu batimento cardíaco. Não ajudou. Ela realmente queria isso, mas ela ainda estava nervosa. Ela pegou o pote de sabão e mergulhou os dedos dentro dele. Trabalhando uma espuma entre as palmas das mãos, ela se voltou para ele.

O sabão parecia como seda entre a carne enquanto ela o lavava lentamente. Ele era tão forte, tão duro. Cassandra nunca sentira nada parecido. Ela tomou seu

tempo explorando cada curva, acariciando seus dedos sobre seu peito tenso, costas e braços.

Iason não se moveu para encorajá-la ou dissuadi-la, então ela continuou. Na verdade, ele não se moveu, exceto para tomar respirações longas e profundas. Suas mãos continuaram a se mover sobre sua forma, testando inconscientemente a firmeza de seu corpo duro. A textura de sua pele a fascinava, assim como as suaves encostas de seus músculos abaulados. Com cada toque, era como se ela pudesse sentir seu corpo conectando-se ao dele. Suas terminações nervosas saltavam sob sua pele como pequenas explosões de fogos de artifício.

Cassandra abriu os lábios. Ela queria beijá-lo, prová-lo, mas ela se recusava a apressar as coisas. Suas roupas ainda pendiam em torno de sua cintura, escondendo sua bunda firme. Trabalhando ao redor da parte dianteira, ela encontrou seus olhos esmeraldas. —Molhe seu cabelo.

Iason ajoelhou-se diante dela, sem retroceder. Ele abriu os lábios enquanto passavam a centímetros de seus seios. Sentiu-o soprar contra sua pele, fazendo com que seus mamilos saltassem em dois pontos muito eretos. Foi uma carícia suave e sedutora que sentiu até os dedos dos pés. Ele continuou a soprar, agitando levemente os cachos entre suas coxas. Com seu ambiente de mármore, era muito fácil imaginar que ela era a donzela inocente sendo forçada a servir o grande, gladiador romano mau.

Mergulhou sob a água. Quando ele subiu, ele ficou de joelhos, seus olhos abrindo um buraco em seu sexo. Cassandra estendeu a mão atrás das costas, procurando cegamente o sabonete. Seus dedos tremiam enquanto ela espumava o cabelo dele e ordenava que ele enxaguasse. Ele obedeceu.

Ela sorriu. Talvez ela não fosse a donzela inocente neste cenário. Talvez ela pudesse ser a nobre rica no controle de seu novo gladiador escravo. A ideia de ser capaz de comandar tal homem, dominá-lo, deixou seus joelhos fracos de prazer.

Cassandra pôs o condicionador nos cabelos e empurrou-lhe a cabeça. Ele obrigatoriamente passou sob a água mais uma vez. Ela correu os dedos pelas madeixas sedosas antes de deixá-lo subir. Quando ele subiu da água, ele se levantou diante dela, novamente soprando sua carne. Sua roupa molhada abraçava sua cintura, agarrando-se a suas coxas.

Uma mecha de cabelo molhado cobria um de seus olhos. O loiro parecia mais escuro agora que estava molhado. Ela passou os dedos pelo cabelo dele, empurrando-o para trás de seu rosto. Seus mamilos roçaram sua carne quente e sua respiração acelerou com o próprio calor dele, enquanto nervos ardentes enviavam uma onda de choque para baixo do seu corpo.

Cassandra encontrou em seus olhos enquanto ela puxava o cinto de pano em sua cintura. O material aderiu à sua pele, e ela puxou as bordas, puxando-o para trás até que caiu pesadamente na água. Ela olhou para baixo. Seu pau estava duro, e a excitou só de saber que ela tinha feito isso com ele. Ela chupou seu lábio inferior, inconscientemente mordendo-o.

Sua virilha estava livre de pelos e suas pernas tinham muito pouco. A ponta em forma de cogumelo parecia pronta para conquistar. As veias corriam pelos lados de sua haste lisa, um eixo tão grosso e alto que ela não tinha certeza se realmente caberia dentro dela. Apesar deste medo feminino, ela sentiu seu corpo já molhar, já que estava mais do que disposta a tentar.

Ela pegou mais sabão e deslizou suas mãos sobre ele mais uma vez. Esfregando em longos traços, ela se moveu ao redor dele, ajoelhando-se na piscina enquanto limpava suas pernas. Em seu empurrão suave, levantou seus pés da água.

Havia liberdade em saber que ela não tinha nada a perder. Usando as mãos dela, ela passou sobre seus quadris, alcançando sua área pélvica. Ele ficou tenso, sua respiração travou quando seus dedos passaram seu pau ereto e deslizaram para trás, para agarrar seu traseiro. Sua cabeça inclinou para trás, e ela o sentiu estremecer.

Corajosamente, ela passou sua mão ensaboada ao longo de suas nádegas e coxas internas, lavando-o mais intimamente. O primeiro som desde que começaram este jogo deixou sua garganta em um duro e longo rosnado. Seu comprimento inteiro ficou tenso enquanto o músculo duro se esticava sob sua pele.

Cassandra deixou seus dedos deslizarem à frente para ensaboar suas bolas por baixo, pressionando seu polegar no pedaço de carne muito sensível enterrado entre suas bolas e sua bunda. Usando sua mão livre, ela se aproximou e ensaboou seu pênis. Ela teve de torcer para limpar tudo porque era muito grande para a sua mão fechar ao redor.

Cassandra mordeu o lábio e pensou, *graças a Deus li todos esses romances eróticos na faculdade.*

De que outra forma ela teria conseguido ideias como essa? Como ela saberia que a carne enterrada sob as bolas de um homem era um feixe de nervos? Ou que, se ela puxasse firmemente seus testículos, ela poderia impedi-lo de gozar e fazer sua ereção durar mais? Não era como se essa conversa tivesse surgido na aula de educação sexual.

Seus quadris trabalharam contra sua mão enquanto ela o masturbava. Nesse momento, ela sabia que o grande caçador estava desamparado contra seu poder sobre ele. Nunca pensou que ela ficaria tão excitada apenas dando prazer a um homem.

Sua buceta já estava apertada. Seu clitóris formigava. Era como se ela pudesse sentir seu orgasmo se aproximando dentro dela. Como a tensão construída nele, foi construída nela. Ela se inclinou e mordeu o lado de sua bunda. Ele empurrou. Ela fez de novo, a língua banhando o firme montículo de carne musculosa com pequenos lampejos.

—Cassandra. —Ele gemeu. Ela gostava que ele soubesse quem o tocava, gostava do jeito que seu nome soava quando ele gritava de prazer, empurrando e grunhindo contra sua mão. —Cassandra!

—Goze para mim. —Ela lhe ordenou, apertando seu eixo e suas bolas ao mesmo tempo. Seu traseiro ficou tenso, trabalhando lindamente. —Agora.

Para seu espanto, Iason conseguiu obedecer, gozando ao seu comando. Seu corpo sacudiu, e ela sentiu seu sêmen quente fluir sobre o dorso de sua mão.

Cassandra sentiu como se seu corpo explodisse um pouco para se juntar a ele em sua libertação. Era como se ela estivesse possuída, louca de poder sexual. Seu couro cabeludo formigava como se tivesse ficado em choque com eletricidade. Ela puxou as mãos para trás, lavando-as lentamente. Seus joelhos bambearam quando ele mergulhou na água para enxaguar. Suas pernas estavam um pouco instáveis também, mas ela conseguiu ficar de pé.

—Cassandra. —Ele começou, suas palavras um grunhido prazeroso. As pálpebras caíam preguiçosamente sobre seus olhos, e quando ele olhou para ela,

estava com a expressão saciada de um animal selvagem, temperado por um momento ainda quente sob a superfície.

—Shh. —Ela ordenou, sentindo-se tonta. —Não lhe dei permissão para falar.

Iason arqueou uma sobrancelha.

—Não preciso de sua permissão.

Cassandra estremeceu. Bem, ele ia ser desafiador. Isso ia ser muito divertido.
—Você precisa se você quiser gozar de novo.

A compreensão surgiu em seu rosto, e ele lentamente inclinou a cabeça.

—Minha senhora.

Cassandra estremeceu, gostando do título que ele lhe concedeu. Ela pensou em ir para os jardins e fazê-lo sentir prazer com sua boca, enquanto cercado pelo cheiro doce de frutas frescas ou flores ou qualquer planta que estiver lá, mas uma cama parecia muito confortável para passar.

—É um bom escravo. Agora, leve-me para o seu quarto.

Iason levantou-se e saiu da água, a cabeça girando para vê-la enquanto seus olhos ardiam de paixão. Cassandra o seguiu até uma das portas, observando seu traseiro duro enquanto caminhava. Ela respirou fundo e depois outra vez.

Ela iria realmente fazer isso?

Ela realmente iria ter relações sexuais com Iason?

Sim. Cassandra respirou fundo. Sim, ela certamente iria.

Ela ficou satisfeita ao encontrar o quarto limpo e uma cama grande. A decoração era simples. Tinha paredes de cor creme, acentuadas com vermelho e ouro. Havia um vaso de bronze no canto, uma mesa redonda e um guarda-roupa. Um edredom vermelho carmesim estava na cama grande. Era bordado com um padrão de sol gigante. Afrescos foram pintados na metade superior das paredes. Eles formavam retângulos perfeitos ao redor da sala. A maioria deles era de paisagens antigas. Atraídos para a cama, ela se deitou no edredom. O colchão era macio, e ela estendeu-se sobre ele.

—Vejo que você está se sentindo melhor. —Disse Iason, chegando ao fim da cama.

Seu pau estava a meio mastro, e ele não fez nenhum movimento para se cobrir, ante seus olhos. Ela gostava de sua confiança. Ele não estava completamente envergonhado pela sua nudez, não que tivesse razão para ser de outra forma.

—Eu quero que você me beije. —Cassandra disse, esfregando seu corpo para que ele pudesse assistir.

Iason rastejou para a cama, mantendo seus corpos separados quando ele se moveu sobre ela. Ela forçou as mãos sobre a cabeça, sem tocá-lo. Ele inclinou-se para baixo, lambendo ligeiramente sua boca com sua língua, balançando-a para frente e para trás. —Você me beijou na água com sua língua. Eu gostei.

Cassandra gemeu, sugando a língua entre os lábios. Sua boca era tão quente, tão doce, como o vinho. Iason aprofundou o beijo, deixando-a chupar seus lábios até os dela. Um pequeno ruído deixou sua garganta enquanto ele completamente conquistou sua boca. Suspirando ela teve que se afastar primeiro. Ele sorriu. Era uma expressão conhecida e vitoriosa.

—Beije-me de novo. —Ordenou ela, tentando endurecer seu tom enquanto lutava para não respirar. Seu coração batia tão rápido que podia ouvi-lo em seus ouvidos, senti-lo tentando saltar de seu peito. Quando ele se inclinou para pegar sua boca, ela balançou a cabeça. Ela puxou os joelhos para cima e disse: —Beije-me aqui.

O olhar em seu rosto era inestimável. No começo, foi confusão absoluta, enquanto ele olhava para as coxas entreabertas, antes de se voltar para a curiosidade. Ele rastejou por seu corpo, fazendo um gesto entre suas coxas em questão.

—Aqui?

—Humm, sim. —Cassandra disse, abrindo as pernas um pouco mais. Ela cerrou os dentes, quase assustada que ele riria de sua ousadia. Seu corpo estava tenso enquanto esperava por sua resposta.

Iason olhou para seu corpo por tanto tempo que sentiu o calor inundar suas bochechas. Quando ela estava prestes a perder a coragem e terminar tudo, ele lentamente se inclinou, inclinando a cabeça para que ele se aproximasse de suas

dobras como se fosse um par de lábios. Ele roçou sua boca suavemente nela, antes de recuar, hesitando enquanto inclinava a cabeça em uma direção apenas para levá-la à outra.

Cassandra assistiu com espanto. O pobre e lindo homem parecia absolutamente confuso. Seria possível que ele nunca...?

O corpo inteiro de Cassandra se sacudiu com excitação, enquanto ela engasgava um riso de surpresa.

—Você já beijou uma mulher assim antes?

Iason olhou para ela, balançando a cabeça uma vez. Ele lambeu os lábios. Seus olhos verdes quase brilharam com intensidade. Nesse instante, ela sabia que ele estaria preparado para o desafio.

Cassandra alcançou entre suas coxas e separou seu sexo para ele. Sua voz suave, ela disse: —Beije-me.

Ele obedeceu, movendo suavemente seus lábios contra ela. Cassandra gemeu. Ele era tão gentil que era quase uma tortura. Quando ele se afastou, ele lambeu o creme de seus lábios. Um som de prazer saiu de sua garganta, e ele murmurou: —Tão bom.

Iason ansiosamente desceu para mais. Cassandra ofegou com a facilidade com que se apoderou. Agressivamente ele bebeu de seu corpo, lambendo e chupando cada centímetro de sua fenda. Seu nariz apertou seus dedos até que ela percebeu que ele queria que ela soltasse. Respirando com dificuldade, ele se inclinou para trás para estudá-la intensamente. Ele puxou suas coxas, reajustando seus quadris na cama para um ângulo melhor.

—Quero provar você. —Disse ele.

O corpo inteiro de Cassandra tremeu com as palavras, e ela percebeu que ela não estava mais no controle, se já tivesse estado. Iason era como um predador, esperando que a presa ficasse confortável antes de mostrar toda a sua força.

Cassandra não se importou. O controle tinha sido grande, mas se ser controlada vinha com regalias como esta, ela estava mais do que disposta a assinar. Iason aprendeu rápido, ajustando velocidade e pressão com os sacudidos de seu corpo e sons de seus gemidos. Logo ele estava chupando seu clitóris.

—Goze para mim. —Ele disse, repetindo suas palavras de antes. O tom de comando a balançou. Ele rosnou, colocando um dedo grosso nela. Sua mão balançou naturalmente contra seu corpo. —Goze para mim, Cassandra. Goze para mim agora. Eu quero te provar.

Como ela poderia recusar? Seu corpo ficou tenso enquanto ela envolvia uma coxa em torno de sua cabeça, enterrando-o em sua vagina. Ele gemeu alto, vibrando nela. Ela gozou, balançando e sacudindo em seu clímax.

Iason não parou até que sua perna caiu fracamente para o lado. Respirando com dificuldade, olhou para ele com espanto.

—Você estava mentindo. Você já fez isso antes.

—Não. —Ele disse, e ela leu a verdade disto em seus olhos. —Mas, eu vou fazer isso muitas vezes mais.

Um estranho sentimento a surpreendeu ao pensar nisso. Um homem como Iason não estaria sem companhia feminina.

—Você tem muitas amantes? —Ela perguntou, ainda tentando diminuir seu batimento cardíaco. —Quero dizer, não sempre, mas neste momento. Quero dizer, agora? Não está certo, neste segundo, mas você tem...?

As palavras de Cassandra pararam quando ela se tornou incapaz de completar a frase. Seu estômago ficou tenso enquanto esperava sua resposta. Parte dela queria voltar para a cama e se esconder, embora fosse estúpida depois do que eles já haviam feito. Ele ficou entre suas coxas como se fosse o lugar mais natural a ficar, lambendo seus lábios e tocando seu corpo em toques leves, não apenas seu sexo, mas suas pernas e estômago.

Absurdamente, ele disse: —Não. Eu não tenho muitas amantes neste momento.

—Quantas? —Insistiu, perguntando-se por que ela estava se torturando. Ela não tinha o direito de perguntar isso a ele.

Iason olhou significativamente para o seu corpo, antes de olhar para os seus olhos. —Uma.

Cassandra corou. Ela sentiu o calor subir em sua garganta. Era a maldição de facilmente ficar tão corada que seu rosto mostrava todo leve embaraço como um farol rosa brilhante em seu rosto.

—E você? Quantos amantes você tem agora, neste momento? —Ele se virou para suas pernas, passando seus dedos sobre suas coxas em padrões tranquilos.

Cassandra deu de ombros e balançou a cabeça negando, dizendo simplesmente: —Você.

Iason rosnou, subindo em seu corpo. Sua mão acariciou corajosamente acima de suas costelas ao seu peito. Beijando-a, ele sussurrou contra sua boca,

—Isso me agrada muito, Cassandra.

Ela não conseguia respirar. Não havia como isso poder ser real.

Por favor, ninguém me acorde. Eu não quero deixar este sonho perfeito. Apenas me deixe afogar nele.

Iason estava deitado sobre o corpo nu de Cassandra. Suas coxas se ergueram sobre a dela enquanto a beijava. Ele não podia acreditar no quão maravilhoso seu sabor tinha sido. Ele poderia beber isso para sempre. Era definitivamente algo que faria de novo.

Cassandra gemeu com seu leve beijo, e sentiu seu corpo se mexer. A energia fluía dele, para dentro dela, e de volta outra vez. Ela precisava de todo o seu corpo, e ele estava mais do que disposto a dar a ela, mesmo que o matasse.

No início, quando ela o tocou, ele se concentrou em curá-la, em dar-lhe sua força. No entanto, verificou-se que ele não precisava se concentrar. Se seu corpo quisesse, seu corpo iria dar a ela. Ele a deixaria chupar-lhe toda a força da sua vida se quisesse. Antes, ele pensou que só havia algumas maneiras de um Merr morrer. Agora ele sabia de outra, um modo mais agradável. Ele poderia ser drenado pela beleza diante dele. Se ele tivesse que escolher sua morte, não poderia pensar em uma maneira melhor de ir.

Um calor o deixou, estendendo-se sobre ela. Sua carne tornou-se sensível ao toque, e sentiu cada lugar que ela pressionou em seu corpo. Seus mamilos endureceram contra ele, assim como seu eixo ereto apertou e endureceu contra ela. Ela se retorceu de novo, e ele quase gemeu ao sentir seu estômago macio pressionando contra sua ereção. Nem uma vez ele parou para pensar em não terminar o que eles começaram.

No banho, ele não podia acreditar como ela o queria. Parecia que estar juntos era natural. Ela o tocou como nenhuma outra o tinha tocado, dando-se completamente enquanto ela acariciava seu eixo para libertá-lo. Ele pensou em brincar com ela esta noite para que ela pudesse curar, fazer tudo, exceto colocar seu pênis dentro dela. Mas, depois de provar com a boca e sentir sua buceta, o quanto era apertada em seu dedo, ele sabia que não havia como parar. Ele ia fazer amor com ela.

Havia tantas coisas que não tinham sido ditas com palavras, mas Iason confiava que os deuses sabiam o que estavam fazendo. Abençoaram-no com ela, enviaram-na para ele do mundo superficial. Sentiu-a ao primeiro toque, quando ela o agarrou e o beijou sob as ondas do mar. Cassandra era seu presente do Deus do mar. Poseidon o tinha abençoado, depois de todos esses longos e longos anos.

Por que os deuses não o abençoariam? Ele pagou o preço pela vaidade de seu povo. Ele os tinha honrado o melhor que pôde. Talvez as mulheres fossem a maneira de Poseidon dizer que algum dia os perdoaria pelo o que tinham feito e os deixaria voltar ao mundo da luz solar. Era o que o Merr queria, porque era o que eles sempre quiseram desde que estavam sendo derrubados, mas Iason se perguntava se uma vez que eles alcançassem o mundo de superfície, se eles perderiam o submarino.

—Deixe-me fazer amor com você. —Ele disse, beijando ao longo de sua garganta.

—Não é isso que nós temos feito? —Ela perguntou, soando hesitante.

—Nós temos brincado. Eu desejo fazer mais. —Iason respondeu. Ele parou suas palavras enquanto lhe mostrava com seu beijo o quanto a desejava. Quando ele se afastou, ela estava gemendo. —Me diga para te levar.

—Sim. —Ela respirou, sem olhar para ele. —Leve-me.

Iason capturou seu mamilo, sugando-o na sua boca enquanto ele a chupava, girando a língua em pequenos círculos sobre a ponta. Ela ofegou, instantaneamente empurrando, e ele sorriu por ter encontrado outro uso para o beijo de sucção que tinha salvado sua vida. Seus dedos agarraram seus ombros, arranhando-o. A pequena dor foi boa, tornando sua pele mais viva. Ele sentiu a necessidade dela de ser controlada.

—Vire-se. —Ele ordenou a ela suavemente. —E abra suas pernas. Eu quero te tocar.

Iason era um homem acostumado a ser ouvido e ficou satisfeito quando ela manobrou seu corpo, deslizando as pernas dela, ele sorriu. Colocando as coxas entre as dela, ele afastou as pernas. Cassandra gemeu levemente. Ele massageou ao longo de sua espinha, passando seus dedos sobre sua pequena bunda. Ele puxou as nádegas dela enquanto ele massageava, começando a espreitar seu reluzente sexo.

Ele a levou devagar, mesmo quando seu próprio corpo o exortou a se apressar. Ele a beijou de volta, movendo-se para baixo para banhar sua bunda com pequenas lambidas, como ela tinha feito com ele na piscina. Ela se sacudiu, arqueando-se. Iason apertou sua parte inferior das costas suavemente, forçando-a a descansar contra o colchão.

Tomando um dedo, ele esfregou suas dobras macias por trás, mantendo as pernas abertas com as coxas. Quando ela estava se contorcendo por mais, tentando empurrar para trás em sua mão, ele empurrou um dedo dentro dela, esticando seu corpo. Cassandra gemeu, tentando novamente levantar-se quando ele afastou a mão.

Iason veio sobre ela, empurrando seu cabelo de lado quando ele beijou a parte de trás de seu pescoço. Seu pau estava encostado na fenda de seu traseiro. Ela estremeceu com o toque leve, e ele observou quando pequenos solavancos se formaram sobre sua carne. Colocando seu peso sobre os cotovelos, ele se deitou contra seu corpo, deixando seu calor a aquecer. Suas mãos descansaram contra seus braços. Sua bochecha apertou perto de sua orelha, prendendo-a para baixo, mas não a machucando. Ele beliscou o lóbulo, mordendo e lambendo-o com ternura.

—Por favor. —Cassandra ofegou. Ela empurrou sua bunda para cima, inclinando seu corpo em aceitação. —Iason, por favor.

Iason gemeu. Ele se afastou, passando as mãos pelos lados antes de puxar os quadris para cima, de modo que ela estava de joelhos diante dele. Quando ela ficou assim, oferecendo seu corpo para ele, ele pegou seu pênis e arrastou a ponta sobre sua fenda molhada. Parecia glorioso.

—Tão molhada, tão doce, tão pronta. Assim? —Ele perguntou, pressionando um pouco contra ela. —É assim que você quer?

—Sim. —Ela suspirou. —De qualquer forma que você queira, apenas, por favor, logo. Eu preciso de você.

Iason gemeu, gostando de sua confiança, da maneira que ela ousadamente disse e fez o que queria. Estas eram grandes qualidades em uma amante, não que ele realmente se lembrasse do que era ter uma amante. Fazia tanto tempo que não fazia amor com uma mulher. Queria saborear cada momento.

Uma luz suave veio de cima, espreitando através de pequenos buracos no teto. Mesmo assim, o quarto estava tranquilo. Foi o suficiente para ver, mas estava escuro o suficiente para ser romântico.

O corpo de Cassandra estava apertado enquanto ele a sondava com seu pênis, apertando-o. Ele se retirou várias vezes, e ela podia dizer que ele estava tentando não machucá-la enquanto ele esticava sua passagem para ele caber. Foi uma tortura agonizante e doce. Trabalhava cada vez mais fundo, e já sentia o prazer da tensão. Iason tomou seu tempo, movendo-se tão lento e gentil.

Era erótico estar diante dele assim, de quatro, pegando o que ele lhe dava. Cassandra ofegou. Ele era tão grande, tão poderoso. Ela sabia que as mulheres não deviam querer ser conquistadas e tomadas nos dias de hoje, de politicamente correto e igualdade de direitos, mas ela não se importava. Ela queria que ele a montasse, controlasse e a fodesse. Homens eram homens, mulheres eram mulheres, e ela gostava da sensação de ser cuidada.

Ela não tinha nada a perder. Cada momento era precioso. Além disso, sentia-se muito melhor.

Alcançando entre eles, ela pressionou seu braço ao longo de seu clitóris enquanto ela envolvia seus dedos em torno da base de seu eixo. Iason gemeu, soando quase frustrado enquanto tentava ir mais fundo. Sabendo que era tão longo e seu corpo muito apertado para levá-lo todo, ela deixou a mão compensar o seu comprimento extra. Ele gemeu em aprovação e saiu dela. O creme de seu corpo umedeceu sua mão quando seu eixo passou.

À medida que ele avançava, aumentando sua velocidade, ela teve o prazer de seu braço saltando contra seu clitóris. Iason esfregou sua bunda, massageando-a, antes de molhar o dedo em seu creme. Seus quadris trabalhavam seu corpo no dela, levando sua mão e sua buceta ao mesmo tempo. Cassandra gemeu. Um dedo molhado correu ao longo de sua fenda, girando em torno de seu ânus. Nenhum homem a havia tocado ali, e ela esperou que ele enfiasse o dedo dentro dela. Ele não o fez. Em vez disso, ele simplesmente a tocou, esfregando ao longo de seu corpo enquanto empurrava mais e mais.

O dedo apalpador parecia tão perverso, o convite do que mais poderia vir se apenas o implorasse. Cassandra queria tudo, tudo, mas podia dizer as palavras em voz alta? Quando ele a tocava assim, ela não se sentia doente, não pensava em morrer.

Como ela poderia se sentir tão viva? Tão maravilhosa?

Um orgasmo a atingiu, balançando-a inteira, fazendo com que sua vagina apertasse. Seus dedos se contraíram quando seu sexo se espasmou e apertou Iason. Ele grunhiu, puxando seus quadris para trás tão forte que passou por sua mão e deslizou mais profundo. Seu gemido ecoou sobre ela, e ela sentiu os erráticos sacudir de seu corpo quando ele gozou.

Depois, ele a soltou. Seu corpo deslizou para fora dela enquanto ela desabava na cama. Iason estava instantaneamente ao seu lado, distraidamente esfregando suas costas. Ela sentiu um estranho calor vibratório sobre sua parte inferior do estômago, tirando qualquer desconforto que sentia em seu tamanho.

—Você é tão pequena. —Disse Iason. —Eu machuquei você?

Cassandra virou o rosto para olhar para ele. Ele a estudou, seus olhos verdes procurando os dela. Ela foi novamente atingida pela profundidade de sua cor. Ela se inclinou, beijando-o suavemente, antes de dizer: —Humm, não. Só estou com sono.

Iason acenou com a cabeça. Os cobertores da cama tinham ficado bagunçados durante o seu amor, e ele puxou-os debaixo de suas pernas. Cobrindo-a, ele a puxou para seus braços e disse:

—Então vá dormir.

Capítulo Cinco

Quando Cassandra acordou de um sono repousante, Iason tinha ido. Ela franziu o cenho, mas sentiu-se melhor do que tinha se sentido em anos. Este deve ser um daqueles "bons dias" sobre os quais os médicos lhe falaram. Esticando, ela corou apenas em pensar sobre o que ela tinha feito. Ela não tinha remorsos, mas foi bastante ousada.

Deslizando para fora da cama, ela viu um vestido longo e solto no final. Sabendo que devia ser para ela, ela puxou-o sobre a cabeça. Seu corpo era magro, e ele pendia sobre seu corpo. O vestido era feito de lã azul lisa, não era realmente sua cor, mas era quente. Era uma peça sólida com uma costura correndo em linha reta na frente. Um cinto estava com ele, e ela o aninhou frouxamente ao redor de sua cintura, deixando as extremidades drapejar. Ela se perguntou o que aconteceu com as calças de exercícios e a blusa que ela estava usando. As sandálias no chão eram um pouco grandes, mas ela as colocou de qualquer maneira.

Quando ela estava saindo pela porta, Iason estava chegando. Vindo de encontro ao peito dele, ela corou de novo. Ele cheirava maravilhoso. Seus olhos se moveram para os dele enquanto ele dava o primeiro passo para trás. Ele estava segurando uma bandeja de comida. O estômago de Cassandra roncou, e ela percebeu que tinha um apetite. Na verdade, ela estava morrendo de fome.

—Eu trazia isso para você. —Disse ele. —Você está bem o suficiente para estar de pé?

Cassandra lançou-lhe um olhar estranho. Não havia como ele saber sobre sua doença. Então ela riu. Ele estava falando sobre seu tamanho esticando-a e... Ela não pôde terminar o pensamento com ele lá em pé olhando para ela com expectativa. Sua voz num rangido, ela disse:

—Não, não, eu estou bem. Muito. Bem. Mais do que bem.

—Então vamos levar isso para a sala de jantar? —Ele apontou para o jardim.

Cassandra assentiu, tentando encontrar a compostura. Quando ele se virou, ela nervosa, rapidamente, tentou consertar o cabelo, penteando-o para trás com os dedos antes de beliscar suas bochechas para obter alguma cor nelas. Desejava ter alguma maquiagem, sabendo que estava pálida. Seus olhos caíram sobre o corpo de Iason enquanto ela alisava o cabelo. Ele novamente usava uma túnica curta que chegava à metade da coxa. Ela se viu olhando para sua bunda.

Iason olhou de volta para ela, e ela rapidamente deixou cair às mãos e sorriu inocentemente. Ele ergueu uma sobrancelha em diversão e voltou a olhar para onde estava indo. Cassandra fez uma careta, mais para si mesma do que para ele, e roubou outro rápido olhar para baixo.

Ele a conduziu pelos caminhos sinuosos de pedra dos jardins fechados, passou pelas flores delicadas e pelos arbustos mais firmes. Uma brisa mais fria entrou de uma porta aberta, e ela avistou a floresta ao longe. O ar era doce com o cheiro da natureza.

A sala de jantar ficava além do jardim. Cassandra olhou ao redor, surpresa ao ver uma mesa baixa no chão. Iason colocou a bandeja para baixo e fez um gesto para que ela se sentasse. Não havia cadeiras, apenas grandes travesseiros retangulares. Ela cuidadosamente sentou-se em um, afundando em suas profundidades voluptuosas.

—Coma. Vou buscar vinho. —Disse ele, virando-se para voltar pelos jardins.

Cassandra esperou até que ele se fosse antes de atacar a grande bandeja. Ela estava morta de fome. Tomando várias das frutas que agiam como enfeite, ela colocou uma em sua boca. Elas eram deliciosas e tinham gosto de mirtilos.

Misturar o mirtilo com fatias de uma fruta da cor rosa que tinha um sabor doce e salgado era suculento. Ela deu uma grande mordida, olhando para os jardins. A última coisa que ela queria era Iason vendo-a comer como um porco no chiqueiro.

Vendo uma tigela com massa verde, a pegou e cheirou. Era quase como queijo, mas a cor verde não a agradou. Tomando um pão quente, ela estudou a carne no meio da bandeja. Era peixe, ela tinha esse palpite, cortado em cubos. Pegando um, ela cheirou antes de dar uma pequena mordida. Estava uma delícia. As ervas que estavam sobre ele deram um sabor perfeito, quase como alecrim com um toque de hortelã.

Quase gemendo, ela colocou vários na boca, mastigando alegremente. A comida era tão boa que ela não viu Iason voltar até que era tarde demais. Suas bochechas estavam estufadas com peixes e frutas quando ela o ouviu limpar a garganta.

Cassandra congelou, incapaz de encontrar seus olhos enquanto tentava engolir. A ação não era tão delicada ou sutil quanto ela esperava, e ela acabou tossindo violentamente. Iason estava ao seu lado em um instante, colocando um jarro de vinho sobre a mesa. Ele esfregou suas costas calmamente dizendo: —Calma.

Cassandra encolheu os ombros, entre risos e engasgos. Quando conseguiu respirar, disse: —Estou bem, obrigada.

—Com medo de que eu comesse tudo quando voltasse? —Ele brincou.

Cassandra riu, dando-lhe um olhar embaraçado. —Desculpa. Foi tão bom que eu não pude resistir. Eu comecei e não conseguia parar. Parece uma eternidade desde que eu comi qualquer coisa.

E sentiu-se bem o suficiente para ser capaz de manter a comida no estômago, acrescentou em silêncio.

Iason riu e se moveu para além dela. Ele se sentou de lado, relaxando enquanto agarrava uma fruta. Jogando-a em sua boca, ele lhe deu um olhar sensual enquanto mastigava. A toga curta mostrou suas coxas fortes. Era difícil não olhar fixamente, mas de alguma forma conseguiu.

Fazer sexo era uma coisa, fazer com que ele a olhasse como se tivessem feito sexo era outra. Sua mente acelerada para aliviar o silêncio, ela perguntou: —Então, tritão, hein?

—Você está bem com isso. Por quê? —O olhar provocante desvaneceu-se em seriedade.

—Você se sentiria melhor se eu comesse a gritar e corresse? Porque eu posso se você quiser que eu faça. —Cassandra piscou.

—A maioria das mulheres são como você de onde você veio? Aceitariam isso sobre mim? —Iason colocou outra fruta em sua boca. Ver seus lábios se moverem foi definitivamente uma lição de sedução por conta própria.

—Não, provavelmente não. —Admitiu ela. —Eu acho que estou bem com isso porque minha avó acreditava no sobrenatural. Ela passou a crença para mim. Quando ela morreu, eu tinha certeza que vi seu espírito vir me visitar. Ela tocou a minha cabeça, e eu quase podia senti-la. Ela me disse que tudo ia dar certo e para não me preocupar com nada que pudesse acontecer. Ela me disse para aceitar o meu destino e...

—E?

—Nada. —Cassandra mentiu. Sua avó tinha dito a ela para viver ao máximo e ter fé no que não poderia ser raciocinado. Era como se ela estivesse avisando-a sobre o que estava por vir. Dentro de um ano, Cassandra tinha sido diagnosticada.

—Qual é o sobrenatural em seu mundo?

—Humm, fantasmas, espíritos, magia, essas coisas. Coisas que não podem ser explicadas pela ciência. —Ela disse, antes de lhe dar um olhar aguçado. —Tritão.

—Nós preferimos Merr. —Iason não pareceu ofendido por suas palavras.

—Merr. —Ela repetiu, acenando com a cabeça. —Eu vou ter certeza de manter isso em mente.

—Mas você acredita na ciência. —Ele respondeu. Sua expressão caiu enquanto estudava uma fruta intensamente. —Você estava num barco de cientistas, não estava?

—Como...? —Cassandra parou o ato de agarrar uma fruta e sentou-se para trás. —Eu tinha intenção de perguntar, mas eu não tinha certeza de como ou quando dizer isso. O que aconteceu com os outros no meu navio? Eles estão bem? Eles estão na ilha?

Sua expressão contrita lhe disse tudo, e ele desviou o olhar dela. O silêncio encheu a sala, enquanto ela respirava fundo e depois outra vez. A verdade seja dita, ela não conhecia muito bem os outros, mas ainda era triste.

Finalmente, ele disse: —Havia outra de seu barco. Bridget. Ela também está aqui.

Bridget?

—Aqui. —Cassandra perguntou. —Nesta casa?

Iason sorriu suavemente. —Não, ela está no palácio de Atlas.

—Um palácio? Uau. —Disse Cassandra. —Como ela acabou num palácio?

Iason franziu o cenho.

—Foi uma brincadeira. —Disse Cassandra. —Sou grata a você por compartilhar sua linda casa. É linda.

Ele acenou com a cabeça uma vez, como se quisesse agradecê-la pelo elogio.

—Então você tem reis e rainhas, e tal?

—Sim. Temos um rei. Ele não tomou uma rainha.

—E o que você é? Um soldado no palácio?

—Não, um caçador.

—Ah, isso mesmo. Iason, o Caçador.

Ele sorriu, finalmente comendo a fruta que tinha capturado sua atenção. Ele alcançou outra, ajustando ligeiramente as pernas enquanto continuava a relaxar. Seus olhos abaixaram, esperando uma espiada de seu orgulho masculino. Ela não conseguiu um.

—E o que você caça? —Cassandra pegou o jarro de vinho que ele deixou e pegou uma taça vazia. Derramando, ela colocou na frente dele.

Ele assentiu com a cabeça, agradecido. —Obrigado.

Ela se serviu mim taça e sentou-se. Bebendo o vinho, ela esperou que ele respondesse. A bebida era boa, muito frutada, tipo como o que ela tinha provado em seus lábios.

—Eu caço a scylla. Eles são os espíritos da água que atacam os navios.

—De onde eles vêm?

—Do mar. —Disse ele, e ela teve a impressão de que não queria falar sobre isso.

Ela comeu vários pedaços de peixe, pensando no que ele havia dito.

—Então Ator... Altar... O que você chamou esta ilha?

—Ataran.

—Ataran. —Repetiu ela. —E onde exatamente está Ataran?

—Abaixo de você. —Ele disse, rindo quando ela lhe deu um olhar sujo.

—Bem. Onde estamos?

—No oceano. —Disse Iason. Sentou-se, tomando o vinho.

—Você está sendo difícil de propósito? —Cassandra desafiou, colocando sua taça para baixo e levantando uma sobrancelha. —Ou é porque você precisa manter o local em segredo? Você poderia me dar uma ideia básica de onde estamos? Hemisfério Sul, talvez?

—Não, eu respondi. Estamos no oceano, abaixo da superfície.

Cassandra congelou, esperando o resto da piada. Que nunca veio.

Por favor, Deus, que ele não seja louco.

Supernatural na terra ela poderia aceitar, ou em algum nível uma ilha perdida com outras formas de vida escondidas dos seres humanos fazia sentido lógico. Talvez ela fosse mais lógica do que se tinha dado crédito.

Iason suspirou. —Eu poderia muito bem lhe contar a história de como isso veio a acontecer, desde que você está aqui agora. Há muito tempo, Ataran era o centro do mundo civilizado. Nós governávamos grande parte da terra e fomos um vasto império. Naquela época, éramos conhecidos como Atlantes.

—Atlantes. —Disse ela suavemente. Como em Atlantis, o mundo debaixo do oceano?

Não entre em pânico, Cassie. Ouça-o. Oh, Deus, por favor, não o deixe estar em algum tipo de culto estranho.

Ela não tinha certeza do porquê, mas um pouco da calma que ela estava sentindo, a sensação despreocupada nublando seu cérebro, começou a limpar alguns pensamentos. Era como se ela acordasse do mundo entre o sonho e o sono para chegar à consciência completa. —Nós fomos abençoados pelos deuses, mais

especificamente o Deus dos mares, Poseidon. Nossas terras eram prósperas, e sempre conquistamos na batalha. —Iason parou.

Cassandra aproveitou a oportunidade para perguntar. —Poseidon? O deus grego que controlava o oceano, certo?

—Sim, o deus de muitas raças. Ele governou o mar, e ele é quem trouxe Ataran acima do oceano para nós, para nos abençoar.

OK. Seu amante era um tritão. Isso ela poderia lidar. Ela acreditava em alienígenas e criaturas sobrenaturais pelo simples fato de não achar que os humanos eram a única vida inteligente que os poderes superiores tinham feito. Mas agora ela deveria acreditar na cidade perdida de Atlântida e no Deus Poseidon? E se havia um Poseidon, deve haver um Zeus, um Thor ou um Marte, ou quem quer que fosse que estivesse pendurado em suas togas no Monte Olimpo com ele. Ela tentou lembrar os velhos filmes em câmera lenta, os que ela assistia quando criança.

A mente de Cassandra correu. De repente, desejou ter prestado mais atenção na aula de história. A mitologia não era sua área de especialização mais forte.

—Você está bem? —Ele perguntou, olhando para ela. —Você precisa descansar?

—Hum, eu estou bem. —Cassandra assentiu fracamente, tomando um longo gole de vinho para esconder sua expressão. Ela desejou que o licor fosse mais forte. Uma dose do Bourbon³ de sua avó soava realmente bom agora. —Por favor, continue. Você estava dizendo que seu deus trouxe Ataran para cima do oceano.

—Sim. Então, um dia para nos punir, Poseidon lançou a ilha de volta para o mar, levando-nos com ele. Nós nos tornamos Merr, e eu me tornei o homem que você vê diante de você agora.

Cassandra relaxou, parecendo finalmente entender. —Oh, então seus antepassados foram amaldiçoados por Poseidon e foi assim que sua civilização começou.

Certo, ela podia comprar isso. Isso fazia muito mais sentido. Ele estava falando sobre folclore.

³ Bourbon – Tipo de Uísque

—Não. —Disse Iason, suspirando pesadamente.

—Não? —Ela ficou tensa. *O que ele quis dizer com não?*

—Não.

—Não foi assim que a civilização começou? —Cassandra mordeu o lábio. Ela olhou para o jardim, perguntando-se se ela teria que correr por trás dele. *Por que o único homem com quem ela teve sexo tão incrível tinha que se tornar um lunático?* Seu coração bateu acelerado, cada batida um pouco mais difícil do que a última. Seria o começo de um ataque de pânico?

—Não, não foi isso que aconteceu com nossos ancestrais. Eu estava lá. — Iason parecia tão sério, ela sabia que ele acreditava no que ele estava dizendo.

—Há quanto tempo? —Cassandra estremeceu, sem saber se queria ouvir mais. Não poderiam voltar a não falar? Isso só provava que ela deveria ter começado a conhecê-lo primeiro e depois seduzido.

—Muitos séculos. —Disse ele.

Cassandra não se moveu. *Séculos? O homem louco do caçador estava tentando dizer-lhe que era séculos mais velho?* —Você nasceu de novo? Reencarnação?

—Não, só nasci uma vez.

—Oh, tudo bem então. —Suas mãos tremiam. Os tetos se moviam um pouco? Estava brincando com ela?

—Não nos julgue por isso. —Ele suplicou suavemente. Seus olhos brilhavam como esmeraldas, atraindo-a para dentro. Ele era tão bonito. O que ele estava fazendo com ela? Ele certamente poderia ter sua escolha de tantas mulheres. Por que ela? —Nós mudamos ao longo dos anos. Aprendemos com nossos erros. Nós não somos as mesmas pessoas que nós éramos.

E o que ela estava fazendo com ele? Isso era algo que ela nunca deveria ter começado. Ela deveria ter considerado suas ações primeiro. Tinha tomado pílulas de dor demais? Isso nublou seu julgamento? Esta não seria a primeira vez que elas há deixaram um pouco doida.

—Antes de sermos derrubados, tínhamos poder. —Continuou ele, obviamente sem nenhum indício de seus pensamentos céticos e correntes. —Estou certo de que você sabe que o reino dos mortos é um lugar sombrio. Você pode nos culpar por não querer ir lá? Começamos a pensar que éramos imortais, ou pelo menos esperávamos. Descobrimos que éramos simplesmente tolos. Paramos de adorar Poseidon e começamos a adorar a nós mesmos como deuses na Terra.

—Aham. —Cassandra disse levemente, balançando a cabeça. Ela tentou seu melhor para manter o tom paternalista longe de sua voz.

—Nos tornamos preguiçosos, levando tudo o que tinha sido dado como garantido. Quando tínhamos conquistado tudo e não havia mais batalhas para lutar, invadimos nossos vizinhos e levamos mais do que precisávamos para sobreviver e cultivávamos nossas próprias terras. Então, um dia, o rei Lucius depois de muito festejar e beber para celebrar o grande povo que nós éramos proclamou que nunca iria morrer, pois nunca desejou deixar nossa bela terra rural que era mais requintada do que até mesmo o reino dos deuses.

Cassandra pôs a taça para baixo, pronta para se soltar. Ela balançou a cabeça enquanto ele pausava em sua história. Assim que ele olhasse para longe, ela poderia correr.

—Não pense mal do rei Lucius. Ele só disse o que todos nós estávamos pensando na época e tínhamos dito muitas vezes a nós mesmos. Mas, aquela noite foi diferente. Poseidon assistiu ao banquete e o ouviu. O deus finalmente teve o suficiente de nossa insolência. Depois disso, ele nos amaldiçoou por nossa vaidade e amor próprio e nos deu o que pensávamos querer, imortalidade e esta terra, nossa terra. Ele condenou-nos a caminhar para sempre no paraíso terrestre e em nenhum outro lugar. Ele enviou as inundações na mesma noite e mergulhou Ataran na água, nos aprisionando para que nunca mais pudéssemos pisar no solo mortal novamente. Aqui permanecemos no fundo do oceano, vagando sem rumo com as correntes do que você conhece como Oceano Profundo, o Abismo.

OK. Hora de correr.

Cassandra saltou para a porta da sala de jantar com agilidade surpreendente. Ela não sabia para onde estava indo, só que era hora de ir. Ela chegou até a porta da frente antes que Iason a pegasse pela cintura.

Chutando e gritando, ela gritou: —Deixe-me ir! Solte-me!

—O que foi? —Ele parecia preocupado. —Você está chateada com o que fizemos? Por favor, foi há muito tempo. Você sabe como os deuses podem ser vingativos. Temos expiado desde então. Nós mudamos. Por favor, acredite Cassandra. Você não tem razão para temer a ira dos deuses.

Cassandra parou de lutar. Seu aperto se soltou, e ela afastou as mãos de sua cintura. —Para sua informação, eu não sei como os deuses são. Ninguém acredita neles há séculos. São mitos da Grécia Antiga e de Roma. Hollywood faz filmes e caricaturas infantis sobre eles para o nosso entretenimento.

—Caricaturas?

—Não importa, não é importante. Meu ponto é que seus deuses não existem mais, Iason.

Iason empalideceu. —Eu esperava que o mal-entendido tivesse mudado. Aidan disse isso depois que o trouxemos para baixo. Ele disse que os deuses eram mitos. Como isso pode ser? Eu os vi. Senti a ira deles cair sobre minha cabeça. Eles existem.

—Isso é outra coisa, Iason. Olhe para fora. Este não é o oceano. Este é o ar que respiramos e que é terra. Há luz solar e escuridão e árvores. Não há peixes e água, e se houvesse uma ilha debaixo de água certamente alguém a teria encontrado agora, com toda a nossa tecnologia moderna. —Cassandra caminhou para a porta, se perguntando se ela poderia distraí-lo o suficiente para se libertar. Mas então o quê? Ela sabia o que estava lá fora. Apenas muitas e muitas árvores.

—Você pode acreditar no Merr, mas você tem dúvidas sobre os deuses? Há um problema com sua lógica. Você diz que teria nos encontrado embaixo das ondas com tudo que você realizou na superfície. Não seria o mesmo ser mais verdadeiro com uma ilha acima das ondas? Você não teria encontrado isso primeiro? —Ele a estudou atentamente, como se pudesse fazê-la entender e acreditar em tudo o que ele disse, porque ele disse isso. —Estamos no Oceano Profundo, o Abismo. Seus barcos não chegam até aqui. A maioria dos humanos não sobrevive ao mergulho para Ataran. E se os deuses não quisessem que você a visse, não a veria.

—Falamos a mesma língua. —Disse ela. —Há muito tempo vocêalaria outra coisa, não inglês.

—Todos aqui podem se entender. Não podemos explicar isso. —Respondeu.

Iason era tão bonito, tão sério, e seu corpo se lembrava com muita ansiedade de como ele a tinha tocado. Cassandra olhou para ele e depois para a porta. O que ela deveria fazer? Sua mente estava assustada. Seu corpo queria ficar. Seu coração não tinha certeza. Tudo que ela sabia era que sua mente estava limpando, e ela queria acreditar nele. Talvez fossem loucos.

—Você quer que eu acredite que você me carregou debaixo d'água para uma ilha secreta?

—Sim. —Ele assentiu.

Cassandra mordeu o lábio. —E o ar que estamos respirando?

—Estamos protegidos aqui em baixo. —Disse ele.

—Pelos deuses. —Ela sussurrou, já sabendo o resto de sua resposta antes de dizê-lo. Essa foi a coisa mais difícil de religião para brigar. Se uma pessoa tinha fé, qualquer coisa poderia ser explicada.

—Sim, pela vontade dos deuses. —Iason moveu-se para tocá-la, mas então recuou. —Eu prometo a você, nós mudamos. Você não tem que temer nossas transgressões passadas.

—É tudo um pouco difícil de acreditar, Iason, isso é tudo. Tenho certeza de que você mudou. —Cassandra disse, só um pouco paternalista. Ela bateu no braço dele, mas não o tocou de outra forma.

—Mas, se você aceita o sobrenatural com facilidade, por que não isso?

Cassandra não pôde lhe responder. Ele tinha um ponto. Por que ela podia aceitar uma coisa e não a outra? Talvez ela estivesse em choque e não tivesse percebido. Talvez fosse porque o que ela pensava ser uma espécie nova e simples do povo Merr era realmente um monte de coisas novas, pessoas novas, novos deuses, mundo novo.

—Há mais que eu deveria contar a você. —Disse ele.

Cassandra sentiu o início de uma enxaqueca. Ela fechou os olhos e sacudiu a cabeça. —Não, não agora, Iason. Por favor, não me sinto muito bem e preciso me deitar. Estou de repente muito cansada. Acho que isso foi mais do que eu pensei.

Ela fez um movimento para ir para o quarto. Quando ele tentou segui-la, ela levantou a mão e disse: —Não, não agora. Preciso deitar-me sozinha.

—Mas...

—Não. —Ela disse severamente, fechando a porta atrás dela. Ela caiu no chão, às costas contra a madeira. Cassandra quase podia senti-lo do outro lado. Então, ela ouviu passos macios andando. Ela procurou uma fechadura, mas não havia nenhuma.

Vendo o vaso, ela o puxou para frente da porta. Era pesado e deveria segurar. Embora, tão forte quanto Iason era, ela duvidou que iria mantê-lo fora por muito tempo. Ficou mais escuro no quarto. Não havia janelas, mas só podia adivinhar que era noite. Rastejando na cama, ela fechou os olhos. A escuridão aliviou sua dor de cabeça e logo ela adormeceu, sonhando com caçadores tritões loucos em mundos subaquáticos.

Iason olhou para a porta. Talvez ele tivesse dito demais. Quando ela aceitou o que ele era, ele tinha assumido que ela estaria bem com quem ele era e onde eles estavam. Aparentemente, ele tinha assumido errado. O olhar em seu rosto o rasgou. Era como se ela pensasse que ele enlouqueceu.

Iason esperou fora da porta do quarto por um longo tempo, esperando para ver se ela iria voltar ou convidá-lo para entrar. Ela não o fez, e ele não ousou perturbá-la. Se ela ainda estava doente, ele não queria incomodá-la ou forçá-la a falar com ele. Virando as costas para a porta do quarto, afastou-se.

Talvez fosse melhor não lhe dizer o resto ainda. Afinal, havia tempo. Em Ataran a única coisa que eles tinham era muito tempo.

Indo para a sala de jantar, ele suspirou, pegando a bandeja. Ele sabia que ela estava com fome, mas ela mal tocou a comida desde que ele entrou. Se ele soubesse que ela ficaria envergonhada, ele teria esperado mais tempo antes de voltar. Pelo menos ela teria comido mais.

Iason ficou surpreso com o quanto a havia curado em tão pouco tempo. Quando ele se conectou a ela, ele sentiu a profundidade de sua dor, ainda sentia, mas ele não queria continuar. Como ele poderia se queixar da dor em seus ossos quando ela sofreu por muito pior? Olhando para a porta do quarto quando ele passou para a cozinha, ele suspirou. Logo ela não teria mais que se preocupar com a dor.

Cassandra não sabia quanto tempo tinha dormido, mas quando acordou o quarto estava mais brilhante e sua dor de cabeça tinha desaparecido. Ela bocejou, olhando ao redor do quarto vazio. O vaso foi movido de volta para onde ele pertencia, mas a porta ainda estava fechada. Vendo, ela desnecessariamente olhou ao redor novamente. O quarto ainda estava vazio.

Cassandra suspirou. Roupas foram colocadas no final da cama. Elas eram diferentes da túnica que ela colocara na véspera. Ela deslizou para fora do material azul e se inclinou para pegar o vestido. Vendo seu estômago, ela congelou. *Tinha preenchido um pouco mais. Tudo fora um par de pedaços de peixe e alguns frutos?* Isso não fazia sentido. Ela passou as mãos pelas costelas. Elas não se acentuavam tanto. *Como ela estava ganhando peso?* Não deveria ter sido possível, e, no entanto, ela não se sentiu inchada ou doente.

Demorou um segundo para descobrir o novo estilo de vestido, mas finalmente ela pegou o pedaço quadrado de material drapeado sobre seu corpo de tal forma que ele cobriu toda ela. O material verde tinha finas linhas de ouro tecidas nele para criar um brilho bonito, quase brilhante, à medida que a luz o atingia. Embora fosse espesso, era leve.

Cassandra balançou a cabeça enquanto sentia novamente o estômago. Havia muita coisa acontecendo agora para ela se preocupar com um pequeno ganho de peso. Por um lado, ela tinha que considerar Iason. Ele era bonito, com o corpo de um deus, e a "*arma*" de um guerreiro conquistador. Ela estremeceu de saudade. Os deuses sabiam que ela queria ser conquistada por ele novamente.

Deuses? Ótimo, sua loucura estava a afetando.

O orgasmo que ele lhe dera tinha sido intenso, melhor do que o seu vibrador já tinha feito. Bastou pensar nisso e seu sexo umedeceu com saudade. Seus mamilos formigavam, e ela teve o desejo forte de buscar Iason e saltar para cima dele.

Mas, havia o pequeno problema de acreditar que eles viviam debaixo d'água e que ele tinha séculos de idade. Era apenas um pouco exagerado para ser levemente acreditado. Aceitando que o tritão poderia viver mais tempo do que os seres humanos regulares fez-se a razão de que eram imortais e que ele tinha sido pessoalmente punido pelo seu Deus Poseidon?

Se ela acreditasse nisso, então o que ela fez para irritar Poseidon para ser mandada para cá? E por que os deuses não se mostraram mais aos mortais? Não estavam zangados de que ninguém acreditasse neles, exceto um bando de loucos submersos?

Cassandra girou a cabeça. Era muito para pensar. Aproximando-se da porta, ela olhou para fora. O átrio estava vazio.

Saindo da porta, seu pé bateu em uma bandeja. Ela olhou para baixo. Iason tinha deixado suas fatias de comida dos grandes frutos cor-de-rosa e os mirtilos. Havia também uma variedade de nozes.

Louco ou não, o homem era prestativo.

Cassandra inclinou-se e pegou um pedaço de fruta. O suco pingava pelo queixo, mas não se importava. Ela estava faminta. Antes que ela soubesse, ela estava sentada no chão, gemendo de prazer e enchendo a boca. Quando ela comeu a bandeja inteira, ela estava sorrindo alegremente e se sentindo melhor do que se sentiu há muito tempo.

Felizmente, Iason não estava por perto para testemunhar seu pequeno deslize. Sua avó rolaria em seu túmulo por saber que ela estava comendo como uma pagã. Na verdade, a mulher tinha sido uma senhora com maneiras.

Lambendo os dedos, ela suspirou. Cassandra realmente sentia saudades da avó. A mulher era mais um pai para ela do que sua mãe e pai tinham sido. Não era que seus pais não a amassem, eles a amavam. Mas eram ocupados demais para a filha. Estranhamente, eles não estarem ao redor parecia normal. Ela sabia que a maioria das pessoas não entenderia isso, mas era assim. Quando ela tinha sido

diagnosticada, eles queriam que ela voltasse para casa, para uma casa totalmente equipada com enfermeiras.

Uma lágrima deslizou sobre sua bochecha. Cassandra tinha chorado tanto, que estava cansada disso. A vida certamente não era justa. Foi tudo uma grande ilusão. Pensando em Iason, ela suspirou. Assim, sua ilusão era um pouco mais estranha do que a maioria. Se ela estava feliz com ele e ele a tratava bem, quem era ela para protestar ou condenar seus caminhos? E, se fosse real para ele, quem era ela para dizer que não era real? A verdade era normalmente apenas uma questão de percepção.

—Estou cansada de pensar. —Disse para si mesma, batendo a parte de trás da cabeça contra a parede, frustrada. Então, esfregando seu crânio dolorido, ela gemeu. —Ow. Isso foi simplesmente estúpido.

Era hora de encontrar Iason.

O que quer que ele dissesse a ela, ela apenas acenaria com a cabeça e iria com ele. Por que não ser feliz em seus últimos dias? Por que não deixá-lo construir uma ilusão? Afinal, ele era um tritão. Se ela pôde aceitar isso, ela poderia aceitar qualquer coisa. Enquanto ele não se apaixonasse, nada mais importava. Ela não faria isso só para deixá-lo. Seu coração, bem, isso era outro assunto. Independentemente do que acontecesse, ela nunca iria carregá-lo com ele. E, quando sentisse que seu tempo estivesse próximo, quebraria e se afastaria, talvez de volta ao oceano. Havia poesia nessa ideia.

Em pé, Cassandra pegou a bandeja e se moveu na direção em que tinha visto ele se virar para pegar o vinho na noite anterior.

—É um plano. —Ela disse em voz baixa.

Mesmo assim, seu coração se apertou com a ideia de ir embora. O que havia de errado com ela? Ela não poderia cuidar de um homem que ela acabou de conhecer. Ele a salvou e tratou com bondade. Ah, e ela não podia se esquecer daquele orgasmo. Ela não estava apaixonada. Era puramente animal, uma luxúria tipo jogue-me na cama e me amarre.

Cassandra estremeceu. Iason era ousado. Como seria ceder a cada uma de suas fantasias juntos? Que melhores memórias para se criar ou ter prazer em tê-las?

A decisão dela foi tomada, ela entrou na cozinha. Estava limpa e arrumada. Panelas e colheres pendiam ao longo da parede. Havia uma bacia de água com uma torneira e uma bomba de mão, uma fogueira no meio de uma ilha e uma mesa de madeira para padeiros com um pote de farinha escura. Cassandra colocou a bandeja no balcão. Vendo um trinco no chão, ela puxou para cima. O ar frio subia por uma escada de pedra escura. Sua geladeira talvez?

—Olá? —Não houve resposta. Cassandra fechou o trinco. Olhando ao redor da cozinha, ela chamou mais alto. —Iason?

Não recebendo nenhuma resposta, retornou ao átrio. Depois de explorar os jardins e a sala de jantar, ela franziu a testa. A casa parecia solitária sem ele, tão grande e fria.

Cassandra foi para fora. O céu estava mais escuro do que o normal e o ar estava fresco. Parecia que poderia chover mais tarde. Ela puxou seus braços em seu vestido drapeado e os abraçou até sua cintura nua. —Iason? Você está aqui?

Descendo os degraus de pedra, caminhou pela frente da casa. O lugar era enorme, como um templo romano. Suas sandálias balançavam contra a grama, as lâminas finas esfriavam contra seus dedos.

—Iason? Você está aqui?

Ainda sem resposta.

Cassandra examinou a floresta circundante, sentindo como se estivesse sendo observada. Os pequenos cabelos em seu pescoço estavam arrepiados, mas ela não conseguia distinguir nada além das árvores. Então, ouvindo um respingo enquanto rodeava o lado da casa, ela parou. Ela viu a borda de uma lagoa cercada por árvores. Outro respingo soou seguido de palmas lentas. Curiosa, ela se dirigiu para o fundo da casa. Iason estava de pé junto à água, embaixo de um gazebo de mármore.

Ele bateu palmas uma vez e uma bola redonda voou da água para ele. Ele a pegou, curvando-se ligeiramente. A brisa agitava sua toga curta, deixando que ela visse uma nádega dele. Cassandra mordeu o lábio.

Droga, o homem era lindo.

Seu cabelo loiro enchia a cabeça dele. Um manto vermelho escuro estava sobre a laje de mármore, descartada a seus pés. Ela colocou seus braços mais perto

de seu corpo, mantendo silêncio. Ela observou sua toga para outra olhada. Uma brisa bateu quando ele se inclinou para jogar a bola na água. Desta vez, teve uma visão de ambas as nádegas bronzeadas.

Cassandra reprimiu um gemido. Obviamente, o Merr não acreditava em cuecas.

Bem, abençoe seus deuses por isso.

Ela sorriu, atraída por ir até ele. Ele bateu palmas e pegou a bola, apenas para jogá-la em cima da água. Músculos ondulavam sobre seu braço e ombro nus.

Cassandra queria tocá-lo. Ele era tão firme, tão cheio de músculo. Quando ele a tocou, sentiu-se suave e feminina. Ela se sentia protegida. Aproximando-se, ela queria se sentir protegida novamente.

Capítulo Seis

Iason ouviu Cassandra aproximar-se dele. Ele pegou seu nome no vento, mas não se voltou para responder. Ele não tinha certeza do que ele diria. Estava muito claro que ela pensava que ele era louco.

Jogando a bola para seu peixe de estimação, Iason assistiu a criatura feia mergulhar depois dele. O vento soprou sua toga, e ele a ouviu ofegar. Um sorriso curvou seus lábios. Antes que ele lhe contasse a maldição deles, ela estava olhando para ele como se quisesse saltar sobre a mesa e devorá-lo. O sentimento era mútuo, e ele esteve acordado a maior parte da noite com uma séria aflição só de pensar nisso. Sabendo que eles primeiro precisavam conversar, o impedia de saltar sobre a mesa e comer sua refeição em seu peito nu.

Se ela era atraída por ele, era um começo. Iason não tinha nenhum problema em sucumbir aos seus desejos, pois eram seus desejos também. Curvando-se, ele deixou o vento levantar sua toga mais completamente enquanto jogava a bola. Enquanto ele ouvia seus passos, ele detectou seus pés tropeçando, e seu sorriso se alargou.

Cassandra obviamente não sabia sobre a sensível audição dos Merrs. Ele não podia dizer a ela ainda. Era adorável a maneira que ela começava a tropeçar e ficar nervosa em torno dele. Sua respiração, muitas vezes travava e alterava com pouca provocação.

Iason bateu palmas, pegou a bola e jogou-a de volta na água. Seu peixe de estimação mergulhou depois dela, e ela chamou: —Iason?

Iason virou-se, olhando para ela. Ele sorriu. Seu cabelo vermelho soprava exoticamente selvagem ao redor de seu rosto, arrastando ao longo do vento. Ela era tão pálida, tão delicada, que queria envolvê-la em seus braços e protegê-la para sempre. Seus braços foram puxados para dentro de seu vestido. Então, vendo como ela envolveu o vestido ao redor de seu corpo, ele riu. Estava todo errado.

Cassandra parou com a risada dele, olhando para o seu corpo. —O que?

—O vestido. —Disse ele. Iason deixou seus olhos caírem sobre ela enquanto mergulhava sua voz em um tom baixo, sensual. —Gostaria que eu lhe mostrasse como usá-lo?

Cassandra abriu a boca para falar, mas foi interrompida quando seu peixe de estimação bateu a bola de volta para ele. Golpeou-o no lado da cabeça com um barulho alto. Ele piscou de surpresa, virando-se para olhar para o feio animalzinho. A criatura nadou de um lado para o outro, zombando dele.

Cassandra riu. Era um som lindo. Iason esfregou o lado de sua cabeça, dando-lhe um olhar brincalhão. Ela se juntou a ele na plataforma.

Para seu prazer, ela tirou os braços do vestido e estendeu a mão para tocar sua têmpora levemente onde à bola tinha batido. Então, inclinando-se, ela pegou a bola e olhou para o lago. —O que você está fazendo?

Iason bateu palmas. O peixinho feio surgiu, balançando as barbatanas da cauda.

—Por favor, não me diga que é Poseidon. —Ela disse secamente, arqueando uma sobrancelha.

Iason riu. —Não.

—Sua esposa? —Ela perguntou, olhando para ele estranhamente.

Iason sacudiu, repellido pela própria ideia. —Deuses não! Nós não nos acasalamos com peixes.

Seus lábios se aconchegavam um pouco, e ele percebeu que ela o estava provocando.

—Este é meu animal de estimação. Ele continuou me seguindo pelo oceano quando eu caçava. Finalmente, chegou ao ponto de que ele nunca iria deixar as Grutas de Cristal no Atlas, aonde vamos para o Abismo. Quando os outros tentavam caçar, ele mordía os rabos. Então, eu o trouxe aqui. Ele governa todo este lago e parece bastante satisfeito.

—Qual o nome dele?

—Eu o chamo de feio. —Admitiu Iason. Ele olhou para o animal, como se o visse pela primeira vez. Era horrível. Os outros lhe haviam provocado sem piedade

sobre sua nova "mulher". Feio tinha dentes tão afiados quanto navalhas, uma cabeça enorme e cauda pequena espinhosa. Seus olhos eram de um azul leitoso, e era uma maravilha que a criatura pudesse ver a bola que ele atirava para ele.

Cassandra fez sinal como se ela lançasse a bola. Ele acenou com a cabeça para ela ir em frente. Ela deu uma leve sacudida. O peixe olhou para a bola quando ela a jogou, depois para ela. Não se moveu. Cassandra franziu a testa ligeiramente, com um olhar ferido em seus olhos.

—Não gosta de mim.

—Feio. —Iason ladrou, repreendendo o peixe. A criatura olhou para ele e era quase como se ele pudesse ver o beicinho em sua boca. Ele mergulhou na água. — Ah, ignore-o. Ele está aborrecido.

Cassandra sorriu maliciosamente. —Sobre o que?

—Ele está com ciúmes que você está aqui comigo durante seu tempo de jogo. Eu não venho ao campo, com frequência. —Iason se aproximou dela, assistindo para ver se ela iria se afastar. Ela não o fez.

—Por que isso? É lindo aqui fora. —Cassandra olhou para sua boca, e ele lambeu seu lábio inferior, gostando do jeito que ela tremeu em reação.

—Para alcançar o oceano devemos estar em Atlas, no palácio. Eu tenho uma casa lá também. É onde eu permaneço na maioria das vezes. —Disse ele.

Cassandra ofegou, seus olhos se arregalaram. —Você mora no palácio? Você é um príncipe?

Iason pegou seu dedo e empurrou seu queixo, fechando sua boca frouxa.

—Não. Eu sou um caçador. Os caçadores são uma posição honrada. Nós trazemos coisas de volta do mundo superficial.

—Como mulheres?

—Sim, embora principalmente caçamos a scylla e localizamos artefatos mortais para que os catadores possam ir buscá-los.

—Você quer dizer navios afundados, não é?

—Sim.

—E desde que você caça a scylla que afundam navios, você sabe geralmente onde enviar os catadores para averiguar. —Cassandra fez uma respiração profunda e prendeu-a.

—Sim. —Iason assentiu tristemente. —Mas nós não os deixamos afundar o navio se pudermos evitar.

Cassandra assentiu. —Você não precisava explicar. Eu sei disso.

Ele sorriu, suas palavras lhe trazendo prazer. Talvez ela estivesse em estado de choque. Ouvir que ela estava em um novo mundo tinha que ser uma coisa difícil para ela processar como um mortal. Se ele apenas lhe desse um pouco de tempo, certamente ela iria entender.

—Então. —Ela disse, virando-se para a água. —Exatamente quantas mulheres você trouxe de volta?

Ela estava com ciúmes? Seu sorriso se transformou em um completo sorriso. —Com ciúmes?

—Não. —Ela respondeu, um pouco alto demais.

—Realmente. —Ele deu de ombros. —Então por que perguntar?

—Ah! —Cassandra bateu em seu braço. Ele riu de seu soco fraco. Não havia como lhe fazer mal com os pequenos punhos dela. Mas, para ser justo, ele se afastou dela, dando um olhar assustado. Resmungando, ela acenou com a mão em despedida e desistiu. —Ah, pare de me condescender. Você é tão grande que eu precisaria de um submarino para derrubá-lo.

—Você acha que eu sou grande? —Ele perguntou, suas palavras mantendo um duplo significado. Ela instantaneamente corou.

—Forte. —Ela gritou, seu rubor se aprofundando até que suas bochechas estavam vermelhas brilhantes. —Eu quis dizer forte.

Ele deu um passo mais agressivo. —Então, você não acha que eu sou grande?

Seus olhos olharam para baixo em seu corpo, vagueando em sua parte inferior do estômago. Iason já estava despertado da noite passada, pensando nela. Não demorou muito para que seu pau o alcançasse. O sangue fluíu em uma corrida até seu membro, levantando a toga. Cassandra ofegou.

—Muito. —Ela sussurrou, sem fôlego.

—Você acha que eu sou muito grande? —Ele brincou.

Ela olhou para ele, negando instantaneamente. —Eu não disse isso.

—Humm. —Ele cantarolou suavemente. Levantando um dedo para seu vestido estranhamente coberto, ele ofereceu. —Eu posso te mostrar...

A respiração de Cassandra se deteve quando ele propositadamente parou, e ela novamente olhou para o seu corpo. Sua pequena língua rosa se lançou sobre seus lábios curvados. Foi uma tortura gloriosa.

—... Como usar este vestido, se você quiser. —Ele terminou.

Ela piscou, e ele achou isso adorável à maneira como ela foi pega de surpresa por ele. Sua boca se abriu, mas nenhum som saiu. Ele puxou o dedo por seu ombro para percorrer o lado do peito. Os longos cílios flutuavam sobre os olhos.

Iason inclinou-se para roubar um beijo. Nesse momento, Feio bateu a bola com a cauda, enviando-a. Bateu em Iason duramente na têmpora só para saltar de sua cabeça para pastorear levemente na orelha de Cassandra. Ambos se voltaram para a água vendo Feio nadando ao redor.

Cassandra deu uma risadinha. —Eu definitivamente acho que ele não gosta de mim.

Vendo-a estremecer por conta da brisa fresca, ele pegou sua capa e deslizou sobre seus ombros. —Vamos tirar você do frio, não é?

Quando ele a levou para a casa, ele se virou para olhar feio para Feio. O peixe só fez brilhar antes de mergulhar sob a superfície turva da lagoa. Iason apertou sua mão levemente nas costas de Cassandra, guiando-a para frente da casa.

—Você disse que tem cuidadores? —Perguntou ela. —Onde eles estão?

—Recebi a notícia de uma semana atrás que eles foram visitar seus amigos. —Ele respondeu.

—Como isso funciona? —Cassandra olhou para ele. —Quero dizer, você paga para eles? São servos?

—Sim. Temos um acordo. Eles cuidam da minha propriedade, vivem aqui, comem a minha comida, fazem o que quiserem enquanto a propriedade for mantida e quando eu chegar em casa, coexistiremos pacificamente.

—E se eles tivessem filhos? —Cassandra perguntou. —Eles também viveriam aqui?

O intestino de Iason se apertou. Ele não podia olhá-la. Soltando a mão das costas, ele disse calmamente: —Um Merr não tem filhos.

—Não tem, ou não pode?

—Não tem. —Ele respondeu, não querendo falar sobre isso. —E provavelmente não pode.

—Oh. —Ela tocou seu braço, enfiando seus dedos gelados sobre ele. —Eu sinto muito.

—É assim que as coisas são. —Disse ele.

Eles andaram em volta da casa em silêncio. Iason abriu automaticamente a porta para ela. Ela sorriu timidamente para ele antes de entrar. Olhando para baixo sobre sua figura, ele iria jurar que ela tinha preenchido um pouco sua cintura fina levando uma suave inclinação de seus quadris e bunda.

—Obrigada por me deixar a bandeja de café da manhã hoje. —Ela disse quando ele fechou a porta.

Iason assentiu, sem ouvir as palavras enquanto continuava a olhar para ela. Cassandra corou, as bochechas rosando. Ele se perguntou se seu rubor viajava até os seios dela, combinando com a sombra de seus mamilos cor-de-rosa.

Por todos os deuses! Ele queria fazer amor com ela.

Iason deu um passo agressivo para frente. Ela mordeu o lábio apenas para lambê-lo com a língua. Seu pau estava muito duro por ela. Ele podia praticamente sentir seu corpo sobre o dele, sua passagem úmida e apertada. Lambendo os lábios, ele se perguntou se ela o deixaria saboreá-la novamente.

—Devemos conversar mais. —Disse ela, seu peito subindo e caindo com cada respiração pesada. —Ontem, você disse que havia mais em sua história. O que mais?

—Sim, há mais. —Iason mal prestou atenção às palavras dele enquanto ele respondia. Ele estava muito ocupado pensando em posições que gostaria de tê-la. Com a ninfa de prazer ao longo dos muitos longos anos, ele tinha sido capaz de ser criativo. Agora, ele só olhou para tudo isso como treinamento para o prazer da mulher diante dele.

—Diga-me. —Insistiu ela.

Por que ela estava se afastando? Ainda não prestando atenção às suas palavras, ele disse: —Porque te trazer aqui a transformará em um de nós. Você será Merr.

Cassandra ofegou. Os olhos de Iason se ergueram, imediatamente cientes do que ele dissera um segundo depois que estava fora. Ela mordeu o lábio.

—Você vai me transformar em uma sereia?

—Os deuses vão. —*Eles tinham que discutir isso agora?* Ele a queria tanto. Era tudo o que podia fazer para não arrancar suas roupas e prendê-la contra a parede de mármore. Ela era tão leve, que Iason tinha certeza de que poderia gerenciar a posição facilmente.

—E você acha que me tornarei imortal?

—Sim.

Cassandra respirou fundo. Então, para sua grande surpresa, ela disse. —Ok.

—Você está bem com isso? —Ele perguntou.

—Claro. —Seu tom não era convincente. Ele podia ver a dúvida em seus olhos enquanto ela tentava esconder isso dele. *Ela não acreditou nele?* —Por que não, certo?

—Eu estou dizendo a verdade. —Ele insistiu.

—OK.

—Você se tornará Merr. —Ele franziu o cenho. Ela realmente não acreditou nele.

—O que você disser. —Ela respondeu. Quando ele parou de se aproximar, ela aproximou-se dele. Sua mão deslizou levemente sobre o lado de seu peito antes de

arrastar sobre seu quadril, tentando-o a alcançar para frente e tocá-la da mesma maneira. Ele estava dividido entre a necessidade de fazê-la acreditar e a necessidade de fazer amor com ela.

—Cassandra...?

—Estou com fome, Iason. —Seu lábio inferior fez beicinho. —Quer trazer alguma comida para a sala de jantar?

Com a garganta apertada, ele perguntou: —O que você gostaria?

—Algumas dessas frutas. —Respondeu ela. —Por favor.

Como ele poderia negar, se com aquele olhar lhe daria qualquer coisa? Iason assentiu, observando-a virar e caminhar pelos jardins. Praticamente tropeçando sobre seus pés, correu para a cozinha. Ele agarrou uma faca, cortando o fruto. Em sua pressa, as fatias ficaram todas desiguais. Sem se importar, pegou um prato, esqueceu a bandeja de servir e correu em direção ao refeitório. Parando antes que pudesse vê-lo, ele começou a andar.

Cassandra respirou fundo, descansando na poltrona da sala de jantar. Uma sereia? Ela tentou não rir. Suas superstições inocentes eram meio bonitinhas. Bem, se ele queria acreditar que ela se transformaria em uma mulher-peixe, que assim seja. Que mal havia em acreditar nele? Além disso, gostava da fantasia.

Seu corpo estava em chamas por ele, e, na medida em que ela via, ela ainda devia um pequeno favor pelo dia anterior. Sua boca molhou pensando no fruto. Isso ia ser muito divertido.

Puxando seu vestido, ela o fez mergulhar mais baixo na frente, antes de puxar o material apertado contra seus mamilos. Ela os beliscou, deixando-os duros. Pequenas sacudidas de prazer a atravessaram enquanto se tocava. Tinha tirado a capa, deixando-a sobre o travesseiro.

Iason apareceu, carregando uma bandeja. Ele andou rápido, e ela sorriu por saber que ele estava ansioso para estar com ela. Ela recostou-se quando entrou na

sala de jantar. Seus belos olhos imediatamente foram para seus seios. Olhando para eles, colocou a bandeja sobre a mesa.

—Junta-se a mim? —Ela perguntou, fingindo não notar enquanto pegava um pedaço de fruta.

Ele tirou as sandálias e se afastou dela. Cassandra se sentou, sugando a fatia de fruta lentamente entre seus lábios. Ela distraidamente tirou os sapatos, gemendo com o delicioso prazer enquanto engolia o suco.

Iason olhou para sua boca. Cassandra deu uma mordida e mastigou lentamente. —Humm, delicioso. Como você chama isso?

—Auv⁴. —Ele respondeu

—Humm, auv. —Cassandra pegou um novo pedaço e ficou de pé. Um pequeno e açucarado doce caldo escorreu por seu pulso, e ela lambeu lentamente, mantendo os olhos nele enquanto fazia isso. O corpo inteiro de Iason ficou tenso. Ele não se moveu.

Cassandra aproximou-se de seu travesseiro. Pisando ao lado dela, ela comeu o pequeno pedaço enquanto olhava para ele. Então, pegando os dedos dela, ela correu ao longo de sua coxa. Começando no joelho, ela empurrou para cima, suavemente levantando sua toga mais alto. Seus músculos se contraíram. Ela parou em seu quadril, sem expor sua ereção. Com um empurrão suave, ela o encorajou a rolar de costas. Ele obedeceu.

Cassandra correu a mão de volta para baixo, empurrando suas coxas para que o pé mais próximo a ela caísse no chão. Então, sentando-se onde sua perna estava, ela alcançou através da mesa para pegar mais fruta. Ela se inclinou sobre ele, esfregando o pedaço em seu lábio inferior. —Tente.

Ele mordeu, sugando o pedaço entre seus lábios. Iason não tirou os olhos dela. Quando ele estendeu a mão para tocá-la, ela afastou a mão dele.

—Não. Estou comendo agora. —Cassandra sorriu brincando com ele, batendo os cílios enquanto exigia. —É bom, não é?

Ele assentiu ansiosamente, mastigando lentamente. Ela estendeu a mão para outro pedaço, pegando a maior fatia. Com determinação, ela deixou o suco de fruta

⁴ Algum tipo de fruta.

pingar no interior de sua coxa. Fazia trilhas lentas sobre sua carne, deslizando na almofada embaixo dele.

—Ops. Olhe a bagunça que estou fazendo. —Sacudindo a cabeça, ela forçou um suspiro. Seus olhos se arregalaram. Ele parou de mastigar, olhando para a gota e depois para ela.

Cassandra empurrou a outra perna para o lado. A toga ainda cobria sua excitação. Inclinando-se, ela lambeu sua coxa. Iason gemeu, fechando os olhos.

—Humm, delicioso. —Ela disse. Quando ele a olhou novamente, ela lambeu os lábios. Espremendo o fruto, ela derramou suco em sua outra perna. Fazendo um beicinho, ela disse: —Oh, querido. Olha como estou desajeitada hoje.

As pálpebras de Iason caíram sobre seus olhos e sua boca se abriu como se estivesse esperando o que estava por vir. Cassandra lambeu sua coxa. Ele cheirava bem, como ar fresco e sabão. Quando ela conseguiu tudo isso, ela pegou a fatia e puxou o fruto para cima de sua coxa. Sua boca nunca o deixou enquanto ela o lambia através da trilha. Sua mão foi para debaixo de sua túnica, empurrando-a para expor seu corpo delicioso enquanto fazia um doce trajeto em seu quadril. Movendo sua língua sobre seu estômago sexy, ela gemeu suavemente antes de parar.

—Eu deveria comer isso antes que eu faça mais uma bagunça. —Cassandra mordeu o fruto, deixando o suco ir para baixo em sua ereção imponente. Olhando para baixo, ela empurrou para fora seu lábio e deu-lhe um olhar ludicamente apologético. —Oops.

—Você vai me beijar lá? —Ele perguntou, soando impressionado. Seu grande eixo estava tenso em seus quadris. A trilha de suco tinha atingido sua ponta, correndo sobre o lado.

Ela sorriu. Fez para justificar se o Merr não praticava sexo oral macho na fêmea, e a fêmea no macho. Isso ia ser melhor do que ela pensava.

—Eu só estou limpando. —Cassandra espremeu a fruta, molhando seu eixo com ele. Ela sorriu, nem fingiu que foi por acidente. Ele a olhou como se fosse falar com ela, mas depois enfiou as mãos atrás da cabeça. Seu estômago ficou tenso e sacudiu com cada gota de suco de fruta. Quando sua ereção foi completamente revestida, ela jogou a fatia de fruta triturada de volta no prato.

Inclinando-se, ela lambeu a ponta do seu eixo, contornando o pequeno buraco. Ela sacudiu a língua sobre a cabeça crescida, gemendo suavemente com cada lambida, dizendo a ele o quão bom à fruta era sobre ele.

—Hum. Delicioso.

Cassandra deixou a ponta de sua língua seguir as veias ao longo do lado. Ela tomou seu tempo, torturando e dando prazer a ele. Ele gemeu, grunhindo e ofegando incoerentemente por mais, enquanto ela lambia seu eixo da raiz para a ponta. Seu corpo lindo esticado. Os músculos rígidos de seu estômago definido eram tão apertados.

Ela teve que abrir a boca para colocá-lo dentro. Chupando-o entre os dentes, ela mergulhou sua boca sobre ele o máximo que pôde. Seu corpo se espasmou e seus quadris se arquearam, quase a sufocando com sua cintura. Precisando de ambas as mãos para terminar a tarefa, agarrou a raiz de seu pênis e torceu os dedos sobre o eixo espesso.

Cassandra o sugou, trabalhando suas mãos e boca ansiosamente em seu eixo. O gosto dele misturado com o fruto era exótico e viciante. Iason gemeu, arqueando as costas. Um arrepio percorreu todo o seu comprimento. Seus músculos tensos e ele gozou com um gemido alto, liberando sua semente em sua boca.

Quando ela se afastou, um sorriso satisfeito em seu rosto, ela encontrou seu olhar ardente. Com velocidade relâmpago, ele a atirou de costas.

—Minha vez.

Cassandra tentou tocá-lo, mas ele capturou seus pulsos e os colocou sobre sua cabeça. Com um puxão, ele rasgou o material cobrindo seus seios. Foi sua vez de ser torturada.

Iason apertou o suco em seus seios, sugando e beliscando seus seios até que estivessem limpos. Então, soltando os pulsos, ele chupou as coxas com suco, empurrando o vestido para expor suas pernas. Cassandra gemeu. Ela nunca sentira nada tão erótico. Ele a levou devagar. Quando finalmente sentiu que ele se agarrava a seu sexo, ela estava pronta para gritar de frustração.

Iason agradou-a com uma força ansiosa. Ela nunca tinha ouvido falar de um homem que gostava de descer tanto quanto este obviamente gostava. Sua boca a

sugava e ele girava o clitóris com a língua. Ela estava em tal estado de excitação, que ela gozou quase imediatamente.

O prazer rasgou Cassandra, fazendo-a gemer e gritar ao mesmo tempo. Ele suavizou seus movimentos, mas continuou, ordenando seu corpo por tudo o que tinha. Quando ela não pôde dar-lhe mais, ele parou e sorriu maliciosamente para ela de entre suas coxas. —Hum, delicioso.

Nos dias seguintes, eles fizeram amor em uma variedade de lugares e maneiras. Cassandra estava feliz, contente de estar com ele, como se ela tivesse perdido a noção do tempo. Poderia ter sido uma semana ou um mês. Ela não se importava. Era como se tivessem criado um mundo onde nada mais importava, onde ela não precisava pensar no amanhã.

Iason era gentil, tratando-a como uma princesa. Ele deu-lhe belos vestidos para vestir e ele insistiu em cozinhar para ela. Mais frequentemente, ele também insistiu em alimentar suas criações com ela à mão. Eles falavam de muitas coisas, de si mesmos, de seus mundos. Eles nunca discutiram o futuro e se Iason, tivesse tentado, ela o beijaria até que ele se esquecesse de tudo.

Então, um dia, começou a chover. A piscina no átrio tinha sido muito difícil resistir e eles fizeram amor nela. A chuva os golpeava de cima enquanto a levantava sobre seu corpo. Era terrivelmente romântico, sua carne deslizava com água de chuva fria, seus corpos se juntaram enquanto ele a segurava, seus músculos contraindo sexualmente. Depois, Iason a levou para a cama e eles dormiram nos braços um do outro. Quando ela acordou, ele estava brincando com seu cabelo úmido, olhando para ela.

—Você está ficando melhor. —Iason disse suavemente. —Sua cor é boa com um rubor em suas bochechas. Devemos fazer a viagem para o palácio.

Cassandra suspirou. —Eu gosto da aqui. É tão bonito, as árvores, o céu escuro, Feio. Não quero ir embora.

—Nós nem sequer saímos da casa. —Ele brincou. Então, erguendo uma sobancelha, ele perguntou: — E você acha que o Feio é bonito?

Ela riu. —Ok, bem, talvez não ele, mas a lagoa é, e Feio tem um charme próprio. Além disso, acho que ele está me aceitando. A última vez que ele jogou a bola na minha cabeça, não foi tão forte.

Iason riu. —Ele vai vir por aí. Como ele pode resistir a você?

Seus olhos pareciam dizer: —"*Como alguém pode resistir a você*"?

Ela sorriu, fazendo seu melhor para esconder o rubor que tentou atravessar suas feições.

—Temos que ir ao palácio. —Disse Iason. —Muitos vão querer a palavra de que você está bem.

Cassandra ergueu o colchão para estudá-lo. —Você tem que voltar a trabalhar? Quero dizer, caçando.

—Sim, eu vou com o tempo. —Disse ele. —Mas não imediatamente. Eu salvei você, e eu devo cuidar de você. — Quando sua expressão começou a vacilar, ele rapidamente acrescentou: —Um dever que não é oneroso, eu te asseguro.

—Então, por que devemos ir? —Ela franziu o cenho, confusa. —Por que não ficar aqui? Não podemos simplesmente dizer que estou viva, bem, e que desejo residir no campo por um tempo?

Iason tocou seu rosto. —Vamos ao palácio para que você possa anunciar ao rei que deseja casar comigo.

Cassandra olhou para ele. Se ele tivesse brotado chifres e virado verde, ela teria ficado menos chocada. *Ele estava propondo a ela?*

Ela se sentou, olhando ao redor do quarto. Seu coração batia muito rápido e forte. Ele não podia estar fazendo isso com ela. Como ela deixou as coisas progredirem até aqui? O plano era amá-lo e deixá-lo. É isso aí. Ele não deveria se apaixonar por ela.

—Cassandra? —Ele perguntou, tocando suas costas. Incapaz de se conter, ela tremeu ao contato.

—Eu tenho que usar o banheiro. —Ela se levantou e puxou uma túnica sobre sua cabeça. —Eu volto já. Mantenha a cama quente para mim.

Ele sorriu, mas seus olhos estavam confusos. Ela deu uma última olhada antes de fechar a porta atrás dela. Seu rosto bonito ficou com ela.

Cassandra respirou fundo. Ela tinha um plano, e ela iria mantê-lo. Ele queria casar com ela, então era hora de ir. Não importava que ela estivesse feliz com ele, e que de alguma forma tinha ficado loucamente apaixonada por ele.

Ela foi até a porta da frente e saiu para o frio. A chuva tinha parado, mas o chão ainda estava encharcado. O quarto de Iason não tinha janelas, então ele não poderia vê-la correr pelas árvores. As lágrimas escorriam pelo seu rosto e seus pés deslizaram na lama, mas ela continuou.

Não é justo! Não é justo! Por quê?

Havia uma dor terrível dentro de seu peito e só ficou pior com cada batida de seu coração. Por que dar a ela toda essa felicidade só para tirá-la? Ela estava pronta para ir antes de Iason. Ela tinha feito as pazes com a morte. Agora ela tinha encontrado o caçador e ele era maravilhoso, engraçado, lindo, sexy e tantas coisas que ela nunca teve antes.

Cassandra correu mais rápido, suprimindo o desejo de gritar. Ela queria viver, nunca tinha tido tanto para viver. Os deuses eram cruéis, todos eles, os seus e o dela. Ela odiava todos eles.

Seus dias haviam sido bons, mas os médicos haviam-lhe dito que esperasse por isso. Ela teria dias bons e maus, mas no final, seu câncer era terminal. Ela parou de correr, desabando no chão em um ataque de choro. Cassandra respirou fundo e depois de novo, tentando acalmar-se. Não era justo. Ela tinha finalmente encontrado algo maravilhoso, algo que valia a pena manter e que ia ser tirado dela.

—Eu o amo. —Ela sussurrou, silenciosamente implorando para quem quer que a ouvisse deixar sua vida voltar. —Por favor, eu o amo. Não quero perdê-lo.

—Ah. —Uma voz feminina respondeu, o tom de zombaria. Cassandra estremeceu, olhando para cima. Uma bela mulher estava diante dela com um vestido translúcido, revelando seu corpo nu em toda sua perfeição.

—Como é emocionante. Ela o ama. —Cassandra estremeceu, enxugando os olhos.

—Ela não quer perdê-lo. —Respondeu outra mulher. —Ela o ama.

A mulher inclinou a cabeça para o lado. Seus longos cabelos negros se agitavam na brisa. Ela era linda, talvez a mulher mais linda que Cassandra já vira.

—Você é uma deusa? —Cassandra conseguiu falar depois de olhar por algum tempo. *Os deuses desceram para responder a sua súplica? Iason estava certo? O conjunto do Monte Olímpo desceu para andar entre eles? Suas orações seriam respondidas?*

—Sou a rainha Maia. —Respondeu a mulher, obviamente divertida pela pergunta. Aproximou-se, quase amorosamente, na direção da bochecha de Cassandra antes de inclinar a cabeça para trás e rir. Logo outras vozes se juntaram às dela. Cassandra não podia ver as outras, só a rainha.

—E você, minha querida, é meu mais novo animal de estimação.

Olhando em volta das árvores, ela observou quando uma mulher ruiva com olhos vermelhos correspondentes saiu da floresta. Ela também usava um manto translúcido. Vibrava com a brisa. Quando andava, seus pés descalços não faziam barulho.

Havia uma crueldade aparente na ruiva, e de repente ela a viu limitada nos olhos da rainha. O olhar de Maia estreitou-se apesar de estudá-la.

—Deixe-me em paz. —Disse Cassandra.

—Humanos. —A ruiva cuspiu, tremendo de óbvio desdém. —Você se atreve a nos mandar? Você, uma garotinha mortal?

—Paciência Lotis. —Disse Maia, seu tom pingando doçura. Os olhos vermelhos de Lotis brilharam assustadoramente. —Você vai se divertir com ela em breve, como todos nós.

—Eu não posso acreditar que a trouxeram e então a perderam. —Lotis zombou. —O que essa floresta tem?

Risos novamente soaram e logo mais mulheres bonitas se juntaram a elas, dando voltas em torno de Cassandra. Cada uma usava uma túnica translúcida e

cabelos longos fluíam sobre seus ombros. Elas estavam em grande forma, quase como deusas. Mas não havia nada de divino no modo como as mulheres a olhavam ou no modo como seus lábios se curvavam em sorrisos cruéis.

Maia fez um movimento para tocá-la. Cassandra se levantou e tentou fugir. Uma loira alta ficou em seu caminho, agarrando seus braços com força surpreendente.

—Deixe-me em paz. —Disse Cassandra. —Tire suas mãos de mim.

A mulher riu, um som duro e desagradável.

—Qual é o seu nome, querida? —Perguntou à loira.

Cassandra balançou a cabeça negando, lutando para se libertar. A loira olhou por trás das costas de Cassandra, sem soltá-la. Maia apareceu ao seu lado.

—Assim seja. —Maia suspirou. —Nós faremos do seu jeito, querida.

Maia lhe deu um soco no rosto. Cassandra gemeu, instantaneamente desmaiou.

Capítulo Sete

Iason franziu o cenho, rastejando para fora da cama. Algo estava definitivamente errado. Ele não tinha intenção de perturbar Cassandra, mas tinha assumido que ela sabia que eles eram casados. Quando os deuses a enviaram para ele, deixando-a sobreviver no oceano, ele aceitou que os deuses sabiam o que estavam fazendo. Ele tinha sido atraído por ela desde o início, talvez até a tivesse amado, embora tivesse hesitado em admitir. Por que mais ele arriscaria tudo para salvá-la? E por que mais ela estaria tão disposta a vir até ele, a beijá-lo naquele primeiro momento sob as ondas do mar?

É verdade que eles nunca falavam de amor quando estavam juntos, nem mesmo nos momentos mais íntimos. Iason apenas assumiu que ela sabia como ele se sentia e que não precisava ser dito com palavras. Foi ordenado pelos deuses, apesar de tudo, mesmo se ela não acreditasse exatamente sobre Poseidon.

Como Cassandra não sabia como se sentia por ela? Estava na sua cara, derramando a cada batida de seu coração. Ele nadaria para os confins do oceano e voltaria se ela assim desejasse. Ele faria qualquer coisa por ela.

Quando ela estava em sua cama, fazendo amor com ele, ela não parecia se importar com sua adoração aberta. *Por que então dizer as palavras em voz alta a perturbou?* Toda vez que ele tentava falar sobre eles, ela o beijava para ficar em silêncio. Talvez ele devesse ter resistido mais e feito com que ela o escutasse.

Merr eram pessoas apaixonadas, e toda a paixão de Iason era para ela. Ele queria passar o resto de seus dias fazendo amor com ela, caçando os mares para fazê-la orgulhar-se de ser a esposa de um caçador grande e respeitado. Já seus desejos combinavam com os dele. Algum dia logo seu corpo mudaria quando ela se tornasse uma mulher Merr. A Insaciável paixão foi um dos primeiros sinais, e ela definitivamente tinha isso.

Cassandra tinha resistido às profundezas da euforia, o estado que a maioria dos seres humanos salvos passava. Althea advertira-o de que, porque ela estava

doente antes de resgatá-la, ela poderia ser resistente devido ao entorpecimento encontrado em seu sangue. Ou, talvez, os deuses sentiram que ela não precisava estar tão aturdida quanto os outros, uma vez que ela aceitou a espécie Merr sem medo, mesmo que ela olhasse ceticamente para ele de vez em quando, quando ele dizia algo, como se ela não conseguisse acreditar nele. Mas, se ela aceitou tanto quanto aceitou que sua espécie existisse, por que não algo tão simples quanto ser sua esposa?

Pegando um manto, ele o colocou sobre seu corpo e foi até a porta do banheiro. Ele bateu levemente. —Cassandra?

Uma sensação doentia se curvou dentro dele. De alguma forma ele sentiu que ela não estava lá. Ele abriu a porta, confirmando seus medos. Ele não precisava verificar o resto da casa. Cassandra o tinha deixado. Ele disse que eles eram casados, e ela tinha fugido.

Seu coração batia erratically em seu peito. Iason correu para a porta da frente, vendo instantaneamente suas pegadas enlameadas levando para a floresta. Sem parar para pegar sapatos, ele correu atrás dela. Por que ela fugiria dele? Ela não estava feliz? Ele não lhe deu tudo o que ela queria? Ele não cuidou dela? Ela disse que gostava da casa, da comida, até disse que não queria voltar para o palácio tão cedo. Ela gostava dele. Seu corpo gritava, 'sim!', Mas suas ações agora diziam, 'não'.

—Cassandra! —Ele gritou, correndo mais rápido. Certamente ela não conseguiria ficar muito longe dele antes que ele a pegasse. Ele era muito mais forte e acostumado à atividade física extenuante. De repente, as pegadas pararam. Era como se ela tivesse andado em círculos, fazendo impressões em todos os lugares. Iason congelou, vendo um colar de conchas deixado no chão. —Os outros estavam aqui com ela.

Iason olhou ao redor, o medo apertando em seu intestino. Não conseguia sentir ninguém na floresta observando-o. franzindo o cenho, ele se inclinou e pegou o colar de conchas.

—Maia. —Ele jurou, usando seu nome como uma maldição enquanto ele tocava as conchas lisas.

As olímpicas, como se chamavam após os deuses do Monte Olimpo, não queriam que os seres humanos fossem trazidos para Ataran, pois olhavam para a

maldição Merr como uma bênção. Sem mencionar que Maia se declarou Rainha das Olimpianas depois que o Rei Lucius se recusou a casar com a sereia rancorosa. Ela e seus seguidores acreditavam serem deusas abaixo das ondas. Antes que as Cavernas de Cristal fossem seladas, as Olimpianas atraíram seres humanos para suas mortes por prazer doentio. Elas eram a razão das cavernas estarem fora dos limites, exceto para aqueles com permissão. Os Merr não queriam que os deuses punissem o resto deles pela vaidade contínua de Maia e suas seguidoras.

Dizia-se que uma pequena facção de seguidores loucos de Maia morava na floresta, mas fazia décadas que não se mostravam. Vendo o pingente no colar, esculpido na forma de um golfinho, ele sabia que as mulheres enlouquecidas tinham finalmente ressurgido. Se tivessem Cassandra, logo teriam sede de matar humanos novamente. Sede de sangue poderia ser moderado, mas nunca curado.

Iason largou o colar no caminho. Examinando a floresta, ele começou a longa busca de pegadas que lhe mostrariam o caminho. As olímpicas eram especialistas em cobrir suas pistas, mas, obviamente, querendo sua presença ser conhecida, elas tinham deixado o colar para ele encontrar. *Elas estavam zombando dele?*

—O que você está tramando, Maia? —Ele sussurrou. —Por que se mostrar agora, depois de todos esses anos? Por que levar minha esposa?

Cassandra gemeu fracamente. O chão se moveu debaixo dela, fazendo seu corpo balançar para frente e para trás em um ritmo quase doentio. Abrindo os olhos, ela se concentrou no chão da floresta enquanto se afastava mais e mais longe dela. Gritando, ela tentou empurrar as tábuas debaixo dela, mas a plataforma balançou e ela foi forçada a voltar para baixo com um pé pressionado no centro de suas costas. Sentiu dedos dos pés cravando em sua espinha, torcendo sua carne.

—Quieta, mortal! —Alguém sibilou em seu ouvido. Cassandra sentiu uma mão substituir o pé em suas costas quando a mulher se inclinou sobre ela para falar. —Ou vamos chutá-la sobre a borda apenas para vê-la se machucar.

Cassandra agarrou um poste de madeira enquanto outra mulher cutucava suas costelas. Ela tentou se orientar. Elas estavam afastadas do chão, muito alto para saltar. Então, virando a cabeça para olhar para cima um par de pernas longas, ela viu uma guarda feminina segurando uma lança. A mulher a ignorou, mas Cassandra não pôde deixar de olhar. Ela parecia exatamente como Cassandra imaginaria uma guerreira amazônica. A guarda estava vestida com um top de biquíni forrado de pele que mal lhe cobria os peitos grandes e uma tanga apertada que mostrava a curva da sua bunda, pelo menos na visão de Cassandra da plataforma que ela estava.

De repente, a plataforma parou a meio caminho até o penhasco por uma abertura da caverna. A mulher guerreira que tinha dado o aviso à Cassandra finalmente se virou para ela apenas para rosnar em desgosto, enquanto ela puxava o prisioneiro para seus pés.

Cassandra estremeceu ao descobrir que estava cercada por ainda mais mulheres. Muitas usavam os mesmos vestidos transparentes de seus captores, com braceletes que enlaçavam seus braços e delicados colares de concha ao redor de seus pescoços. Uma dupla usava fitas, tecidas em torno de seus cabelos longos para mantê-lo fora de seu rosto, e combinando com pulseiras tecidas.

A guarda, que a havia colocado em pé, empurrou-a para frente. Ela tropeçou em uma caverna. O buraco no penhasco abriu-se para uma área longa, coberta em travesseiros de salão, costurados com lona de navios. Um material fino e lustroso flutuava sobre as paredes rochosas, combinando com os vestidos translúcidos de seus captores.

—Bem-vinda ao Monte Olimpo, mortal. —Maia bateu em seu ombro enquanto ela caminhava para dentro da caverna. Cassandra fez uma careta. A rainha virou-se para uma mulher com longos cabelos castanhos que se deitava ao lado de uma cachoeira baixa. —Electra, mostre ao nosso novo animal de estimação o quarto dela. Sem erros desta vez. Tranque-a.

Electra acenou com a cabeça uma vez e ficou graciosa, os movimentos de seu corpo remisscentes de uma bailarina. A água gotejava de uma abertura na pedra, escorrendo em uma longa piscina que se enrolava ao redor do lado da caverna. As sereias na lagoa flutuavam na superfície, suas caudas tremulavam na água. Todos a observavam, seus olhares não eram bem-vindos. Electra afastou-se da lagoa,

atravessando a grande sala da caverna para o outro lado. Ela não esperou para ver se a prisioneira iria segui-la.

Alguém empurrou Cassandra, e ela caiu para frente. As sereias riram dela. Cassandra se levantou, ergueu orgulhosamente o queixo. Ela não lhes daria a satisfação de ver seu medo.

Quando ela não se moveu para seguir Electra, Maia ordenou: —Junia, ajude Electra a mostrar ao nosso animal de estimação... Não, espere.

Cassandra estremeceu com o desprazer no rosto da rainha quando uma ideia surgiu em seus olhos maliciosos.

—Mostre ao nosso animal de estimação primeiro o quarto de Lysander. — Maia sorriu. —Faça ela o servir.

—Servir um escravo? —Alguém perguntou.

O sorriso de Maia só se alargou. Um riso cruel soou sobre eles. —Sim, Neda. Ela servirá um escravo. Nosso novo animal de estimação será escrava de escravo.

Cassandra tentou se soltar, mas a grande sereia amazônica pisou em seu caminho, derrubando-a de volta.

—Diga a ele para não mostrar sua bondade. —Maia gritou.

De repente, as mãos estavam no corpo de Cassandra, e ela foi arrastada para dentro da caverna, chutando e xingando. As mulheres a puxaram para baixo por um longo salão antes de parar em uma porta de madeira. Estava trancada.

—Abra-a. —Ordenou Electra. A porta foi destrancada por outra guarda amazônica, e Cassandra foi empurrada para dentro. Para sua surpresa, um homem levantou-se de uma cama exuberante. Seu corpo sólido brilhava com óleo e ele usava apenas uma tanga. Olhando para Cassandra, ele imediatamente se ajoelhou: —Minha rainha, sou Lysander. Estou aqui para o seu prazer.

Electra riu, jogando a cabeça para trás. —Ela não é uma de suas rainhas, escravo. Você é seu rei. Quebre seu espírito.

—Sim, minha rainha. —Disse Lysander, curvando a cabeça mais uma vez. Músculo esculpido e bronzeado ondulou sobre seu peito enquanto ele se movia.

Cassandra olhou para o homem grande. Ele olhou para seus olhos de seu lugar no chão, parecendo olhar para ela em prazer tortuoso. Ela correu para a porta gritando.

—Lysander! Controle-a. —Ordenou Electra.

Cassandra lutou quando Lysander a agarrou por trás, segurando-a perto de seu corpo firme.

—Cuide da sua mortal. —Ordenou Electra. —Agarre-a se for necessário, mas mantenha-a em silêncio. A rainha Maia não vai querer ouvir os gritos do animal escravo em suas delicadas orelhas reais.

Lysander envolveu uma grande palma sobre sua boca, seus dedos cravando na pele. Cassandra pediu ajuda às sereias com seus olhos, enquanto lutava para ser livre.

Ela assistiu, Neda, dar-lhe um sorriso tímido, se compadecendo antes de girar seus olhos para Lysander. Ela sentiu o homem endurecer atrás dela, mas Neda fechou a porta e os trancou.

— Você vai ficar quieta, então elas não têm motivo para voltarem. —Ele exigiu.

Cassandra assentiu. Ele relaxou, deixando-a ir. Cassandra afastou-se dele, afastando-se o mais longe possível do quarto.

—O que você quer comigo? —Cassandra respirou fundo, mas ela não conseguia parar de tremer. Se este grande homem decidisse atacar e "quebrar seu espírito", ela seria incapaz de detê-lo.

—Não é o que eu quero, é o que elas querem. —Disse ele. —É sempre o que elas querem. Quanto mais cedo você aceitar, melhor será para você. —Ele bufou em um riso autodepreciativo. —Boa sorte para você, se você puder descobrir isso. Eu não acho que elas ainda sabem o que elas querem. Às vezes eu acho que elas simplesmente agem por tédio, porque não sabem o que fazer com seus dias intermináveis.

Cassandra o olhou. —Você é um escravo.

O rosto de Lysander endureceu, seu olhar vazio como quando ele se curvou para as sereias. Duramente, ele disse: —E você também. Pior ainda, elas chamaram você de animal de estimação.

—Mas, olhe para você. Você é tão grande. Por que não brigar com elas? Por que não fugir? Certamente você pode deter um monte de mulheres.

—E ir para onde? —Ele perguntou.

—Você é Merr. Vá para Atlas. Vá para o seu povo.

—Eu tenho notícias para você, boneca. Eu sou mortal, igual a você. Não tenho pessoas aqui. E, além disso, vi o que a Rainha Maia é capaz de fazer quando tenta escapar dela. Posso ser um grande homem, mas não subestime a força dessas sereias. Eu não posso deter todas elas.

—O que? —perguntou Cassandra, olhando para ele. —O que a rainha faz? Certamente qualquer castigo que ela venha a determinar não seja tão ruim quanto ser seu escravo.

—Você já assistiu alguém fazer filé de um peixe vivo ou tirar suas vísceras?

Cassandra leu o significado em seus olhos e estremeceu. Ela cobriu a boca, de repente enjoada. —Oh.

—É melhor servir no paraíso do que apodrecer no fundo do oceano. —Disse ele amargamente.

Cassandra tremia ante seu olhar sombrio. —Você vai me estuprar agora?

Lysander franziu o cenho, sentando-se na cama. —Só se você me forçar.

—Estou apaixonada por alguém. Não vou dormir com você de boa vontade. Não posso.

Lysander deu uma risadinha. —O que o amor tem a ver com qualquer coisa por aqui, querida? Você não sabe que a única coisa que essas mulheres colocam no estoque é sexo? As olímpicas são criaturas muito sexuais e conseguem muito do seu poder de libertação sexual. Acredite em mim. Não é bonito quando não obtêm sua correção. Rainha Maia usa abstinência como uma punição para as sereias desobedientes. Se elas forem realmente ruins, temos que aquecê-las e negar a libertação.

Cassandra caiu contra a parede, sentindo que ele não ia machucá-la por enquanto. Ainda assim, ela mantinha um olhar cauteloso sobre ele.

—De onde você veio? Como você chegou aqui se não é Merr?

—Sou do mundo superficial, igual a você. Elas me trouxeram para cá há muitos anos. As prostitutas fingiam que estavam se afogando e me atraíram para dentro da água. Próxima coisa que eu soube é que acordei sobre este paraíso subaquático cercado por uma mulher nua. Louco que eu era, eu pensei que era o céu, até que elas me fizeram perceber que era o inferno. Os escravos têm uma finalidade, e esta finalidade é de somente dar prazer às rainhas em toda a maneira e tempo que julgarem justo.

—São todas rainhas? —Cassandra franziu o cenho. Ela esfregou as têmporas, tentando entender o que estava acontecendo. Esta manhã ela estava com Iason, agora ela estava mantida em cativeiro por um bando de sanguinárias, sereias loucas por sexo selvagem.

—Para nós, elas são. Para elas, Maia é sua rainha. Eu sugiro que você comece a abordá-las como tal. Maia gosta de dar chicotadas com seu chicote.

Cassandra assentiu com a cabeça em compreensão. Tentou não pensar em Iason. De alguma forma, parte dela acreditava que ele a salvaria.

—Então você não vai me fazer dormir com você?

—Dormir, sim. Sexo não, a menos que eu precise. —Disse ele. —Quando sexo é tudo que faço o dia todo, acredite que falar com uma mulher se torna o verdadeiro prazer.

—Quantos escravos têm aqui?

—Dezenas. —Lysander estava deitado de costas. —Elas nos escolhem por nossa resistência e juventude. Às vezes eu acho que os sortudos são as pobres velhas almas que se afogam quando pescam para nós.

Cassandra sentiu pena pelo homem, por todos os homens que as olímpicas atraíram. Ela se levantou, olhando em volta da pequena sala. Não havia nada de especial nisso. Era uma maravilha que Lysander estivesse até mesmo são, sendo mantido em tal prisão por tantos anos.

—Então, você está apaixonada?

—Sim. —Cassandra assentiu. —Eu estou.

—Seria melhor para você mantê-lo em sua mente. Esqueça ele se for preciso. Você não pode voltar para ele. Uma vez que você está aqui em baixo, não há volta para a superfície.

Cassandra estremeceu. —Nós realmente estamos debaixo d'água, não estamos?

—Claro que sim. Elas acorrentaram alguns de nós uma vez e levou-nos para o acampamento ao longo das fronteiras. Vi a cúpula entre eu e as criaturas do mar. —Lysander olhou para ela e indicou-a. —Venha se deitar comigo e dormir um pouco. Você parece estar prestes a desmoronar. Elas não devem estar de volta por algum tempo. Esta é a hora do dia que elas gostam de mimar-se, escovar os cabelos umas das outras e cantar elogios sobre a beleza umas das outras.

Cassandra o olhou com cautela. Ele puxou um cobertor e deu um tapinha na cama.

—Vamos. Não vou morder, a não ser que seja ordenado. —Houve tristeza em sua piada, mas ele conseguiu sorrir. —E só se elas estiverem procurando.

Realmente não havia mais nada no quarto, só a cama. Cassandra se aproximou e sentou-se no final. Lysander lhe deu as costas. Ela olhou por cima de sua tanga cobrindo sua bunda muito agradável. Ele era bonito, mas seu corpo ansiava por lason.

—Eu também estou apaixonado, você sabe. —Ele disse tristemente.

—No mundo da superfície?

—Não, uma olímpica. Mas o que eu sinto é proibido. Nada jamais acontecerá.

—Estou apaixonada por um Merr. —Sussurrou Cassandra, se movendo para se deitar. Ela tinha visto o olhar que Neda lhes dera. *Era disso que ele estava falando?* Parte dela esperou que ele se virasse e a atacasse. Ele não o fez. Embora, se ele fosse forçá-la, ele não teria tido que atraí-la para ficar deitada ao lado dele. Ele teria sido capaz de forçá-la onde quisesse no pequeno quarto. Ela tentou relaxar, mas foi difícil.

—O Merr? —Lysander parecia surpreso. —Mas, disseram-nos que eles são piores do que as olímpicas.

—Não que eu tenha visto. —Disse Cassandra. —Eu tenho estado com o Merr por algum tempo agora, bem um deles em todo o caso, e se eu tivesse que escolher, eu preferiria estar lá a aqui.

—Hein? —Sussurrou Lysander. Olhando por cima do ombro, disse: —Durma um pouco enquanto pode. Confie em mim, você será feliz se você conseguir. Como sua mais nova aquisição, quem sabe que jogos elas têm guardado para você.

Cassandra não dormiu enquanto escutava o ronco suave e rítmico de Lysander ao seu lado. Como ela poderia descansar quando sua mente corria com tudo o que tinha acontecido com ela? E se o mundo subaquático fosse verdadeiro? Lysander afirmou ter visto por si mesmo, não que ela confiasse nele. Embora, ele fosse humano e deu-lhe uma espécie de companheirismo. Se Iason não tivesse se enganado quando ele lhe contou que Ataran estava sendo jogado debaixo das ondas por um deus irritado, então talvez ele não estivesse enganado com outras coisas.

Ela pensou em seu tempo juntos e instantaneamente corou. Ok, então a parte sexual foi maravilhosa e eles fizeram muito disso, mas ele também se mostrou um homem de palavra. Ele era respeitoso e gentil. Ele nunca levantou uma mão para ela ou fez qualquer coisa que ela não pediu a ele, mesmo que ela só pediu a ele com seu corpo. É verdade que ela não o tinha visto longe de sua casa e dos outros, mas sentia como se o conhecesse. Quando ele estava por perto, ela estava feliz. Ele era honrado e gentil e sempre a tratava como uma verdadeira princesa.

Então, por que diabos ela fugiu dele? Ela estava com tanto medo de deixá-lo amá-la? Ela era sagrada por amá-lo?

Um som do lado de fora da porta a assustou de seus pensamentos antes que ela pudesse tirar conclusões reais. Lysander ficou tenso, seus roncoss parando. Ele virou-se imediatamente, rolando sobre seu corpo. Sua mão cobriu sua boca enquanto tentava gritar de surpresa com o súbito ataque. Sentiu-o puxar a tanga dos quadris e jogá-la de lado.

—É melhor fingir que acabei de passar a última hora te fodendo em submissão. —Ele assobiou em seu ouvido. —Ou elas nos açoitarão e nos darão aos outros escravos. Confie em mim, os outros não terão escolha senão subjugar-la, porque Maia vai assistir para ter certeza de que suas ordens são seguidas.

A porta foi aberta antes que ela pudesse responder. Cassandra gemeu fracamente enquanto rasgava sua roupa. Lysander rosnou para que a sereia da porta pudesse ver antes de sair. Era uma das guerreiras olímpicas de tanga e sutiã de peles. Lysander olhou para a porta, afetando uma expressão de total despreocupação enquanto se ajoelhava diante da mulher.

—Minha rainha. —Disse Lysander. —Eu fiz o que você pediu. Ela está subjugada e te obedecerá.

Cassandra rolou para o lado dela, arrumando a cama bagunçada ao redor dela enquanto ela levantava seus joelhos em seu estômago. Curvando-se em uma bola, ela fez um som de angústia, fraco para dar efeito.

—Ah, muito bom, escravo. —Respondeu a sereia, rindo sombriamente.

—Você pode descansar agora. Estamos muito satisfeitas com você.

—Obrigado, minha rainha. —Lysander curvou a cabeça mais uma vez antes de voltar para a cama. Ele olhou para Cassandra, seus olhos implorando e triste ao mesmo tempo.

—Venha, querida. —Ordenou a sereia. —A rainha Maia gostaria de te ver agora.

Cassandra fingiu ajustar a roupa debaixo da cama antes de se levantar. Ela caminhou lentamente, tropeçando em torno de onde estava Lysander. A sereia notou isso e acenou com a cabeça em aprovação. Lysander conseguiu uma rápida e triste elevação do canto de sua boca quando ela o deixou.

Cassandra seguiu a captora do quarto do escravo esperando enquanto a mulher trancava Lysander. A sereia fez sinal para ela voltar para a parte da frente da caverna. Ela o fez sem falar. Mantendo a cabeça inclinada, ela observou seus pés.

A rainha Maia estava sentada em um trono, como se esperasse Cassandra. A sereia que a tinha levado do quarto empurrou-a para que ela ficasse de quatro diante da rainha. A pedra dura raspou sua pele, e ela gemeu levemente.

—Está feito. —Disse à sereia que a trouxe do quarto de Lysander. —Ele ainda estava em cima dela quando eu cheguei.

Várias das sereias escutando riram.

—Lysander sempre teve resistência. —Disse Maia.

Cassandra olhou para cima apenas para sentir sua cabeça sendo empurrada rudemente para baixo por trás.

—Não, deixe-a olhar para a minha beleza. —Maia disse. Quando Cassandra ergueu novamente os olhos, a rainha continuou. —Você ainda ama o Merr?

Cassandra olhou ao redor da caverna antes de voltar a olhar para a rainha. Maia achava que ela responderia a essa pergunta honestamente? Instintivamente sabendo o que a mulher queria ouvir, ela mentiu.

—Não.

—Ah, bom. —Maia assentiu com a cabeça em aprovação. Havia uma tensão estranha na sala, uma raiva que estava debaixo de todos os sorrisos presunçosos e belos olhos. —Eu sabia que você apreciaria a força áspera de nosso escravo. Uma vez que você teve um gosto de algo. —Ela parou em pensamento, rindo para si mesma. —Vamos dizer, melhor do que um homem Merr? Você logo descobre que o amor é uma ilusão de sexo e que as ferramentas de um machão funcionam tão bem quanto a do próximo.

Cassandra não se moveu, não falou. Não havia nada que pudesse dizer à demente rainha das sereias.

—Você sabe, nós tivemos uma humana aqui não muito tempo atrás. — Maia se levantou. —Você a conhece? Bridget.

Cassandra ficou tensa. Bridget estava aqui? Como? Iason disse que a mulher estava no palácio Merr com outro caçador, Caderyn.

—Deveríamos tê-la obrigado a ficar conosco, forçá-la a entrar na cama de um escravo para que ela pudesse sentir os prazeres que temos para oferecer. Em vez disso, ela escapou de nós, correndo de volta para seu amante Merr. —Maia franziu o cenho, e se espalhou como uma onda sobre os outros rostos. —Eu não estava prestes a cometer o mesmo erro com você.

—O que você quer comigo? —Cassandra perguntou, levantando os olhos enquanto Maia se aproximava diante dela. Maia fez um gesto e duas sereias vieram levá-la a seus pés.

—O corpo de lady Bridget tinha mudado, então agora ela é uma de nós. Tentamos afogá-la, mas os deuses escolheram abençoá-la. Queríamos que ela se juntasse a nós. —Maia fez uma pausa. Ela tocou levemente a bochecha de Cassandra, acariciando-a. Não havia nada sexual no modo como as sereias a tocavam. Era mais como se ela fosse seu novo brinquedo, uma estranheza com a qual elas queriam brincar, uma mera boneca para acariciar e vestir-se. Um tédio quase desesperado se infiltrou em cada uma delas.

—Você não precisa ser uma prisioneira do Atlas. —Disse Lotis, chegando atrás de Maia e apoiando uma mão em seu ombro. A coloração vermelha da mulher era apenas assustadora, como uma fantasia de horror de Hollywood projetada para assustar crianças pequenas. —Você não tem que ser sua escrava. Aqui você pode ter muitos escravos. Aqui você pode ser uma rainha.

—Se você for uma de nós, estará livre. —Disse uma de cabelos escuros, chegando atrás de Cassandra. Ela estava perto de suas costas.

—Você vai e vem como quiser. —Acrescentou Maia. —Você pode tirar seus prazeres dos escravos. Eles te obedecerão. Você pode tomar quantos quiser na sua cama, contanto que você não tome todos eles ao mesmo tempo.

Cassandra tentou afastar-se educadamente da mulher atrás dela, mas estava claro que não lhe permitiriam algum espaço pessoal.

—Não vamos deixar você ser uma prisioneira de Atlas. —Maia fechou os olhos, sorrindo ligeiramente. —Eles fizeram você vir aqui, não é? Eles te forçaram, e agora eles te dirão para escolher um companheiro, para que possas passar os teus dias subordinada a eles.

Cassandra pensou nos escravos que essas mulheres guardavam. Mesmo que o que dissessem fosse verdade, eram hipócritas.

—Mas, eu sou humana. —Cassandra sussurrou. Seu coração gritou por Iason. Estava apavorada. Não havia maneira de contornar isso. Pelo menos Bridget tinha escapado delas. E, se Bridget escapou, ela também escaparia.

—Isso vai ser determinante, é claro. —Disse Lotis, acenando com a cabeça.

—Determinante para quê? —Cassandra continuou a afastar-se. Por alguma razão, ela queria manter Lotis numa distância maior.

—Bem. —Maia riu. —Se os deuses a abençoarem como eles nos têm abençoado, a água não a matará e a nossa oferta lhe dará algo em que pensar quando você renascer. Mas, se eles não te abençoaram, então o que é a morte de um mortal para nós?

Risos soaram, ecoando na caverna. Mãos a agarraram, puxando-a para a lagoa das cavernas. Cassandra gritou, chutando e implorando, mas havia muitas delas.

—Junte-se a nós. —Disse Maia. —Ou você vai morrer. Infelizmente, a escolha realmente não é sua.

Várias das mulheres mergulharam na água. Quando emergiram, estenderam seus braços, à espera. Cassandra ofegou enquanto ela era arrastada pelo chão. Quanto mais ela lutava, mais elas riam de seus esforços. Lysander tinha razão. Essas mulheres eram incrivelmente fortes.

—Que os deuses estejam com você! —Maia voltou para seu trono. —Porque ninguém mais o fará.

As sereias a jogaram sobre o lado da piscina. Seus membros agitaram-se no ar. Enquanto ela entrou sob a superfície gelada, água salgada jorrou em sua boca. Imediatamente, as sereias na água agarraram-na, mantendo-a para baixo. Ela lutou contra elas, arranhando e mordendo qualquer coisa que pudesse alcançar. Mas, depois de alguns golpes fortes e sólidos em seu estômago, Cassandra foi forçada a ofegar em água do mar. Ela sufocou seus pulmões. Ela pensou em Iason, querendo-o, sentindo falta dele, precisando dele.

Os pulmões de Cassandra encheram-se com o líquido pesado. Os dedos a seguravam com força nas pernas e nos braços, arrastando-a para baixo. Seu corpo inteiro queimou por um segundo e depois acabou. A negritude a consumiu e tudo estava escuro.

Iason agarrou seu peito, sentindo uma onda de dor sobre ele. *Cassandra?* Quase podia ouvi-la na cabeça, chamando-o, precisando dele. Ele descobrira algumas trilhas na floresta, mas eram difíceis de seguir. Correndo, ele usou seus instintos em vez disso, tentando sentir onde ela estava. Ele tinha que encontrá-la. Ele tinha que chegar até ela. Só Deus sabia o que as Olímpianas estavam fazendo com ela.

—Poseidon, por favor, eu imploro. Ajude-me. Sem ela, eu não sou nada. Não a enviou para mim só para levá-la embora.

Capítulo Oito

—Iason! Iason ajude-me! Por favor, preciso de você.

Cassandra sacudiu, mas seus membros estavam presos. A pressão caiu em seu peito. Ela mal conseguia se mover. Suas pálpebras eram pesadas demais para abrir, e sentia frio, muito frio. Havia algo em volta dos pulsos, segurando-a. Ela lutou contra os laços. Seus olhos se abriram, e ela automaticamente tentou respirar.

Estava debaixo d'água, com os pulsos presos para mantê-la abaixo da superfície. Cassandra abriu a boca, tentando tomar ar em seus pulmões, lutando para respirar. Não adiantava. Seus pulmões estavam cheios de água salgada e imóvel. Ela puxou seus pulsos, esfregando-os contra os laços. A água salgada pungia as feridas, mas ela não se importava. Ela tinha que chegar à superfície. Ela precisava de ar.

Seus músculos estavam rígidos e doloridos e ela tinha que parar de lutar. Ela fechou a boca, esperando cortar o sabor salgado do oceano de sua língua. Enquanto flutuava, suspensa na água, ela lentamente se acalmou quando percebeu que a dor aguda do afogamento tinha desaparecido. Algo voou em seu pescoço, parecendo puxar água. A queimação no peito diminuiu com cada puxão. Seus olhos viram claramente nas profundezas escuras da lagoa. Olhando em volta, percebeu que estava sozinha. Acima dela, ela viu o padrão de ondulação do teto da caverna, mas não havia ninguém a observando. Abaixo dela, a lagoa era profunda.

Seus pulsos estavam amarrados com o que pareciam algas, mantendo-a sob a superfície. Então, vendo sua cauda verde, ela endureceu. É por isso que ela não conseguia mover as pernas. Elas se foram. Ela era uma sereia.

Durante um longo momento de assombro, Cassandra não conseguiu se mover. Iason tinha dito a verdade. Ela estava destinada a se tornar uma sereia.

Ela olhou para os antebraços. Duas pequenas barbatanas verdes haviam se formado ali. Tinha pequenos redemoinhos como a superfície de uma concha, assim como a de Iason. Ela sentiu a água roçar contra elas, assim como ela sentiu quase uma vibração ao longo de sua nova cauda. Elas eram parte dela. Sua cauda era mais

magra do que a de Iason, a divisão ao longo do fundo mais longa quando ela se dividia em duas barbatanas. As pontas flutuavam na água como seda molhada.

Cassandra colocou seu pânico de lado. Ela estava nua, seu vestido tinha desaparecido. Seus cabelos vermelhos flutuavam ao redor dela na água. Ela tentou se mover, mas foi um pouco estranho quando sua cauda se moveu para frente e para trás. Concentrando-se, ela o fez de novo, tentando aprender com seu novo corpo. A água fria contra suas escamas parecia estranha, tão sensível à mudança mais sutil das correntes e temperaturas, mas não desconfortavelmente assim. Era como se seu termômetro interno se reinicializasse.

Puxando seus braços, ela trabalhou para baixo para que as pulseiras estivessem soltas na água. Ela olhou para cima, ainda ninguém. Demorou um pouco puxando, mas ela conseguiu ficar livre, cortando a alga com as barbatanas duras em seus antebraços.

Cassandra mordeu o lábio. *Será que ela ia para cima, ou ela procuraria outra saída?* Ela olhou ao redor da lagoa, usando sua nova visão para sondar a água negra enquanto procurava uma maneira de escapar. Vendo um buraco escuro em direção ao fundo, ela nadou para baixo. Foi um pouco estranho, mas ela conseguiu chegar a ele. Espreitando através do buraco, ela viu um longo túnel subaquático. Foi lento, mas ela se recusou a desistir. Usando os braços e a cauda nova, conseguiu atravessar o buraco apertado até um fundo do mar aberto. Ela não podia ver nenhuma sereia, então ela lentamente passou pela abertura do túnel. Um campo subaquático estendeu-se diante dela, coberto de grama marinha suavemente fluída.

O abismo.

Não havia nenhuma pergunta em sua mente enquanto olhava ao redor da grande extensão de água. Ela piscou várias vezes, lutando para controlar sua barbatana enquanto flutuava na água. Estava escuro, mas ela podia ver claramente nas profundezas geladas. Ao seu redor havia silêncio. Ela estava no Oceano Profundo, um lugar que nenhum mortal poderia ir. Assim como o litoral acima, o mar se estendia na distância. Ela estremeceu, sentindo-se muito pequena em comparação. Cassandra ergueu os olhos, detectando uma criatura minúscula, um verme, nadando vários pés acima. Embora fosse minúsculo, era incrivelmente longo. Ela moveu as mãos, lentamente empurrando seu corpo para baixo, longe da criatura. Havia

criaturas por aqui que nenhuma pessoa mortal jamais vira, e o verme era provavelmente a menor de suas preocupações.

Cassandra virou-se, agarrando-se à parede fora da entrada da caverna das Olímpicas. Ela abraçou seu corpo contra ele, encontrando algum conforto pequeno em uma espera estacionária. Será que ela arriscaria se perder no oceano? Ou ela voltaria para dentro e enfrentaria as mulheres enlouquecidas? Lembrando as palavras de Lysander, ela sabia que o destino poderia acabar horrivelmente.

Uma cúpula.

Lysander disse que as fronteiras eram uma cúpula com vista para o oceano. Então, se ela encontrasse a cúpula, talvez ela pudesse ver assim como o Merr e as olímpicas pudessem ver. *valeu à tentativa.*

Cassandra olhou em volta. Uma criatura pequena espiou sua cabeça para cima do chão de oceano arenoso. O corpo translúcido era estranho e tinha garras compridas, como uma lagosta gigante. Ela nadou para cima do declive rochoso, longe do marisco terrível. Quem sabia os perigos que se escondiam nessas águas? Uma coisa que ela sabia era que os perigos também a aguardavam na guarida das Olímpicas. Se ela fosse escapar da captura, ela precisaria se apressar.

—*Iason.* —Ela pensou, tentando se ligar a ele. Cassandra usou seus braços para puxar seu corpo para o lado do penhasco, levando seu corpo para longe da caverna. Iason tinha mencionado telepatia quando eles nadaram em água e não poderia machucar tentar usá-la agora. Com certeza, falar com ele a faria sentir como se ela não estivesse tão sozinha.

—*Querido, se você puder me ouvir, por favor, venha e me pegue agora. Eu não gosto disso aqui.*

Iason parou, inclinando a cabeça para o lado. Ele estava tão frustrado que seu corpo inteiro tremia. Não havia dúvida em sua mente que ele encontraria o esconderijo das Olímpicas, mas era lento. Pensamentos sobre o que poderia estar acontecendo com Cassandra encheram sua cabeça. Quem sabe o que as loucas

estariam fazendo com ela. Fazia muito tempo que nenhum deles vira Maia e suas seguidoras.

—Iason.

Ele a ouviu novamente. Cassandra estava chamando-o. Sua voz era distante, fraca.

—Iason... Por favor... Não gosto daqui.

Ele ficou tenso. *Onde ela estava?* Ele ouviu mais, mas não havia mais. O que aquelas malditas bruxas do mar estavam fazendo com ela? Por que ela podia falar telepaticamente com ele? A menos que...

—Ela mudou. —Sussurrou Iason, perguntando-se se as olímpicas haviam tentado afogar Cassandra só para vê-la se transformar em forma de Merr. Seria possível que agora a mantivessem trancada embaixo da água em uma gaiola? Os rumores sobre o que a rainha Maia era capaz de fazer eram histórias horríveis e um pesadelo.

Ele rosnou em frustração, sem saber em que direção correr. Cassandra precisava dele e ele estava falhando com ela. Fechando os olhos, ele tentou acalmar seu coração acelerado, mas era difícil. Ele a queria de volta na segurança de seus braços. Por que ela fugiu dele? Por que ele não sabia que ela iria? Ele não devia ter dito a ela que estavam casados.

—Cassandra. —Disse ele, usando sua mente para chamá-la. —Cassandra, responda. Por favor, me responda. Diga-me como posso encontrá-la. Mostre-me o caminho.

Cassandra não tinha certeza de quanto tempo tinha passado, mas parecia que tinha passado uma eternidade nas profundezas do oceano. Seu estômago estava dolorido de balançar a cauda, então ela usou seus braços em vez disso, puxando-se ao longo da protrusão rochosa.

—Eu deveria ter feito mais abdominais em meus exercícios. —Ela pensou, tentando não apertar os músculos doloridos. —Certo, eu realmente deveria ter me exercitado.

Ela tinha certeza de que poderia ter feito melhor tempo no mar aberto, se ela fosse uma nadadora melhor, mas ela estava com muito medo de enfrentar as águas em seu novo corpo. Além disso, havia algum conforto na sensação sólida de rocha sob suas mãos. E se uma corrente surgisse e a afastasse da cúpula. Sozinha, incapaz de encontrar Iason ou as pessoas Merr, flutuando em um mar sem fim, não soava como a forma que ela queria passar o resto de sua vida.

Até agora, ela tinha sido afortunada e só tinha visto algumas criaturas grandes na distância e um punhado de menores rastejando ao longo do fundo do oceano. Infelizmente, o melhor de sua visão era extremamente afunilado e ela tinha que constantemente mover sua cabeça ao redor para ver em todas as direções. Não era de admirar que Iason tivesse um pescoço tão forte. Seus músculos doíam e começavam a enrijecer. De vez em quando, ela tinha a sensação de que algo estava perto dela e sabia de que maneira olhar.

Vendo um suave brilho rompendo a escuridão eterna do Abismo, ela se apressou para frente. Poderia ser a cúpula? Em sua excitação, ela renovou seus esforços, nadando forte até ele. Ela se moveu para cima, desesperada pela luz.

Então, sem aviso, um súbito jorro de água passou por sua nádega, enviando-a em uma espiral. Ao voltar-se para a água, viu uma longa criatura parecida com um verme, só que não era como uma minúscula minhoca encontrada em um jardim ou até mesmo o fino e longo verme que ela tinha visto antes. Este era tão grande quanto um metro e tão rápido. Empurrando os braços, ela se endireitou na água. O movimento da criatura a afastou da face da rocha e a deixou em terreno aberto.

—Merda! Oh, Deus, não. —Cassandra trabalhou seus braços, tentando nadar em uma linha reta. Seus movimentos eram trêmulos, mas conseguiu fazer algum progresso. Um formigamento irrompeu sobre ela, e ela se virou a tempo de ver a cabeça gigante do verme vindo direto para ela. A criatura não tinha rosto, mas sim uma boca gelatinosa no centro da ponta arredondada. Ela abriu a boca para gritar, mas nenhum som saiu debaixo da água. No entanto, ela ouviu o som reverberando em sua cabeça.

—Ahhhh!

Cassandra empurrou os braços com mais força, tentando fugir. Sentindo uma sensação de sucção por sua cauda, ela se virou e bateu na criatura com o braço, cortando-a com sua barbatana. O verme soltou-a, caindo ligeiramente. Ela se dirigiu para a luz, torcendo e virando na água para chegar à segurança.

Quando ela se aproximou, olhando para trás para ter certeza de que ela não estava sendo seguida, ela percebeu que ela tinha realmente encontrado a cúpula. A escuridão não mais penetrava enquanto ela nadava para o brilho sereno. Parecia uma enorme bolha, presa no fundo do mar. Desesperada, ela se apressou para frente, como se pudesse nadar pela barreira. Estendendo a mão atingiu a superfície lisa e deslizou. Ela caiu de lado.

—Não! —Ela bateu na cúpula. —Não, deixe-me passar. Droga, não quero ficar na água!

Cassandra começou a chorar. Ela tinha sido corajosa até aquele momento. Mas agora, vendo o deslocamento de uma floresta, ela não pôde se conter. Todo o desespero e medo que ela sentiu vieram à tona. Ela empurrou a cúpula. A terra estava tão perto, do outro lado da barreira, mas ela não conseguia chegar lá. Ela era como um peixe, pressionado contra o vidro do aquário, incapaz de nadar para longe.

Ela olhou para cima. A cúpula desaparecia na escuridão, levando ao que era o céu do Merr. Mesmo se ela fosse nadar, não haveria uma maneira de entrar. Então, o que ela faria? Voltar para o afloramento de rocha que mantinha o mundo acima do verdadeiro fundo do oceano como um pedestal? Ela tentaria encontrar uma abertura para deixá-la entrar? Iason havia mencionado que a abertura do palácio era a única maneira de entrar ou sair. Obviamente, ela tinha encontrado outra abertura através da caverna das Olímpicas, isso significava que havia mais que o Merr não sabia? Quais eram as chances de que ela chegasse à abertura do Atlas? Tão grande quanto à abóbada era, seria como procurar uma laranja enterrada em toda a Austrália. As chances estavam definitivamente contra ela. Se o verme não a encontrasse primeiro, então qualquer número de coisas poderia vir para ela, inclusive as olímpicas.

Por que ela deixou o Monte Olimpo? Certamente era mais seguro do que morrer sozinha no oceano escuro. Por que ela deixou a casa de Iason. Ela estava feliz lá. Ela estava feliz com ele. Por que ela teve que fugir?

—Iason, desculpe. Por favor, me encontre. Eu preciso de você. Por favor, eu não quero mais estar aqui.

—Ahhhh!

Iason congelou, todo seu ser tenso enquanto esperava outro som. O medo de Cassandra o invadiu, e a sentiu tão segura quanto se sentia. Ele esperou, desesperado por palavras, desesperado para se conectar com ela e ser capaz de falar, desesperado por uma dica de onde ela estava para que ele pudesse resgatá-la.

—Fale comigo, Cassandra. —pensou. —Ouça-me. Vamos, me escute. Diga-me onde você está.

—Deixe-me passar. —Ele ouviu sua voz mais clara do que antes.

O fato de que sua telepatia estava ficando mais clara disse-lhe que tinha mudado definitivamente. Ele estava grato por isso. A rainha Maia e suas seguidoras, em sua vaidade sobre ser imortal, seriam menos propensas a prejudicá-la agora que ela era como elas. Seria muito mais difícil matá-la também.

—Droga, não quero ficar na água!

A água? As olímpicas a tiveram debaixo de água? O lago de água salgada mais próximo que ele conhecia, além daquele em sua terra, estava na terra de Caderyn. Isso tinha que ser onde elas a tinham levado. Claro! Que outro lugar para fazer o seu turno do que em um lago salgado? Seu amigo morava perto das fronteiras, não muito longe de onde estava. Era a melhor pista que ele tinha até agora.

Iason começou a correr. Tinha ficado acordado durante horas, correndo pelo campo, mas não estava cansado. Cassandra precisava dele e ele precisava dela. Ele correria até o final dos tempos para recuperá-la.

—Por favor, não quero mais ficar aqui. Cúpula estúpida deixe-me entrar.

Cúpula? Iason parou. Cassandra estava perto da cúpula? Mas como?

Ele olhou para o céu, para a barreira que os protegia da água fria do oceano. Ela era sua esposa. Eles devem ser conectados. Se ela o aceitasse, se ela se ligasse a ele, elas deveriam ser capazes de se comunicar. Concentrando-se na parede externa, ele reorientou seus pensamentos em sua direção, enviando-os para o oceano exterior além da barreira:

—Ouve-me, Cassandra, ouça-me.

—Iason? —O som era fraco, mas a voz pertencia a uma mulher. Tinha que ser sua Cassandra.

—Sim, sou eu. Onde você está? O que aconteceu?

O corpo inteiro de Iason ficou tenso. Ele queria abraçá-la, senti-la, mas se alegrou de saber que estava viva. Ainda havia tempo para salvá-la. Ele parou de correr, respirando com dificuldade enquanto girava em círculos, como se ao fazê-lo, de repente a encontrasse diante dele.

—Iason! Argh, eu odeio essa coisa mental telepática. Eu nunca vou conseguir. Iason, você está aqui? Caderyn está procurando por você!

—Quem é você? —perguntou Iason, franzindo o cenho.

—Bridget, a esposa de Caderyn.

Bridget? A mulher humana que Caderyn tinha salvo? O que ela estava fazendo aqui? E ela disse que era a esposa de Caderyn?

—Caderyn. —Ouvindo Bridget dizer. —O tenho na minha cabeça, e agora?

—Onde está ele em todo o oceano? —perguntou Caderyn.

—Caderyn? —Iason olhou ao redor, mas não viu ninguém. —Onde você está?

—Iason? Por todas as criaturas oceânicas, cara! Onde você esteve? Estivemos correndo pela floresta toda a noite tentando encontrá-lo. Olímpicas foram detectadas no oceano. O rei Lucius nos ordenou que trouxéssemos a humana ao seu cuidado de volta para Atlas, onde é seguro para ela. Temíamos que elas pudessem tentar prejudicar...

—Já é tarde demais. —Disse Iason. —Cassandra se foi.

—Se foi? —Perguntou Bridget, não usando mais o link telepático. —O que quer dizer com ela se foi?

Iason girou sobre os calcanhares. A mulher parecia muito mais saudável do que quando ele a viu pela última vez, mesmo sem fôlego como ela estava de correr. Caderyn apareceu atrás dela. Instantaneamente, ele viu uma luz diferente nos olhos de seu amigo. Eles estavam satisfeitos, felizes, renovados.

—As olímpicas tentaram sequestrar Bridget. Enviamos notícias do Atlas, mas os seus cuidadores disseram que o mensageiro nunca chegou. Então, quando uma mulher de Merr foi relatada na água, nós sabemos que nós tínhamos que vir lhe dizer, já que nós não recebemos uma palavra sua. Acreditamos que as olímpicas encontraram uma maneira de respirar o ar da superfície, e também têm uma saída para a água.

—Eu sei. —Iason estava contente de ver seu amigo lá e ficou mesmo aliviado pela presença de Bridget. Ela era do navio de Cassandra e saberia como Cassandra pensaria e agiria. —Elas levaram Cassandra. Eu estava procurando sua toca, mas... —Ele olhou de volta para a cúpula. —Acho que ela escapou.

—Escapou? —perguntou Bridget.

Iason compartilhou um olhar com seu companheiro caçador. Ele não sabia ao certo o quanto Bridget sabia, mas como ela estava usando a habilidade de um telepata, ele só podia supor que ela soubesse sobre seu destino como uma sereia, uma vez que ela também tinha passado pela mudança. —Dentro da água. Acho que as olímpicas a afogaram e ela de alguma forma saiu para o Abismo.

—Ela também? —Perguntou Bridget. Ela balançou a cabeça, franzindo o cenho em desagrado. —Essas cadelas estúpidas me puxaram para baixo também. Qual é o problema delas? Você não me vê tentando puxá-las para o ar da superfície para ver se elas vão viver, não é?

Iason começou a responder, mas Caderyn levantou a mão. —Ela conhece a história. Ela está apenas desabafando sobre elas. Dê-lhe um momento e ela vai parar.

—E se Cassandra é agora uma mulher Merr, e o verme da guarda a detectou na água? Você sabe o que eles estavam pensando sobre nós? —Perguntou Bridget. —E se ela estivesse tentando escapar da criatura? Se eu visse um verme gigante na água, eu tentaria apunhalá-lo também.

O corpo inteiro de Iason estava rígido. A não ser que um Merr soubesse como se comunicar com o verme, não seria necessário ter bondade com a presença de um intruso. A criatura existia a milhares de anos de idade e tinha tomado residência debaixo da plataforma abaixo de Ataran. Mas o verme não era a coisa mais perigosa no Abismo. Sendo como era um caçador, ele sabia como navegar nas águas e fazia isso naturalmente. Ele sabia de que animais se afastar, como agir diante dos outros. Nadar no oceano era uma segunda natureza para ele, mas para Cassandra? Ela não saberia o que fazer.

Como se expressando seus medos, Bridget disse: —Pobre mulher. Ela está fora do seu elemento no abismo.

—Preciso encontrá-la. —Disse Iason.

—Ela nem sequer é uma grande cientista. —Continuou Bridget, pensativa. —Quanto mais penso nisso, mais me torno a acreditar que ela não tinha uma razão para estar no navio, não num científico de qualquer maneira. Nosso líder de expedição a defendeu, mas duvido que ela fosse cientista, muito menos alguém com um conhecimento prático do oceano profundo.

—Eu não acho que isso está ajudando. —Disse Caderyn à esposa suavemente.

—O que? —Os olhos de Bridget encontraram-se com os de Iason e imediatamente ela pareceu pesarosa. —Você e Cassandra?

—Ela é minha esposa. —Disse Iason, sem vergonha. Ela podia ter fugido dele, talvez não aceitasse completamente o destino deles, mas isso não impedia a verdade de que eram um para o outro.

—Oh. —Bridget ofegou, só para repetir. —Oh.

—Fique aqui e tente se comunicar com ela. —Disse Caderyn. —Vamos voltar para o Atlas e entrar na água.

—Eu deveria ir com você. —Iason negou, desesperado por estar na água, mas ainda não completamente certo de que era onde sua esposa estava.

—O rei não vai deixar você ir. —Disse a Iason. —Você esteve com um humano doente. Eles vão querer ter certeza de que nada está errado com você. Além disso, ela é nova no oceano, e ela conhece você. Tente encontrá-la ao longo das fronteiras e direcioná-la para Ataran, para que possamos encontrá-la. Diga a ela para ficar na luz da cúpula.

Iason acenou fracamente. Levaria cerca de um dia para voltar de onde eles estavam, se eles corressem para a inclinação completa. No entanto, se chegasse perto o suficiente do palácio, eles poderiam enviar uma chamada telepática sobre a distância restante e obter outro caçador na busca dentro da água.

—E, Iason. —Disse Caderyn, colocando a mão no braço do amigo. —Confiem em nós, seus amigos, para trazer sua esposa de volta em segurança.

—*Cas-san-dra*. —A voz de canto das Olímpicas a seguia. Elas estavam em sua cabeça, bloqueando todos os outros pensamentos pelo som de suas vozes. Horas repletas de suas provocações, suas súplicas, suas ofertas para se juntar ao seu bando de rainhas guerreiras psicóticas, até que finalmente um dia tinha se passado. Ela fez o seu melhor para não responder à chamada, não ter um pensamento coerente e consciente, para não escorregar e deixá-las rastreá-la através do abismo escuro, mas tornou-se cada vez mais difícil. —*Cas-san-dra, onde está você?*

—*Deixe-me em paz*. —Pensou. Cada músculo dela doía enquanto ela se agarrava à protrusão rochosa moldada à cúpula de Ataran.

—*Oooh, nós a ouvimos outra vez, Cassandra, doce Cassandra*. —A voz da rainha Maia levantou acima das outras, ficando mais forte. —*Você não pode escapar de nós, Cassandra. Estamos em sua cabeça agora. Você é uma de nós. Volte, o oceano não é lugar para uma pequena sereia como você, mas podemos ensiná-la. Podemos mostrar-lhe, Cassandra. Volte para nós, e nós prometemos não puni-la por*

fugir. Nós sabemos que você estava apenas com medo. Mas não há nada a temer. Nós podemos ajudar você. Volte para nós. Volte para nós.

As palavras fluíam como as correntes à sua volta. Cassandra estava tão cansada de fugir delas e Iason não veio por ela, embora ela estivesse muito assustada para chamá-lo por medo de que as olímpicas a ouvisse. Ela não sabia exatamente como funcionava a telepatia. Poderia todos ouvir seus pensamentos? Como ela bloqueava aqueles que não queria ouvir? Tudo o que ela tentou não falar com as olímpicas, algo parecia deslizar. E exatamente como elas poderiam rastreá-la apenas com seus pensamentos?

—Volte para nós, Cassandra, volte...

Seu coração disparou quando ela tentou forçar seu corpo, mas as sacudidas de sua cauda tinham ficado fracas. Era possível que ela tivesse perdido a entrada do Atlas ou não estivesse nem perto. Não era como se houvesse grandes sinais de trânsito apontando quantas mais milhas ela tinha para nadar antes que ela alcançasse seu destino. Cassandra perdeu os sinais. Ela perdeu civilização e terra. Ela sentia falta de sua avó e comida rápida e roupa seca e luz do sol. Essas eram as coisas que ela pensava em sua provação, enquanto tentava se manter sã. E a única coisa que ela se esforçou mais para não pensar foi Iason, o Caçador.

Capítulo Nove

Ela não podia continuar. Se seu rosto já não estava molhado, lágrimas teriam fluído por suas bochechas. Com seu câncer, Cassandra estava acostumada à dor, mas isso era diferente. Isso era agonia emocional, desamparo e medo como nunca sentira antes. Se alguém lhe tivesse perguntado, logo após o seu diagnóstico, se alguma vez ela poderia sentir algo mais assustador, teria dito não.

E ela estaria errada.

Mais e mais, uma suave agitação parecia tentar puxá-la para longe da cúpula. Ela fechou os olhos, permitindo que seu corpo flutuasse, tão cansada que queria dormir para sempre. Só que desta vez, se ela acordasse para encontrar Iason de pé sobre ela, oferecendo todas as fantasias que uma mulher poderia querer, ela não iria jogar a chance fora. O medo não a impediria de estar com ele.

—Iason. —Ela sussurrou, até mesmo seus pensamentos eram cansados. —
Desculpa ter fugido de você. Obrigada por tudo o que fez por mim.

O silêncio encheu sua mente, respondendo as suas palavras. Ela desejava que ele pudesse ouvi-las, para que ele soubesse que fez seus últimos dias tão bonitos.

—É engraçado. Eu não me sinto mais doente, mas de qualquer maneira eu estou morrendo de exaustão. Talvez fosse apenas o destino dizendo que esta é a minha hora. —A suave cúpula bateu em seu braço e uma rocha tocou suas costas. Ela estava começando a descer em direção ao fundo do oceano. Mesmo os pensamentos das lagostas translúcidas não poderiam dar a ela a força de vontade para se mover. Seu corpo se virou, e ela sentiu a água passar sobre seus braços mais rápido do que antes. Ela se sentia como uma pena. Ela estava caindo.

—Adeus, Iason.

Seu corpo atingiu o chão, saltando sobre a areia dura antes de descansar. Ela virou o rosto para o lado, sua bochecha pressionada no chão enquanto ela estava deitada em seu estômago. Um sorriso suave curvou seus lábios. Não importava o que

acontecesse agora, ela já tinha visto mais em sua curta vida do que muitos outros antes dela. Ela tinha visto provas sólidas de que o sobrenatural existia. E, ela sentiu amor. O que mais uma pessoa poderia pedir?

—*Adeus, Iason, adeus.* —Pensou.

—*Adeus?* —Iason entrou em pânico, passando as mãos pela borda da cúpula enquanto procurava sua esposa. As fronteiras seguiam por quilômetros, mas ela precisava estar perto. Ele precisava encontrá-la.

—*Cassandra? O que você quer dizer com adeus?*

O elo mental estava quieto enquanto caminhava pela fronteira, tentando sentir a água. Ele podia detectar muitas criaturas do mar no abismo, mas não Cassandra. Ou, se ela estivesse lá, ela não estava se movendo. Iason andou em torno de uma árvore que crescia ao longo da cúpula.

—*Cassandra, minha doce flor, por favor, responda.*

A tarde se desvaneceu para a noite. Houve uma mudança sutil de cores no céu. As estrelas do mar vieram em direção à cúpula, atraídas pelo calor enquanto dançavam ao redor do escuro azul-preto. As estrelas do mar eram na verdade peixes pequenos brilhantes, um pouco menor do que sua mão. Seus olhos negros o seguiram, observando-o passar depressa. Ocasionalmente, as luzes se separavam, mostrando uma raia preta que atravessava as criaturas passando, mas as sombras nunca foram sua esposa.

—*Cassandra.* —Repetiu Iason uma e outra vez. —*Cassandra!*

Passou a mão pela cúpula úmida, golpeando-a. As pequenas criaturas sacudiram, se separando para mostrar-lhe a escuridão além, mas logo se acomodaram quando se acostumaram à sua proximidade e se estabeleceram mais uma vez. Iason continuou repetindo o movimento com um novo conjunto de estrelas, novamente observando-os dispersarem para que ele pudesse espiar o oceano escuro.

—*Cassandra!*

Iason fechou os olhos, concentrando-se, esperando contra a esperança de que pudesse sentir o verme da guarda e se comunicar com ele. A criatura não respondeu, não que ele esperasse. Uma grande lula zumbia acima, e seu estômago se esticou ao vê-lo. Normalmente, eles eram apenas grandes pragas, mas para Cassandra eles seriam perigosos. O corpo da criatura vagava lentamente, primeiro seu olho grande, depois seu corpo gelatinoso, suas pernas e, finalmente, seus dois tentáculos grandes.

—*Fique longe.* —Gritou Iason, saltando para sacudi-lo. —*Longe!*

As árvores desapareceram, dando-lhe mais espaço. Ele correu, estendendo a mão para ela. Desespero e medo o dominaram. Ela disse adeus. Ele a ouviu em sua cabeça.

—*Não diga adeus.* —Disse ele, implorando para que ela ouvisse. Ele bateu na cúpula. —*Não diga adeus!*

Cassandra se sacudiu, piscando rapidamente. Quando ela caiu, ela não tinha se incomodado em olhar onde ela desembarcou, sem querer saber. Agora, ela abriu os olhos para ver uma das lagostas translúcidas sentada bem em frente ao seu rosto, olhando para ela. Suas brânquias se abriram e fecharam levemente e seus sensores flutuavam.

—*ugh!* —Ela se empurrou para cima, sentando no fundo do oceano. Há quanto tempo ela dormiu?

Pela sensação de seus membros, não tinha sido o suficiente. O fim de sua cauda tremulou na água quando ela se moveu. Olhando para cima, ela detectou grandes medusas sobre a cabeça, girando graciosamente em um enxame enquanto elas bombeavam ritmicamente através da água. Seus corpos continham uma luz interior que iluminava seus tentáculos. A lagosta gigante apenas sentada, não incomodava. Realmente era lindamente serena, uma vez que ela parou para apenas olhar.

—Cassandra!

Cassandra piscou. —Ótimo, agora estou com alucinações. Pelo menos é a voz de Iason e não as olímpicas.

—Cassandra?

—Iason? —Ela se empurrou para cima, nadando sem pensar em sua exaustão.

—Iason, onde está você? Eu te escuto!

Ao passar pelas bordas rochosas, viu a cúpula emaranhada com peixes em forma de estrela. Ela hesitou, não tinha certeza se era seguro chegar muito perto. Pontos de luz se refletiam em seu corpo e avistavam o oceano atrás dela.

—Cassandra, estou aqui. Eu não posso te ver. —Ele parecia estar em pânico, mas perto.

—Onde? —Ela trabalhou os braços em círculos, verificando o que a rodeava.

—Você está no oceano? Você encontrou a saída através da caverna das olímpicas? Estou tão feliz em ouvir sua voz. Odeio estar sozinha aqui fora. Onde você está?

—Na cúpula. —Sua voz estava triste.

Cassandra se virou, os cabelos flutuando em uma nuvem vermelha ao redor dela enquanto olhava para a cúpula. O brilhante peixe estelar se espalhou brevemente e se instalou.

—Venha para a cúpula. —Disse Iason. —Eles não vão te machucar.

Cassandra obedeceu, olhando o peixe cautelosamente enquanto nadava para frente. Uma mão passou pelo outro lado, e ela vislumbrou olhos esmeraldas. Estendeu a mão e apertou a mão no vidro. Iason a encontrou, pressionando sua mão na dela, do outro lado. Embora não pudessem tocar, ela sentiu seu calor, sentiu-o ali.

Com os olhos arregalados, ela sacudiu a cauda, empurrando para frente. O peixe estrela se espalhou, revelando seu belo rosto. Seu coração saltou em seu peito, como a primeira vez que ela o viu, parado junto à lagoa, prestes a mergulhar sob as ondas. O brilhante verde de seus olhos brilhou enquanto ele examinava seu rosto. Ela foi para mais perto da cúpula, sua cauda derivava para baixo de modo que seu corpo estava paralelo ao dele.

A luz das estrelas do mar dançava sobre ele, quase como luzes suaves sobre as dobras musculosas de seu corpo. Seu peito estava nu, seus cabelos loiros estavam emaranhados e selvagens. Ele era perfeito. Uma única tira de material cobria sua cintura, amarrada ao acaso como se tivesse se vestido apressadamente. Lembrando quando ela correu para longe dele, ela olhou para longe.

—*Cassandra?* —O som estava hesitante.

Ela voltou-se para ele mais uma vez, tentando pensar no que dizer. Tanta coisa acontecera em tão pouco tempo. Seu coração vibrou nervosamente, enquanto seus olhos a percorriam.

—*Você está linda.* —Disse, com a mão ainda apertada contra a dela.

Iason olhou para sua esposa, seu cabelo vermelho flutuando em torno dela como grama do mar. O alívio o atravessou, tornando difícil pensar além de sua beleza. Ela não se moveu, não falou enquanto olhava para ele. Seus olhos brilhavam mais do que antes, o verde brilhante como a luz refletida da estrela do mar. Ele tinha visto muitas sereias e ninguém nunca tinha parecido tão adorável como ela agora. Sua mão permaneceu na dele, e ele viu sua barbatana verde ao longo de seu antebraço, pequena e delicada. Havia mais fios brancos presentes do que verdes dentro do padrão da concha. Seus lábios curvados não se separaram, mas as pequenas brânquias em seu pescoço voavam rapidamente. Ela estava nervosa e ainda tinha que controlar sua respiração na água.

Baixando o queixo, ela se aproximou mais, seu rosto quase pressionando a cúpula enquanto levantava sua outra mão para descansar contra ela. Seu cabelo flutuava ao redor de seus ombros, revelando seus peitos nus. Seus olhos se moveram para eles e ele engoliu o desejo líquido que sentia surgir em suas veias. Ela estava tão perto, ele queria tocá-la, mas não havia como quebrar a barreira, não se ele não quisesse romper e inundar seu mundo.

Sua cintura estreita côncava descia em uma cauda longa, verde e branca. A barbatana da cauda ao longo do fundo era mais comprida que a dele, a seda molhada

dela derivando para os lados. Ele pressionou sua mão livre no topo, tocando as dela. Escamas verdes prateadas acentuavam seus olhos enquanto ela olhava de novo. Ela parecia tão triste.

—*Cassandra? Você está ferida?* —Ele perguntou longamente quando ela não falou.

Ela negou com a cabeça.

—*Você...* —Ele fechou os olhos, pressionando a testa na cúpula perto da dela. Ela desceu para ficar mais ao nível dos olhos. —*Ainda está com raiva de mim?*

Novamente, ela negou com a cabeça.

—*Você vai falar comigo?* —Seu nariz roçava ao longo do dela, incapaz de sentir mais do que seu calor.

—*Eu estava com medo.* —Ela disse, seus olhos arregalados.

—*Eu sei. Eu sinto muito. Eu não sabia que as olímpicas tinham se aventurado na floresta. Elas não tinham saído por tanto tempo. E nós não sabíamos que tinham um caminho para a água ou então teríamos bloqueado. Eu sei que você estava com medo. Eu deveria ter estado lá por você. Eu deveria ter te protegido. É meu dever mantê-la a salvo, e eu falhei com você.*

—*Não, não.* —Ela balançou a cabeça negando. —*Eu nunca deveria ter fugido. Fiquei assustada quando você disse que eu era sua esposa. Eu vi que você se importava comigo, porque um homem como você nunca ficaria com uma esposa que não lhe importasse.*

—*E você não se importava comigo?* —A dor ondulou sobre ele e suas mãos caíram.

—*Eu me importo demais.*

Ele jurou que ouviu lágrimas em sua voz. —*Eu não entendo. Então, por que fugiu?*

—*A última coisa que eu queria era te machucar, Iason. Você me deu tanto, mais do que qualquer outra pessoa na minha vida já fez.*

—Então você fugiu? É assim que você não me machuca? Fugindo?

—Estou morrendo, Iason. Eu fugi porque estou morrendo, e não há cura para o que eu tenho. —**Sua cabeça se moveu para frente e para trás, como se esmagando sua testa na cúpula. Ele viu a mancha branca onde sua carne pressionava com força.** —Talvez eu ainda esteja morrendo. Sinceramente, não sei. Os médicos na superfície chamam de câncer. Eu já sobrevivi a todas as suas expectativas, mas está me levando. Na noite em que você me salvou do naufrágio, eu me preparei para morrer. Eu mal podia me mover. A dor era demais e eu estava pronta para deixar ir. Mas então eu acordei e eu não estava morta e embora eu ainda sentisse dor, senti algo mais, um desejo de viver não importando o sofrimento. Eu senti você, Iason. Eu senti seu amor por mim. É por isso que eu nunca deixei você dizer isso. Eu não queria fazer você me amar só para me perder. Eu me importo muito com você. Eu te amo muito.

—Você não me fez amar você, Cassandra. Eu te amei livremente. Nada pode mudar isso. Os deuses a entregaram a mim.

—Só para me levar embora? —**De novo, desviou o olhar e sentiu-a angustiada.** —Não posso fazer isso com você. Eu não quero te machucar. Estou com medo, Iason. Eu nunca quis tanto viver. Eu nunca tive tantas razões para lutar. Se eu não puder... Se eu não...

—Os Merr não sofrem de doenças humanas. Você não vai morrer. Não desse jeito. —**Iason sorriu. Ela o amava.** —É por isso que Althea, a curandeira, me pediu para levá-la ao campo para que eu pudesse curá-la sem que ninguém soubesse. Ela sentiu a medicina humana em você, sentiu sua dor. Arrisquei tudo, minha vida, minha reputação, meu status de Caçador, tudo por você. Até apostei o meu futuro dando-lhe tanto de mim. Quando eu te fiz minha esposa sem pedir permissão expressa, eu quebrei nossas leis. Fiz isso para te salvar, pois sem você estaria perdido, não seria nada. Eu amei você no segundo em que você me beijou, enquanto eu te salvava. Eu tinha que te salvar. Por que você acha que você viveu mais tempo do que eles disseram que você viveria? Os deuses estavam trazendo você para mim. Você teria ido para o oceano de outra forma? Você teria me aceitado? Isto foi ordenado, Cassandra.

—Você salvou uma estranha.

—Não, eu salvei a minha companheira, dona do meu coração.

—Você não quebrou leis, meu amor. —Sussurrou. —Seu coração perguntou ao meu e disse sim. Milhões de vezes sim!

—Quero abraçá-la. —Suspirou, passando as mãos pela imagem.

—Não é seguro no oceano. Você precisa nadar em direção ao palácio.

—Tenho tentado. —Cassandra pressionou os lábios contra a cúpula, com as pálpebras caídas sobre os olhos. —Eu quero estar com você.

—Eu quero você aqui. —Iason inclinou-se para frente para beijá-la através da barreira.

—E quero um lenço. —Disse uma voz zombando. —Para enxugar minhas lágrimas felizes.

Cassandra ficou rígida, virando-se.

—O quê? —perguntou Iason. —Quem é essa?

—Maia. —Sussurrou Cassandra.

—Maia! —grunhiu Iason. —Cassandra, nade! Não deixe que ela te pegue!

—Muito tarde, amante, já a vejo. —Riu Maia. —Sua linda e pequena esposa é minha. Quando eu a soltar, ela nem se lembrará do seu nome.

—Cassandra! —Gritou Iason. —Nade!

—Cassandra. —Uma voz zombadora, diferente de Maia.

—Oh, Cassandra, fuja das sereias malvadas! —Outra gritou fingido horror. Um riso de cacarejo seguiu-o.

—Nade, Cassandra!

—Depressa!

—Oh, pobre Caçador, vai perder a mulher para um bando de sereias perversas e malvadas!

As provocações continuaram. Cassandra retrocedeu, quando se afastou do som. Seus dedos deslizaram pela cúpula, e ela se lançou desesperadamente para ele, implorando a Poseidon para deixar a barreira aberta tempo suficiente para deixá-la sem ferimentos.

—Junia, Lotis, agarrem-na! —Ordenou Maia.

—Iason? —Cassandra disse fracamente. Seus grandes olhos verdes se encontraram com os dele por um breve instante.

Um borrão de movimento espalhou as estrelas do mar. Ele gritou, batendo a cúpula quando ela viu barbatanas vermelhas. A sereia bateu em Cassandra na cintura, jogando-a para longe de sua vista.

—Não! —Iason correu ao longo da cúpula, tentando espalhar as estrelas do mar para que ele pudesse ver. Elas dissiparam um pouco com a comoção do outro lado e ele se concentrou em olhar para a água. Sem estar nela, era muito difícil ver as profundezas. —Cassandra? Fale comigo! Cassandra!

Desesperado para ajudá-la quando ela não respondeu, ele tentou invocar a lula gigante, esperando que ainda estivesse na água. Se não, talvez mantivesse as Olímpicas ocupadas para que Cassandra pudesse escapar. Maia defenderia a prisioneira apenas porque agradaria sua vaidade possuir Cassandra quando um caçador Merr a queria. Fechando os olhos, concentrou-se no mar. —Vamos, onde você está? Vamos...

Cassandra lutou contra Lotis, mas não foi muito bem. A sereia era forte e tinha mais controle sobre os movimentos de seu corpo. Ouviu Iason gritar por ela, mas não conseguiu se concentrar o suficiente para responder. Sempre que tentava, Junia a batia com a cauda. Flashes de vermelho apareceram na luz manchada de estrelas de mar quando ela quase se libertou do aperto de Lotis. As risadas cruéis das sereias obscureceram sua cabeça e os gritos de Iason pararam.

—Deixe-me ir! —Ordenou Cassandra, apenas para receber uma risada de cacarejo em resposta. Um peito nu se aproximou de seu rosto e ela fez uma careta, lutando para ficar livre. Uma cauda a golpeou com força em seu lado.

—Electra, ajude-as! A mantenha quieta. Amarre seus braços para que possamos arrastá-la de volta para Olym^pia. —Maia exigiu. O cabelo castanho rodeava o rosto de Cassandra, enquanto Electra passava por elas com a corda. Alguém agarrou suas mãos e o mar tornou-se agitado com um movimento. —Apreste-se. Sinto uma lula vindo rápido para nós.

—Cassandra? —Iason gritou. —Tente se esconder. Algo grande está chegando!

De repente, uma raia negra e escura passou rapidamente. Cassandra piscou, pensando que era sua imaginação ou outra sereia viria ajudá-la a amarrá-la.

—O que foi...? —Lotis começou a gritar.

—Quem...? —O grito de Electra juntou-se ao da amiga. A barbatana negra disparou de novo, e uma ferida vermelha apareceu de repente no braço das sereias. —Ah! Isso me cortou!

—Caçadores! —Gritou alguém. Parecia a Rainha Olímpica, mas Cassandra não podia ter certeza com medo de contaminar as palavras da mulher.

—Cassandra? —Iason chamou.

—Nós a temos. —Respondeu um homem. —Vá para o palácio, Iason. Encontramo-nos lá!

—Maia! —Uma voz masculina rosnou tão alto que o cérebro de Cassandra vibrou com o som irritado. —Como você saiu, sua traíçoeira bruxa do mar?

—Solon? —Gritou Maia, só para ordenar. —Lotis, a agarre. Vamos. Podemos nadar.

Uma enxurrada de movimento de combate a rodeou enquanto os tritões saíam da escuridão, as barbatanas se inclinaram para lutar enquanto tomavam as sereias. Golpearam sem misericórdia, e ficou claro que não havia nenhum sentimento terno sobre as fêmeas serem o sexo mais fraco. Embora na verdade, elas

não tivessem muita chance contra os caçadores masculinos, maiores e mais fortes. A cauda negra balançou, golpeando Electra e enviando-a girando para trás, cabeça sobre cauda, através da água. Lotis puxou o braço de Cassandra, cravando as unhas com força, como para ancorá-la.

Cassandra se arremessou na água e socou Lotis no nariz o mais forte que pôde. Sua carne fez contato forte, e o sangue nublou a água. Lotis choramingou, e Cassandra retirou a mão para fazê-lo novamente. Dessa vez, seu punho deslizou pela face da mulher.

—Temos uma lutadora! —Gritou uma voz masculina.

—Iason escolheu bem. —Respondeu outro. Lotis se afastou.

—Covarde! —Cassandra gritou atrás dela.

—Ow. —Um dos caras jurou em seu grito.

—Devagar. —Acrescentou outro.

—Isso não acabou! —Lotis gritou, embora ela tivesse desaparecido na distância escura.

—Vejo que te resgatamos bem a tempo. —Disse um terceiro homem.

Cassandra se virou na água ao comentário. Parando quando sua visão focalizou o tritão preto. Agora que ele pairava suavemente diante dela, ela o viu claramente. Ela automaticamente recuou. Ela pensou que Iason era grande, mas este homem era enorme. Sua boca funcionou antes de fechá-la percebendo que ela não seria capaz de falar dessa forma.

—Cassandra? Solon, ela está ferida? Eu não posso ouvi-la. —A preocupação surgia na voz de Iason.

—Ela está bem, meu amigo. Agora corra para o palácio, vamos encontrá-lo lá!

—Uma lula está indo em sua direção, é melhor vocês se apressarem. — Respondeu Iason.

—Brutus cuidará disso. —Disse Solon. —O esporte vai agradar a ele.

—Cassandra, vou te ver no palácio. Vá com eles. Eles a protegerão com suas vidas. —Acrescentou Iason, soando um pouco mais longe. —Eu te amo.

Ela queria responder, mas o tritão grande a deixou nervosa e ela se sentiu muito fraca. A exaustão infiltrou-se em suas barbatanas.

—Demon, cuidado, você está a assustando. —Outro tritão preto apareceu perto de Demon. Eles eram idênticos em todos os aspectos, desde seus longos cabelos pretos até seus olhos escuros. Até mesmo suas barbatanas eram da mesma cor preta prateada. Cada mudança sutil os fazia quase invisíveis na água. —Eu consegui distrair a lula chamando alguma água-viva. Embora, nós devêssemos ir no caso de eles tentarem migrar para essa direção.

—Acho que vocês dois a estão assustando. —Disse outro. Suas barbatanas eram de cor verde-dourada e ele era mais do tamanho de Iason. Ela inconscientemente avançou mais para ele, mas ainda não chegou muito perto.

—Sou Solon, um dos Caçadores. Este é Demon e seu irmão Brutus, os guerreiros. Mas também são caçadores.

—Ca... Cass. —Cassandra não conseguiu, sentindo-se tonta. Seus braços ardiam, e ela olhou para baixo, surpresa ao descobrir que tinha sido cortada no interior de seu antebraço.

—Ela está machucada. —Demon se lançou para frente, capturando-a. Sua mão envolveu seu membro ferido, como um curativo vivo. —Muito.

Cassandra sentiu seu corpo sendo puxado com grande velocidade através da água, quando o tritão segurou seu braço para estancar o sangramento. Sua cabeça bateu contra o ombro de Demon. Fracamente, ela disse: —Você é um tritão realmente grande.

A risada de Brutus soou quando sua visão apagou. Seu braço ferido pulsava, e ela deixou a escuridão levá-la, muito cansada para fazer qualquer outra coisa.

Capítulo Dez

—Pudim de caramelo! —Cassandra sentou-se, batendo os lábios enquanto tentava gritar sua ordem no barulho do jantar. Respirando fundo, ela olhou ao redor. Ela não estava em um jantar cheio de pessoas.

Ela estava em um quarto em uma cama baixa, ao lado de outra cama. A luz veio de cima, brilhando através de buracos decorativos esculpidos no teto. As paredes eram lisas, quase argila como na textura. Belos desenhos foram pintados diretamente sobre eles. Havia uma pequena mesa circular no canto com um vaso de cerâmica. Também era pintado. Uma pequena mesa de pedra estava no canto. Pergaminhos enrolados estavam em lugares ao longo da parede, em cubículos no formato de diamante.

—Esta é a segunda vez que você está sob meus cuidados, minha senhora.

Cassandra piscou. Uma mulher bonita entrou. Ela tinha olhos gentis, o tipo de olhos que lembravam sua avó. Elas tinham a mesma idade, a calma suave. Embora, esta mulher parecia mais jovem e era mais magra do que sua avó tinha sido. Um material fino e drapeado pendiam ao redor de seu corpo, colorindo o verde azulado do oceano. Dois pinos mantinham a roupa nos ombros, deixando os braços nus. Seus cabelos castanhos estavam puxados para trás de seu rosto, presos em uma bobina intrincada ao redor da coroa.

—Segunda? —Cassandra perguntou.

—Quando você veio pela primeira vez, os caçadores trouxeram você para mim.

—Você é a curandeira. Althea. —Cassandra lembrou-se de cada palavra de sua conversa com Iason. Ela olhou atrás da mulher, sabendo antes que ela olhasse que Iason não estava atrás dela.

—Sou, e você está em minha casa. —A mulher pareceu surpresa. —Você se lembra de mim? Você estava muito doente na primeira vez que veio aqui e muito ferida nesta segunda vez.

—Lembro-me de um sentimento principalmente. Isso me lembrou de minha avó cuidando de mim quando eu estava doente ou quando ela veio para mim depois de sua morte em meus sonhos. —Cassandra balançou os pés sobre o lado da cama. Ela estava vestida com uma longa túnica branca de lã. O vestido sem forma cobria seus braços, o material solto alcançando do ombro aos pés. Era quente e seguro.

—Sinto-me honrada por estar com tal memória, minha senhora. —Althea sorriu gentilmente. —Você pode receber visitantes...?

—Sim. —Cassandra apressou-se. —Por favor, o mande entrar.

—Ele? —Althea riu. —Não, me desculpe. Iason ainda não chegou. Falo de lady Bridget.

—Bridget? —Cassandra piscou surpresa. —Sim, claro. Vai ser agradável ver um rosto familiar.

Embora, para ser honesta, Bridget não era realmente uma velha amiga. Na verdade, ela sempre teve a impressão de que a mulher não gostava dela quando estavam no barco CCE. As poucas vezes em que haviam falado uma com a outra, estavam tensas. Claro que, como ela não sabia o que estava fazendo no que diz respeito ao trabalho científico, não foi surpresa que Cassandra não tivesse feito tantos amigos. Ficou triste quando pensou em Ned Devenpeck e os outros se afogando no mar.

—Althea disse que estava tudo bem se eu... —Bridget fez uma pausa. —Você está bem? Você precisa que eu chame a curandeira?

Bridget fez um movimento para ir. Cassandra balançou a cabeça rapidamente. —Não, obrigada, estou bem. Quando a curandeira mencionou seu nome, eu não pude deixar de pensar... —Ela deu de ombros, incapaz de dizer seus nomes. —... Sobre os outros.

Bridget assentiu com a cabeça. —Eu entendo. Eu gosto de pensar neles como seguros, tendo sido resgatado por um navio que passava por ali. Não é muito lógico, mas me faz sentir melhor.

—Bridget? —Alguém sussurrou. —Está tudo bem?

Bridget olhou para a porta e riu suavemente. —Cassie, este é Aidan Douglass.

Um homem se inclinou para a porta, sorrindo. Cabelos castanhos curtos estavam alisados em sua cabeça. Tinha bons olhos castanhos e uma expressão ansiosa. —Estava esperando para conhecê-la, Lady Cassie.

Cassandra sorriu. —Eu?

—Aidan é um sobrevivente do naufrágio, como nós. —Disse Bridget.

—Bem, não exatamente como você. Eu estive aqui um pouco mais. Nasci em 1893 em Providence no sul da Escócia. —O homem tinha um leve traço de sotaque escocês. —Eu era um estudioso histórico no meu caminho para a África para explorar as grandes pirâmides. Eu esperava descobrir um tesouro enterrado. O barco em que eu estava, a *Bella Donna*, foi atacado e afundado. Como não havia mulheres a bordo, fui salvo e trazido.

—Aidan é um pouco sensível sobre toda a política de "resgatar as damas primeiro". —Disse Bridget.

—E Bridget a recupera quando eu menciono o quanto as fêmeas eram mais delicadas no meu tempo. —Disse Aidan.

—Você é como uma cômoda descuidada. —Disse Bridget, fazendo com que o homem olhasse para baixo por cima de sua calça de lã solta e camisa de lã mais curta.

—E você está amaldiçoada com um raciocínio dedutivo hiperativo. —Aidan respondeu.

—Eu não sou realmente uma cientista. —Cassandra ofereceu, interrompendo sua brincadeira.

A boca de Bridget se abriu quando ela se virou para olhar para Cassandra. Apontando, deu um pequeno salto. —Eu sabia!

—Estou tão feliz em ouvir isso. Bridget era inútil quando se trata de informação social. —O rosto de Aidan ficou animado de excitação. —Ela é maravilhosa para abordagens científicas e avanços tecnológicos, mas, bem...

—Basta perguntar. —Bridget revirou os olhos.

—Mal posso esperar para saber como o mundo mudou nos últimos cem anos.
—Disse Aidan. —Eu queria saber se você se importaria de vir para a sala de artefatos para discutir o que você sabe sobre... —Ele apontou para o teto. —Lá em cima.

—Claro. —Disse Cassandra. —Embora, eu não estou certa de como serei útil. Saí da faculdade cedo.

—Eu sabia. —Disse Bridget. Então, como se estivesse percebendo como ela parecia rude, ela acrescentou: —Eu não queria dizer que você estava... Quero dizer, eu... Eu realmente quero que sejamos amigas. Você pode simplesmente esquecer qualquer coisa que saia da minha boca que pareça rude ou arrogante?

—Claro. —Cassandra riu. —Na verdade, é bom ser honesta por não ser uma cientista. Odeio a ciência. Eu estava mais interessada nas artes.

Aidan riu. —É exatamente por isso que eu gostaria de suas opiniões sobre o mundo superficial.

—Ele gostaria que você ajudasse a catalogar conhecimento, história, artefatos recuperados, filmes modernos, histórias, tudo o que você possa se lembrar. Basicamente, você dita, ele escreve, e emitem um boletim de notícias à superfície para todos. —Bridget sorriu. —Temos que viver no palácio e somos tratadas como princesas em troca de lembrar coisas.

—Sim, por favor. —Disse Aidan.

Bridget deu uma risadinha. —Quando eu cheguei pela primeira vez, eu tive que explicar as fotos faladas para ele.

—Fotos faladas? —Cassandra balançou a cabeça, sem entender.

—Filmes. —Disse Bridget. —E ele estava mais preocupado em saber se nós, os americanos, tivemos nosso licor de volta depois da Proibição.

—Você deve ter um monte de perguntas. —Aidan disse, seu tom apressado quando ele mudou de assunto. —Eu ficarei feliz em respondê-las para você.

—Devemos ir... —Bridget fez sinal para a porta. —Seria mais confortável.

Cassandra seguiu os dois para o outro quarto. A curandeira se foi. Sua casa era uma grande área de estar quadrada com sofás baixos. Havia algumas portas fechadas, e uma porta frisada aberta que conduzia a um corredor, dominando a

maioria das paredes. Althea não parecia se preocupar muito com decoração. Havia pinturas nas paredes e o mínimo de móveis. Os sofás baixos parecidos com bancos não tinham encostos. Seus assentos de lã eram de intrincados tecidos e muito bonitos. Os pisos estavam nus, varridos.

—Não tenho certeza do que lhe disseram. —Começou Aidan, sem sentar-se.
—Mas este mundo é, era, a antiga civilização dos Atlantes.

—Eu sei. —Disse Cassandra.

—Oh. —Aidan assentiu. —E como todas as grandes civilizações, eles se tornaram arrogantes com poder. Eles governaram grande parte da terra e seu vasto império governou grande parte da Grécia, Itália, Egito...

—Eu sei. —Cassandra disse novamente. —Iason me disse.

—Ele disse? —Aidan quase parecia decepcionado.

—Acredito que ele pratica seus discursos. —Explicou Bridget.

—Então suponho que ele lhe contou sobre a maldição e como nenhum de nós pode voltar a pisar no solo mortal? —Aidan suspirou, como se decepcionado.

Cassandra negou com a cabeça. —Nunca?

Aidan se animou instantaneamente. —Poseidon amaldiçoou Atlantes por sua vaidade e amor próprio. Ele concedeu-lhes a imortalidade, condenando-os sempre a caminhar em seu paraíso terreno e em nenhum outro lugar. Esta terra... —Enquanto ele falava, Bridget veio ligeiramente atrás dele, a boca movendo-se para imitar suas palavras. —... Mergulhou na água, prendendo-os para que nunca pudessem pisar no solo mortal novamente. Aqui eles permaneceram no fundo do oceano, sua terra, vagando sem rumo com as correntes. E agora...

—Somos uma parte dela, nunca conseguiremos sair. —Concluiu Bridget para ele.

Ele sorriu, obviamente desfrutando da disputa acadêmica. —Ou, indecentemente, respirar o ar mortal. É uma das poucas coisas que nos matam.

Cassandra sentou-se no sofá baixo. Ela olhou para as mãos dela, ainda se sentindo fraca.

—Nós entendemos o quão esmagador isso pode ser. —Disse Aidan.

—Tenho certeza que você tem muitas perguntas, e eu ficarei feliz em responder a qualquer uma delas.

—Tenho uma. —Disse Cassandra, olhando para os dois rostos expectantes.

—Sim? —Eles disseram em uníssono.

—Onde está meu marido? —Cassandra perguntou. —Eu realmente quero vê-lo.

Iason estava sem fôlego, mas não parou de correr quando entrou na cidade de Atlas. Seu corpo estava exausto e, embora ele se sentisse aliviado por saber que seus amigos haviam encontrado Cassandra, não se sentiria melhor até que ele a abraçasse mais uma vez. Emoções caíam sobre ele como uma onda da maré, fazendo ele se sentir mais do que ele tinha se sentido em muitos anos. Ele estava exaltado para se casar com ela, aterrorizado com a ideia de perdê-la, mistificado com a ideia de que ela poderia cuidar dele, que ela poderia amá-lo.

A ideia de seu amor o fez correr mais rápido, subindo a pequena colina até o palácio, mesmo quando o suor parecia derramar em seu corpo. Sendo um caçador, ele tinha resistência e agora sua resistência foi empurrada ao limite. Seu coração batia forte e pesado em seu peito, trovejando violentamente em seus ouvidos, abafando os cumprimentos daqueles por quem passava. Iason tinha certeza de que iriam julgá-lo como rude, mas ele não podia se preocupar com os pensamentos de seu colega Merr. Agora não. Não até que ele tivesse Cassandra segura em seus braços mais uma vez.

Não deixou de pensar sobre o quanto sua vida tinha mudado desde aquela caçada quando ele a salvou. Antes, ele tinha estado à deriva ao longo de séculos, sua vida um oceano sem fim. Sim, esse oceano mudou, criaturas diferentes, correntes diferentes, e ainda assim sempre foi o mesmo. E então Cassandra caiu na água, enviando uma ondulação sobre ele, vibrando em seu próprio ser até que ele estava pronto para arriscar tudo por ela. A vida que ele tinha construído como um caçador.

Mas o que era aquela vida sem Cassandra? Sua Cassandra. A esposa dele.

—Lorde Iason!

Esta era uma voz que não podia ignorar, e amaldiçoou interiormente a porta do palácio. Inclinando a cabeça, disse um pouco sem fôlego:

—Rei Lucius.

O rei sorriu, olhando o caçador com um sorrisinho no rosto. Ele tinha olhos azuis brilhantes e cabelos castanhos claros que eram mais compridos do que a maioria quando caía em seu meio nas costas. —Vejo que os rumores são verdadeiros. O segundo dos três foi escolhido.

Iason não conseguiu evitar o modo como o canto da boca dele se erguia.

—Sim, meu rei, ela me tem. Agora, se me desculpar, eu gostaria...

—Suponho que essa sorte de caça não vai durar e posso esperar que você derrube mais mulheres, mulheres que sejam livres para escolher além dos caçadores que as salvaram. —Os olhos do rei estavam tristes e Iason percebeu que o homem tinha esperado, como todos esperavam secretamente, que um dia os deuses os escolhessem, os abençoaria com amor, com uma esposa, com uma família.

—Isso significa que eu tenho a sua bênção?

—Ela concorda? —Perguntou o rei.

Iason acenou com a cabeça.

—Assim seja. —O rei assentiu. —Você é casado. Vou anunciá-lo hoje à noite no salão de jantares. Por favor, venha, se a sua noiva estiver bem. Mas, não se surpreenda se houver muitos olhares ciumentos.

—E o terceiro? Rigel? Ela o escolheu? —Iason perguntou.

O rei fez uma careta. —Lady Lyra do Explorador? Não, eu não a desejaria para ninguém. Estou feliz que ela seja a carga de Rigel e não a minha. Confie em mim quando eu lhe digo, você e Caderyn receberam os bons despojos do barco.

—Há um problema com a lady? —Iason piscou de surpresa.

—Ela nos culpa por matar sua família e se recusa a ouvir que foi a scylla que atacou seu barco. Por algum tempo ela não falou nada e recusou comida. Agora,

quando ela fala, é para gritar com Rigel. Eu os mandei para o norte, longe do palácio para viverem em sua miséria.

—Pobre Rigel. —Iason franziu o cenho, torcendo nervosamente enquanto esperava o momento em que pudesse deixar o rei e encontrar sua esposa.

—Sim, pobre mesmo. —O rei riu. —O mandei com ela.

—Meu rei, eu realmente preciso... —Iason olhou para o corredor. Na verdade, ele não sabia ao certo onde estava Cassandra, só que ele precisava encontrá-la. —Por favor.

—Sim, Lorde Iason, eu te segurei por tempo suficiente. Ela está bem e os curandeiros, sem dúvida, esperam tão ansiosamente por você.

Iason acenou com a cabeça e correu antes de se despedir devidamente.

Atrás dele, o rei gritou. —Eu gostaria muito se você pudesse se juntar a nós no banquete. Estamos ansiosos para conhecer lady Cassandra.

Iason ergueu a mão, mas não quebrou o passo. Ele podia senti-la agora. Ela estava perto.

—Cassandra. —Ele pensou, vendo a porta cheia de contas na casa da curandeira.

—Iason? —Veio à resposta ansiosa. —Iason, onde você está?

—Aqui. —Disse ele, empurrando as portas para entrar na casa de Althea. E então ele a viu. Todos os pensamentos escorregaram de sua mente quando ele olhou em seus olhos verdes. Havia coisas que ele planejava dizer, mas em vez disso ele se viu levantando as mãos para cobrir seu rosto enquanto ela se jogava em seus braços. Seus lábios se encontraram com os dele e prontos para aceitar seu beijo profundo. Através da neblina ele ouviu riso, mas isso não o impediu enquanto deslizava sua língua sobre a borda de sua boca.

—Humm, Iason. —Ela gemeu através da ligação mental. Ela cheirava doce, como as flores do mar que floresceram na entrada de água da caverna. —Eu não posso acreditar que você está finalmente aqui.

—Corri o mais rápido que pude. Desculpe-me, eu não estava na água com você. Eu...

—Não, shh. Está tudo bem. Você está aqui agora e eu quero estar com você. Eu quero você... —Suas mãos agarraram seu pescoço, segurando-o para ela quando seu corpo macio apertou o dele. —Eles estão nos observando.

—Quem?

—Eles. —Cassandra disse, recuando com uma risadinha. Ela olhou por cima do ombro para onde Bridget e Aidan estavam de pé, sorrindo como bobos.

—Não ligue para nós. —Riu Bridget.

—Leve-me para algum lugar. —Cassandra disse apenas para ele. —Qualquer lugar. Eu quero você. Preciso sentir você, saber que... Por favor, Iason, leve-me para um lugar onde possamos ficar sozinhos.

—E ensiná-la a controlar sua mente. —Disse Bridget. —Nós podemos todos ouvir o gemido. —De repente, ela parou e olhou para o lado, alcançando a sua têmpora quando ela acenou lentamente para si mesma. —Ah, Caderyn está me procurando. Aparentemente, tenho que me preparar para um banquete de celebração esta noite em honra ao mais novo casamento. —Bridget piscou, e Iason sabia que Caderyn estava se comunicando com ela de outra parte do palácio. —Ligações mentais, você tem que amá-la, a menos que você esteja tentando se esconder de seu marido, é claro. Quando estiver pronta, vou ensinar você a bloquear Iason dos pensamentos que você não quer que ele ouça.

—Mas... —Iason começou a protestar, sem deixar sua esposa ir. Ele a segurou com mais força. Uma onda de proteção recobrou-o novamente. Ela era tão macia. Ele queria tirar o vestido de seu corpo, queria sentir sua carne sobre a dele.

—Ah, eu sei o que você vai dizer. O que ela poderia não querer que você saiba? Mas, confie em mim, alguns pensamentos são privados. De que outra forma poderíamos surpreendê-lo se você sempre souber o que estamos fazendo?

—Mas... —Iason começou de novo.

—Oh, Cassie. —Bridget bateu no braço de Cassandra enquanto ela passava. —Vou deixar você explicar isso a ele.

—Cassie? —Iason perguntou, não deixando ela ir. Aidan seguiu Bridget pela sala.

Cassandra sorriu. O peito liso e sem pelos de Iason estava nu, assim como seus pés sujos. Apenas o pano ao redor da cintura, pendurado até os joelhos, cobria seu corpo de ser visto. Ela manteve seu corpo no dele, sentindo o calor através do vestido de lã que usava. Olhando para seu rosto, estremeceu de excitação. Adorava seus traços firmes, suas maçãs do rosto altas e sua linha de mandíbula orgulhosa e forte. Seus olhos verdes e profundos a penetravam. Tocando em seu rosto, ela passou seus dedos em seu cabelo. —É assim que me chamam.

—Cassie. —Ele disse, balançando a cabeça lentamente enquanto tentava o nome.

—Eu gosto quando você me chama de Cassandra. Eu gosto do jeito que parece. —Cassandra suspirou, não querendo deixá-lo ir.

—Sobre esses segredos. —Começou ele, olhando para o caminho que Bridget tinha saído. —Não quero que haja nenhum entre nós.

Cassandra deu uma risadinha. —Eu acho que ela estava falando sobre surpresas. —Em seu olhar, ela acrescentou significativamente. —Surpresas agradáveis.

—Oh. —Ele sorriu.

—Sim. —Cassandra assentiu. Umidade umedeceu seu sexo com uma torrente de creme. —Oh.

Iason olhou para baixo entre eles, como se pudesse sentir seu desejo. Seu olhar se deteve em seus seios. Cada parte dela respondia a ele, e ela não se importava que ele soubesse. Ela nunca tinha conhecido alguém como ele antes. Era como se cada batida de seu coração carregasse seu nome e quando olhava profundamente em seus olhos sabia que era o mesmo para ele.

Cassandra riu, mantendo os braços em volta do pescoço forte. Seus cabelos presos em sua cabeça, testemunhando a sua corrida para chegar até ela.

—Você não disse que tinha uma casa aqui no palácio?

Em vez de responder, ele a beijou novamente. Seu braço foi para debaixo de suas pernas, erguendo-a facilmente. Músculos fortes se arqueavam contra ela, ondulando enquanto ele se movia. Ele a levou para o corredor, seus lábios ainda se agarrando aos dela. Cassandra gemeu, chutando os pés levemente no ar. Por pequenos graus, ele aprofundou a carícia, deixando sua língua deslizar sobre a abertura de seus lábios. Seus dedos do pé enrolaram em antecipação, incitando-o a andar mais rapidamente, para obter a privacidade.

Cassandra sugou seu lábio inferior antes de recuar quando o som de vozes chamou sua atenção. Eles tinham chegado a uma porta alta e arqueada. Homens vestidos como ela tinha visto Iason em várias ocasiões, estavam de pé, seus olhos estudando-os. Um homem usava calça como Aidan, embora não parecesse ser o estilo mais popular. Ao lado deles, várias mulheres tagarelavam animadamente, olhando em sua direção e rindo. Algumas mulheres usavam longos vestidos românticos e bobinas douradas sobre suas cabeças. Outros olhavam para sua vestimenta como mais do que uma antiga influência egípcia, completada com kohl⁵ escuro alinhando seus olhos.

Cassandra enterrou a cabeça no ombro de Iason. Ela o sentiu acenar um par de vezes, mas não falou.

Depois de vários passos, ele disse: —Estamos sozinhos agora. Você pode olhar. Eles não vão nos seguir.

Cassandra olhou para cima. Estavam num corredor com várias portas. Ela gemeu levemente, passando as mãos pelo cabelo dele, virando a cabeça para que ela pudesse beijar seu pescoço, reiniciando onde ela tinha parado antes de ver as pessoas.

—Esta é a ala dos caçadores do palácio. —Disse Iason. Ele a colocou no chão para poder abrir a porta para ela. —Esta é a nossa casa.

Cassandra entrou primeiro, notando como Iason estava quase nervoso enquanto esperava pela sua aprovação. Ele fechou a porta atrás deles. Olhando ao redor, ela notou que era menor do que a propriedade rural, mas muito bonita. Antigos vasos e urnas foram definidos em mesas baixas. Eles pareciam ser de bronze

⁵ Marca de lápis de olho

manchado. Baixos sofás bronzeados com finas linhas azuis tecidas em suas almofadas dominavam a maior parte da sala. Elas pareciam espessas e convidativas.

—É perfeito. —Ela se virou para ele. —Isto é perfeito. Você é perfeito. —Cassandra bateu um dedo contra seu peito. —Que tal um banho?

—Há um chuveiro de água doce. —Ele ofereceu, fazendo gestos atrás dela mesmo enquanto seguia seu gesto acenando. —Sinto muito, mas não há piscinas aqui.

—Mostre-me. —Disse ela, gostando da ideia de colocá-lo no chuveiro para que pudesse banhá-lo.

Iason segurou-a pela mão, levando-a a um banheiro adjacente à sala de estar. Ele puxou um cordão pendurado no teto. A água quente choveu do teto sobre uma plataforma de madeira no chão. Com um puxão em sua cintura, ele puxou o tecido livre. Ele caiu no chão e ele se virou para ela, sem vergonha de sua nudez. Sua bunda dura flexionou, instantaneamente atraindo sua atenção. Seus olhos se iluminaram com interesse quando ele se virou para ela com expectativa.

Cassandra puxou seu vestido, levantando-o sobre sua cabeça. Ela corou, seus cílios mergulhando sobre seus olhos. Um gemido baixo soou de seu marido.

—Você é linda. Eu não posso acreditar o quanto eu tenho sorte. —Iason segurou sua mão para ela, e ela a pegou. —Eu estava tão assustado em perder você.

—Eu estava com medo de ter fugido da única coisa que poderia me fazer feliz. —Ela disse. —Eu prometo falar com você no futuro se algo estiver errado.

Gotas caíam sobre eles como pequenas carícias eróticas. Ela as viu deslizar sobre sua pele bronzeada. Incapaz de resistir, Cassandra apertou-se contra ele. Ela sentiu cada curva de seu corpo contra o dela, encaixando perfeitamente. Seus braços apertaram ao redor dela, puxando seu rubor para sua ereção. Todo o medo e desespero que ela sentia se dissipou. É onde ela queria estar.

Afastou os cabelos molhados de seu rosto, deixando que seus lábios deslizassem sobre sua pele, beijando sobre seu pescoço. Seus movimentos se tornaram urgentes, tocando-a onde quer que pudesse chegar, provocando sua carne sensível.

—Eu amo te tocar. —Ela admitiu.

—E eu adoro prová-la. —Respondeu ele. Antes que ela pudesse piscar, Iason estava de joelhos diante dela, beijando seu estômago enquanto suas mãos deslizavam em torno de seu traseiro. Ruídos de animal escaparam de sua garganta enquanto deslizava para seu sexo. —Gosto de te beijar até o clímax. Eu quero sentir seu creme na minha língua.

Cassandra ofegou, alcançando a estreita borda ao lado do chuveiro para se segurar. Iason avançou, andando de joelhos até que ele a pressionou contra a parede. Eles ainda estavam no fluxo cheio da água caindo.

—Abra suas pernas para mim. —Ordenou ele. Ela obedeceu, apenas para ter uma perna levantada acima de seu ombro. —Muito melhor.

Ele gemeu para ela, seus lábios excitadamente se fechando sobre seu sexo. Sua língua desenhou ao longo de suas dobras, lambendo a água do chuveiro misturada com seu creme. Cassandra fez um barulho de aprovação antes de pegar a si mesma. Ela mordeu o lábio, não sabendo se as paredes eram finas entre as casas do caçador.

—Grite o que quiser. —Disse Iason, como se estivesse lendo sua preocupação.

Ela deu uma risada nervosa. —Eu vou ter que me acostumar com você dentro da minha mente.

Mesmo assim, havia algo libertador em não ser capaz de esconder qualquer parte de si mesma e saber que Iason a aceitava, com falhas e tudo mais. Sua boca continuou a trabalhar sua magia, sua cabeça batendo ao longo de sua coxa. Ele agarrou suas pernas, segurando-as forte.

—Êxtase. Perfeição. —Seus pensamentos eram dela, misturando-se enquanto o prazer era construído dentro dela.

Ela arqueou em sua boca, a água contra seus seios fazendo seus mamilos estremecerem com sensação. Ele enfiou a língua em sua passagem, trabalhando-a dentro e fora em um ritmo quase sobrenatural. Então, de repente, ele fechou a boca em torno de seu clitóris, criando um selo enquanto sua língua girava o botão sensível. Ela ficou tensa, dando pequenos gritos de aprovação. —Sim, sim, oh, sim!

Gemendo alto, ela gozou, batendo contra ele. Iason não parou quando suas mãos substituíram sua boca. Ele parou diante dela, acariciando seu sexo. Sentia-se insaciável.

—Honestamente, eu não fui capaz de pensar em outra coisa, desde que acordei na casa da curandeira. Por que isso? —Cassandra se balançou, sentindo-se insaciável.

—Nós chamamos isso de aflição. Isso acontece depois que somos deslocados por longos períodos de tempo. Liberação sexual ajuda a equilibrar nossas energias depois de nos transformarmos.

—Bem. —Ela fez uma pausa, alcançando entre suas coxas. —Vejo que você tem uma aflição.

—Sim. — Ele balançou seus quadris nela.

—Entre em mim. —implorou ela. —Eu quero você dentro de mim. Agora.

Iason levantou-a da plataforma, segurando as pernas dela para o lado para que ele pudesse entrar nela. A ponta de sua ereção, tão firme e pronta, roçou sua fenda. Ela inclinou seu corpo, segurando em seus ombros para apoio. Ele empurrou para dentro, dando-lhe tudo com um impulso forte. Ela gemeu com a profunda penetração, seu corpo instantaneamente se ajustando ao tamanho dele.

Ele segurou seus quadris, empurrando em um ritmo lento, profundo. Ela fechou os olhos, saboreando cada sensação. Seus dedos deslizaram sobre sua pele molhada, deslizando sobre o bíceps. Seus grunhidos de prazer a cercaram. Ela apertou os músculos de sua passagem, apertando-o com força. Seu ritmo vacilou.

—Eu amo a sensação de você em mim. —Ele conseguiu entre respirações ofegantes. —Aperte-me de novo.

Ela fez e ele começou a bater os quadris com mais força, montando-a quase violentamente. Cassandra não se importava, era exatamente o que ela queria. Seus pensamentos se misturavam dentro dela, misturando-se com os seus até que não passassem de uma série de grunhidos e gemidos de paixão compartilhada. Não havia segredos entre eles. Sentiu o que sentia, ouviu o que pensava. A tensão aumentou, até que de repente, seu corpo tremeu com o clímax.

O grito de Iason juntou-se a ela e ela sabia que ele estava gozando, mesmo com ele continuando a se movimentar violentamente. Então, com um gemido, ele congelou, seu corpo apertado tremendo com completa e total liberação.

Iason deixou seu corpo escorregar para que suas pernas estivessem mais uma vez no chão. Suas costas ardiam de onde esfregava ao longo da parede do chuveiro, mas ela não se importava. Segurando seu rosto, ele sussurrou: —Você é incrível.

Cassandra corou.

—Mesmo agora ainda há alguma inocência em você. —Ele riu.

Chegando ao lado, ele colocou xampu no seu cabelo, lavando-o e ela fez o mesmo. Seguindo pelo condicionador, o doce cheiro de ervas flutuava em torno deles. Então, agarrando o sabão, Iason começou a ensaboar seu corpo. Cassandra observava com interesse, apenas para fazer o mesmo quando lhe ofereceu o sabonete para se limpar. Ela lavou seu corpo, seus olhos permanecendo nele, seguindo suas mãos. A espuma aumentou contra sua pele e ela ficou excitada pelo olhar das mãos de Iason em seu corpo. Sua respiração ficou presa enquanto ele apertava seu pênis, limpando-o com movimentos lentos e torcidos. Antes que ela percebesse, ela estava se tocando também.

Seu ritmo aumentou, enquanto ele apertava o punho cada vez mais rápido. Cassandra gemeu, alcançando um pequeno orgasmo. Suas respirações fortes se misturaram. O chuveiro lavou o sabão deles quase rápido demais.

Iason pegou o cordão, puxando-o para que o chuveiro se desligasse. Cassandra estremeceu com a fresca mudança de temperatura. Ele lhe entregou uma toalha de lã grande para se secar, só para tirá-la dela quando ela tentou embrulhar seu corpo nu com ela.

Deixando cair à toalha no chão, Iason puxou-a para ele mais uma vez. Ele a beijou, seus lábios desesperadamente se movendo como se ele fosse a engolir. A pressão de sua pele úmida ondulou ao longo de seu corpo enquanto ele caminhava para trás em direção à sala de estar. Ela esperava que ele a levasse para um quarto e ficou surpresa quando ele parou no sofá.

Deitando-a gentilmente, ele continuou a beijá-la, passando por seu corpo em carícias. Sua língua desenhava ao longo de seu pescoço, dançou sobre sua clavícula, girou seus peitos e lambeu uma fuga ardente abaixo de seu estômago. Ele se

ajoelhou no chão, puxando seus quadris para que suas pernas pendurassem sobre a borda do banco. Não havia nenhum braço para bloqueá-lo enquanto ele mordiscava sua coxa interna.

—*Ah!* —Ela saltou com a mordida macia e ele instantaneamente a beijou. Sua boca trabalhou em seu fogo central, começando de novo o prazer agonizante de seus beijos íntimos. Até seus ossos pareciam ter se tornado líquidos.

—*Tão delicada.* —Disse ele, quase como se o pensamento tivesse escapado de sua mente. —*Tão frágil e doce.*

Por mais que gostasse de seus beijos apaixonados, ela queria senti-lo contra ela ainda mais. Puxando seu braço, ela o estimulou. Seus quadris se contorceram e suas pernas se separaram.

—*Por favor.* —Pensou, sem fôlego demais para falar as palavras. —*Eu quero você dentro de mim. Não me faça esperar, Iason. Eu quero você agora.*

Iason gemeu com suas palavras, sua expressão dizendo que ele precisava dela assim como ela precisava dele. Ela puxou mais forte e ele trouxe seu corpo para o dela, ainda ajoelhado no final do sofá. Seu corpo subiu levemente, como se tivesse movido um pé no chão, meio agachado, meio ajoelhado. Ela se arqueou para ele enquanto seu membro se esfregava ao longo de sua fenda. Era tão bom. Seu corpo estava molhado para ele e ele deslizou facilmente dentro dela.

Ela passou as mãos pelo peito dele, puxando-o para ela. Ele empurrou-a para cima no sofá com seus quadris, mantendo seus corpos unidos. Sua perna caiu para o lado. Não era a melhor posição, mas a urgência do momento superava qualquer desconforto.

Seu cabelo molhado grudou nos seus dedos enquanto ela tocava seu rosto e pescoço. Seu pé cravou no chão, usando-o como alavanca quando ele começou a se mover. Ela adorava ver seu corpo forte, flexionando e se movendo, os músculos ondulando sob a pele bronzeada. Ele encaixou-se profundamente, apenas para puxar para fora.

Iason controlou seus quadris, empurrando com ritmo perfeito. Ele ficou profundo, trabalhando em círculos rápidos e vibrantes. Os séculos na água claramente o haviam fortalecido até o ponto da perfeição. Cassandra enterrou as

mãos em seus ombros, as unhas mordendo a carne ligeiramente. Ela sentiu seu prazer como se fosse o seu.

—Sinto-me bem. —Ela conseguiu, ofegante. —*Tão bom. Não pare. Nunca pare.*

Ela segurou firme, um clímax forte a atingiu. Seu corpo se enfraqueceu, mas ele continuou empurrando, retardando apenas para levar sua parte traseira direita para cima. Os círculos vibratórios se intensificaram. Cassandra sacudiu forte, ofegando alto agora. Ela gozou, tão forte quanto pela primeira vez, só que agora seu corpo era tão sensível que cada pequena sacudida parecia que a incendiava. Ele continuou a empurrar, rápido e profundo. Ela gozou pela terceira vez, seu corpo se contraindo para que ela não pudesse nem sequer se mover. O grito de vitória de Iason ecoou em sua mente e ele chegou ao clímax, liberando sua semente dentro dela.

Respirando com força, seu corpo se enfraqueceu, caindo para frente enquanto ele apoiava seu peso em seu braço. O cabelo úmido roçava sua bochecha enquanto se movia. Ela gemeu suavemente, incapaz de dizer uma palavra. Não saindo, ele manteve a maior parte de seu peso acima dela, prendendo ela abaixo dele. Ele puxou para fora, acariciando seu pescoço com beijos, gemendo em suave contentamento. Sua boca roçou o canto de seus lábios entreabertos.

Depois de algum tempo ter passado e sua respiração abrandado, Iason afastou-se. Ela não se moveu, desfrutando de observá-lo quando ele estava ao lado dela.

—*Não consigo acreditar em como você é incrivelmente bonita.* —Pensou.

Seu sorriso se alargou e seus profundos olhos verdes pareciam brilhar.

Cassandra franziu o cenho, horrorizada enquanto se sentava. —Ah não!

—O quê? —Ele perguntou, instantaneamente ajoelhado em preocupação. —O que foi? O que aconteceu?

—Eles podem me ouvir? —Ela sussurrou, seus olhos arregalados e chorosos. —Os outros no palácio, eles podem ouvir meus pensamentos? Porque eu pensei que a coisa sobre o seu... E, um, o seu... —Ela fez um ruído fraco, mesmo quando ele riu. —Não é engraçado. Todos eles vão pensar que eu sou...

—O que? Bonita? Amada? Sexy? Casada com um marido incrivelmente sortudo?

—Devassa! —Cassandra gritou.

—Eles não te ouviram. —Ele riu. —E eu não me importo que você seja devassa. Eu gosto de você sendo devassa.

—Oh. —Ela instantaneamente relaxou. —Você está certo? Porque Bridget estava dizendo algo sobre um banquete esta noite e se eu tenho que ir a qualquer lugar, eu não seria capaz de enfrentar o palácio, e muito menos um rei, se eles me ouviram.

—Você estava concentrada em mim, então os pensamentos foram só para mim. —Iason beijou a ponta de seu nariz antes de puxá-la para ficar com ele. Ele a levou até uma porta ao lado do banheiro. Era seu quarto, tão simplesmente decorado como o resto da casa. Viver no palácio seria bom, mas ela achava que sentiria falta da propriedade rural.

—Vamos voltar lá. —Disse ele em resposta ao pensamento. —Mas, eu espero que você possa encontrar prazer aqui no palácio também. Tenho a certeza de que Aidan e Bridget vão ajudá-la a encontrar o seu caminho e você é bem-vinda para decorar ou fazer o que quiser nesta casa. —Cassandra rastejou sobre a cama, deitando sobre as cobertas. Ele estava imediatamente ao lado dela, acomodando seu corpo ao longo do dela. Ele beijou sua têmpora levemente, envolvendo-a em seus braços. —Você pode ser feliz aqui, no palácio? É onde eu gostaria que você ficasse quando eu estiver fora em uma caçada.

—Eu posso ser feliz em qualquer lugar, contanto que eu esteja com você. —Disse ela. —Mas, sobre essas caças.

—Sim?

—Você vai ter cuidado, certo? —Ela olhou profundamente em seus olhos, deixando-o sentir sua preocupação e sua aceitação. —Eu sei que o que você faz é importante, mesmo se os seres humanos que você salva não percebem isso. Nunca lhe pedirei que pare de caçar, mas prometa-me que terá cuidado quando fizer isso e virá para casa para mim.

—Eu prometo. Tenho todas as razões para viver. Eu tenho você. —Ele mais uma vez beijou sua têmpora levemente.

—O que você faz com a scylla uma vez que você a pega? —Cassandra se aconchegou em seu calor e fechou os olhos. —Elas não vão escapar para machucar os outros, não é?

—Elas estão presas e muitas delas morrem em poucos dias, uma vez que estão fora do oceano. —Ele suspirou. —Elas não são tratadas cruelmente, mas deixá-las livres é sentenciar muitos à morte.

Ela assentiu com a cabeça. Seu corpo estava satisfeito e nada mais no mundo ou no oceano importava. —Você é um bom homem, Iason, e você me faz muito orgulhosa de ser sua esposa. Eu te amo.

—Eu também te amo, minha doce Cassandra. —Seu aperto em seu lado intensificou quando ele a puxou para ele.

De repente, uma batida soou na porta. Iason riu, mas não respondeu.

—O que é? —perguntou ela.

—Provavelmente alguém veio nos buscar para o banquete que estamos perdendo. —Respondeu ele.

—Isso é agora?

—Sim.

Cassandra não queria se levantar e, por falta de movimento do marido, tampouco queria.

—O que é isso? —Perguntou ela.

—Para que o rei possa anunciar nosso casamento. A celebração é para nós.

—Estamos casados, certo? —Ela perguntou, lutando para se sentar. Ele a segurou com mais força.

—Sim, nós estamos casados. Deixe-os comemorar sem nós. Eu tenho todo o banquete que quero aqui.

Ele olhou para baixo em seu corpo significativamente. Ela riu, batendo levemente no braço dele.

—Não vamos ter problemas?

Cassandra fechou os olhos.

—Sim, mas apenas dê um dos seus sorrisos doces ao rei e seremos perdoados. Com seu rosto bonito, quem poderia ficar bravo?

A batida soou mais alto do que antes. Ambos riram, sem se moverem para responder.

—*Eu te amo.* —Ela pensou, deixando um sono calmo reivindicá-la.

—*E eu a você, minha esposa.*

FIM

GRUPO RHEALEZA TRADUÇÕES

Não perca nossos lançamentos!!
Curta nossa pagina no [facebook](#) e fique
Sempre por dentro das novidades.

